

Proletários de todos os países UNI-VOS!

 **Avante!**

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 31 de Agosto de 1995 • Preço: 150\$00 (IVA Incluído) • N.º 1134 • Director: Carlos Brito

Avante!

**Número especial
no sábado**

Como já é de tradição,
o «Avante!» publica um número
especial a ser distribuído na Festa

PCP APRESENTA PROGRAMA ELEITORAL

Três dias na Atalaia

 **A festa!**

Editorial A tónica da confiança

A tónica da confiança



PCP apresenta Programa Eleitoral

RESUMO

23 Quarta-feira

A CDU apresenta o seu «compromisso eleitoral» no distrito de Aveiro ■ O Governo Regional dos Açores escolhe a proposta da Tabacueira para a compra da empresa Tabacos Micaelense ■ O Zaire prossegue o repatriamento forçado de dezenas de milhares de refugiados hutus para o Ruanda e o Burundi ■ O Rei Hussein da Jordânia denuncia que o Iraque pretendia atacar o Kuwait e a Arábia Saudita ■ Uma greve geral paralisa Carachi, no Paquistão, provocando confrontos de rua e tiroteios.

24 Quinta-feira

Carlos Carvalhas apresenta o Programa Eleitoral do PCP para as legislativas ■ A Juventude CDU apresenta um documento que reivindica a elaboração urgente de um plano hidrológico português e de planos para as principais bacias ■ A CGTP-IN alerta para os elevados números dos acidentes de trabalho ■ Ferreira do Amaral decide adjudicar a empreitada de reforço da Ponte 25 de Abril ao consórcio liderado pelos alemães DSD ■ O secretário-geral da ONU, Butros-Ghali, participa na abertura da sessão anual do Instituto de Direito Internacional ■ O Zaire decide suspender as operações de repatriamento de refugiados hutus ■ A OLP e Israel chegam a um entendimento sobre a partilha da água da Cisjordânia.

25 Sexta-feira

O Secretário-geral do PCP participa num comício na Praça da Ribeira, no Porto ■ Um estudo da Secretaria de Estado do Planeamento revela que as exportações portuguesas poderão perder dinamismo devido ao abrandamento da economia comunitária ■ A vaga de calor provoca incêndios mais violentos por todo o país ■ Várias centenas de pescadores bloqueiam uma estrada na Galiza, protestando contra a falta de progressos nas negociações de pesca entre a UE e Marrocos ■ O Presidente egípcio Hosni Mubarak oferece asilo político a Saddam Hussein, para evitar «um banho de sangue» ■ O Governo de Londres anuncia que irá libertar uma centena de prisioneiros republicanos e lealistas ■ O Tribunal Internacional de Haia recebe queixas das ilhas de Samoa e Salomão contra os ensaios nucleares franceses.

26 Sábado

Várias organizações, nomeadamente a CGTP-IN e a Comissão para os Direitos do Povo Maubere, entregam ao secretário-geral da ONU uma carta relativa à questão de Timor ■ Duas mil famílias de camponeses sem terra invadem três fazendas no

Estado de São Paulo, no Brasil ■ Inicia-se na China o Fórum Global das Líderes Feministas ■ O Iraque confessa à ONU que, depois da invasão do Kuwait, preparou ataques os seus vizinhos com armas biológicas ■ Os ministros dos Negócios Estrangeiros dos países da Organização da Conferência Islâmica reúnem-se para discutir a situação na Bósnia ■ Na Coreia do Sul, as chuvas torrenciais provocadas pelo tufão «Janis» causam cerca de 50 mortos.

27 Domingo

Carlos Carvalhas participa num comício-festa da CDU no Couço ■ Álvaro Cunhal realiza encontros com a população do distrito de Beja ■ Os incêndios continuam a lavrar por todo o país ■ Uma bomba é encontrada numa via de um comboio de alta velocidade, na França ■ Os guerrilheiros zapatistas do México organizam um referendo à escala nacional sobre o seu futuro ■ Por todo o mundo, realizam-se manifestações antinucleares ■ As autoridades francesas decidem manter sob vigilância os navios que compõem a «frota da paz», procurando prevenir qualquer intrusão nos atóis da Muroa.

28 Segunda-feira

Vitor Dias apresenta as grandes linhas e os principais materiais de campanha da CDU para as eleições legislativas ■ Carlos Carvalhas e Octávio Teixeira visitam os estaleiros de Sines ■ A CGTP apresenta a sua política reivindicativa para 1995 ■ O Banco de Portugal anuncia a descida das taxas de juro ■ Mais de três dezenas de civis morrem no centro de Sarajevo, devido a um ataque desencadeado com morteiros ■ Inicia-se na África do Sul a cimeira da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral ■ A Marinha dos EUA anuncia que oito navios norte-americanos carregados de equipamento militar e armamento entraram no Golfo Pérsico.

29 Terça-feira

PS e PSD continuam a não se entender sobre a realização de debates, prolongando a expectativa ■ Portugal está ausente, em Bruxelas, na reunião convocada pela Comissão Bonino na qual seria apreciada a situação de impasse nas negociações com Marrocos sobre pescas ■ Os Estados Unidos, a pretexto do bombardeamento de Sarajevo, que atribuem aos sérvios, manifestam a intenção de atacar as tropas sérvias ■ Líderes sérvios da Bósnia rejeitam responsabilidade no bombardeamento de Sarajevo e aceitam plano de paz dos EUA ■ O comandante de uma base aérea do Iraque deserta para a Arábia Saudita ■ Chevamadze escapa de atentado bombista em Tbilissi.

Nas iniciativas e no discurso da CDU resalta uma crescente tónica de confiança.

Há boas razões para isso.

Na verdade, as mais recentes realizações de campanha promovidas pelos comunistas e os seus aliados, especialmente nas áreas metropolitanas do Porto e de Lisboa, no Alentejo, nos distritos de Setúbal e de Santarém, no Minho e no Algarve, na zona centro e noutras regiões, estão a testemunhar uma expressiva e ascendente corrente de simpatia e adesão à mensagem e às propostas da Coligação Democrática Unitária.

A par desta corrente de simpatia e da grande capacidade de realização a que vem associada, e que põe em evidência um nível já apreciável de dinamização das estruturas partidárias do PCP e dos outros activistas da Coligação, a CDU por si, e pelas suas componentes, concretizou, nestes dias, outros passos da maior importância na sua estratégia e organização para a batalha eleitoral.

O facto de ser o PCP a primeira força partidária a apresentar o Programa Eleitoral - um documento consistente e portador da mensagem de uma verdadeira política alternativa - e o facto de ser a CDU a primeira força eleitoral a trazer a público as linhas e os principais elementos inovadores da sua campanha no plano da propaganda, não são apenas demonstrativos de uma especial operatividade, que já seria importante, mas traduzem uma profundidade e uma vitalidade políticas, que deitam por terra as especiosas intrigas dos que tentam negá-las.

A duas semanas do início oficial da campanha eleitoral, a CDU já está preparada, apetrechada e municiada nos aspectos essenciais da sua proposta política e nas mais importantes formas propagandísticas de a levar ao eleitorado. Há que valorizar e aproveitar esta vantagem para atenuar a brutal desigualdade de recursos financeiros e apoios na comunicação de que disfrutam os seus principais adversários.

Agora é essencial intensificar a denúncia e o desmascaramento das escandalosas e antidemocráticas discriminações, silenciamentos e deformações, que a CDU está a sofrer, da parte de alguns dos mais importantes órgãos de comunicação social; intensificar, ao mesmo tempo, o combate esclarecedor à bipolarização e às manipulações e intrigas desenvolvidas pelo PSD, PS e PP para condicionarem a escolha livre do eleitorado; intensificar, sobretudo, o contacto e o diálogo directo com as populações para os quais as estruturas e os activistas da CDU estão especial-

mente vocacionadas e onde levam vantagem sobre os das outras forças concorrentes.

A Festa do «Avante!», que tem amanhã a abertura da sua 19ª edição, proporciona excelentes condições de preparação e de desenvolvimento de todas estas direcções essenciais de trabalho.

Não se trata evidentemente de uma qualquer instrumentalização eleitoralista da nossa Festa, consensualmente considerada a maior iniciativa político-cultural de massas que se efectua no nosso país e que tem justamente este ano um programa cultural de altíssimo nível pela variedade, a novidade e a qualidade das manifestações que vão ter lugar, designadamente, nos domínios da música (nas suas múltiplas expressões), das artes plásticas e do teatro.

A Festa do «Avante!» sempre reservou, porém, um espaço muito

A duas semanas do início oficial da campanha eleitoral, a CDU já está preparada, apetrechada e municiada nos aspectos essenciais da sua proposta política e nas mais importantes formas propagandísticas de a levar ao eleitorado. Há que valorizar e aproveitar esta vantagem para atenuar a brutal desigualdade de recursos financeiros e apoios na comunicação de que disfrutam os seus principais adversários.

especial ao seu programa político e nunca pretendeu esconder a sua qualidade de festa do PCP, onde se projectam os grandes valores, as grandes causas e as grandes batalhas dos comunistas portugueses.

A grande batalha política do momento, não só para os comunistas, mas para todos os portugueses e para o futuro do nosso país, é, sem nenhuma espécie de dúvida, o acto eleitoral do próximo dia 1 de Outubro e a campanha eleitoral que o precede.

Com efeito, do que se trata nessa data é de fazer a escolha da futura composição político-partidária da Assembleia da República e em consequência dela a natureza do futuro governo e da futura política do nosso país.

É o momento soberano de respon-

der aos desafios que estão colocados a Portugal e de encontrar ou não a saída para a encruzilhada em que foi colocado pela política de direita.

Por tudo isto, a batalha eleitoral estará no centro de todos os actos políticos da Festa, desde o discurso inaugural ao grande comício de encerramento, onde usarão da palavra Carlos Carvalhas e Álvaro Cunhal, passando pelos colóquios, os debates, as exposições políticas, as palavras de ordem, e até pelo número especial do «Avante!» que será distribuído durante a Festa.

Esta é, por tudo isto, uma ocasião única não só para promover a mobilização para os trabalhos e tarefas da campanha eleitoral de todos aqueles que já estão com o PCP e a CDU, mas sobretudo para concretizar novas adesões e novos activistas.

Ao apresentar à comunicação social e por intermédio dela ao país o Programa Eleitoral do PCP, Carlos Carvalhas salientou de modo muito expressivo: «É chegada a hora de uma corajosa e assumida ruptura com os objectivos fundamentais, as concepções e os métodos da política de direita.»

É esta atitude que singulariza a posição eleitoral e a proposta de uma nova política defendida pelo PCP, como uma política de esquerda e a verdadeira alternativa.

Confira-se esta atitude com as justificação de que «temos uma margem de manobra muito limitada», que Guterres acaba de apresentar na recente entrevista ao «Diário Económico» para concluir que «há áreas em que governos socialistas ou social-democratas serão, pelas circunstâncias, levados a agir da mesma forma». Isto para já não falar na posição de Nogueira que pretende colocar o eleitorado perante o absurdo e antidemocrático dilema «ou o PSD ou o caos» e da posição de Monteiro, a hesitar entre os «dois tachos», mas mostrando apetite para comer de qualquer deles.

Neste quadro, qualquer debate televisivo em que a voz do PCP seja excluída, não representará apenas a violação do princípio básico democrático da igualdade, o que o tornará ilegítimo, mas constituirá a supressão «administrativa» da verdadeira voz discordante e da posição autenticamente alternativa em relação aos destinos do país, o que o tornará antipatriótico.

O escândalo será maior se um tal debate discriminatório for travado ao nível dos líderes do PS e do PSD, tão irmanados na defesa de uma política semelhante.

A singularidade desta posição do PCP, que tantos receios e engulhos provoca, é mais uma razão que justifica a crescente tónica de confiança.

Regresso da Lua

Regressado de três meses de férias na Lua, o autor destas linhas esperava que, por estes dias, ocorresse a célebre manifestação contra Espanha há uns meses garantida por Luís Filipe Meneses, o distinto líder português do PSD.

Logo lhe explicaram porém que aqui há umas semanas num discreto pequenino-almoço com jornalistas que, por sua vez, deu origem a três discretas linhas numa ignota notícia, L.F. Meneses tinha suavemente deixado cair a ideia e que, sem sobressalto de maior, o assunto tinha morrido de morte natural, ou seja, sepultado pela sucessão de outros episódios, casos, controvérsias e espalhafatós de similar importância e seriedade.

O abaixo assinado, manifestamente afetado pelas férias lunares, ainda perguntou como era possível que aqueles que tinham gasto rios de tinta com L.F.M. e a sua patriótica manifestação não tivessem gasto simétricos rios de tinta a pôr merecidamente de rastros os últimos resquícios de respeitabilidade política de L.F. Meneses.

Perguntar, perguntou. Mas, como resposta, só encontrou um encolher de ombros e

um seco e algo amargurado desabafo: «isto está assim».

O único eventual interesse desta desajeitada rábula formal é o de pôr em evidência a forma como uma complexa teia gerida pelos interesses e ideias dominantes e pelas forças e instrumentos que os servem estão procurando submergir a vida política nacional com sucessivos e infundáveis fogos fátuos e com um frenesim mediático apostado no esquematismo, na superficialidade, no efémero, no culto invertido da política-espectáculo, na volúpia do acessório e na vertigem das «pequenas frases» e dos grandes truques.

Na conjuntura eleitoral que vivemos, os objectivos fundamentais deste temível empreendimento - que tem na propaganda da «bipolarização» PSD-PS acompanhada de deslumbramentos com o CDS/PP um vértice essencial - são os de impedir os cidadãos de relacionarem os seus motivos de descontentamento com a política que está na sua origem, dificultar uma implacável determinação de responsabilidades, anestesiar a exigência de uma mudança real, semear o desânimo e favorecer a abstenção de segmentos

do eleitorado que tanto precisariam de fazer ouvir a sua voz, exilar do debate eleitoral os factos, os problemas e as propostas concretas, calar, marginalizar e deturpar a voz forte e corajosa do PCP e da CDU que frontalmente combate este vistoso mas triste espectáculo em que a agitação verbal serve para esconder a resignação e as promessas da «nova maioria» servem para esconder uma voluntária subordinação à política de direita.

Dito o que fica dito, nada de confusões. Nos próximos trinta dias nunca nos esqueçamos que o país não se reduz ao universo dos «media» e que há centenas de milhares de portugueses que podem ser tocados pela nossa mensagem de verdade de seriedade, de esperança e de mudança a sério.

Cabeça fria, paixão e convicções, vivacidade de argumentos ancorados nos problemas e preocupações dos cidadãos, vontade de triunfar e engodo pela baliza - talvez aqui estejam algumas coisas essenciais para enfrentar com êxito os trinta dias de nevoeiro político que nos separam de 1 de Outubro.

■ Vítor Dias

O dia seguinte

Quatro semanas das eleições legislativas e quando já começam a ser chamados ao debate os argumentos «dramatizadores» da ponta final, a elaboração de «cenários» pós-eleitorais, com maior ou menor recurso a sondagens, multiplica-se como os cogumelos. E vale tudo ao serviço da estratégia bipolarizadora do PS e do PSD.

Para amostra, sintetizem-se os passos da «demonstração» que um pluri-mitativo apresentava há poucos dias num conhecido matutino de Lisboa: 1 - «nem o PCP nem o PP poderão fazer coligações parlamentares ou governamentais a partir do dia 1 de Outubro com os partidos ideologicamente mais próximos»; 2 - «se sair vencedor do sufrágio apenas o suicídio político levará o PS a aceitar os comunistas como parceiros governamentais»; logo 3 - «na óptica do PCP, a única opção possível é viabilizar um governo PS»... (destaques nossos).

Ora, na óptica do PCP, está dito e redito que em nenhuma circunstância o papel dos comunistas será o de «apoiar» um hipotético governo do PS ou de lhe servir de bengala. Acertadamente andarão os analistas se cortarem do léxico o verbo apoiar e o substantivo bengala...

Não se pode ser mais preciso do que no Programa Eleitoral do PCP, onde claramente se explicita que uma viragem democrática subsequente às eleições legislativas de Outubro envolve de forma conjunta a ques-

tão do poder democrático e a concretização de uma nova política.

Com os olhos postos no dia 2 de Outubro, importa salientar que a dogmática da bipolarização objectivamente bloqueia as possibilidades de mudança democrática e prolonga a política de direita nos seus objectivos fundamentais, concepções e métodos. E que os factores mais dinâmicos que a presente situação comporta decorrem da ocorrência simultânea da derrota eleitoral do PSD, da colocação do PSD e do CDS em minoria e da inexistência de qualquer maioria absoluta monopartidária na futura AR e do significativo reforço da representação parlamentar do PCP e da votação da CDU.

Com os olhos postos no dia 2 de Outubro, podemos afirmar com plena consciência e convicção de que muito diferente e melhor será a vida em Portugal se as orientações e propostas do PCP marcarem ou de alguma forma influenciarem a política do futuro governo do país. E que o PCP está plenamente em condições - dependendo apenas da vontade do eleitorado - de contribuir, também na frente governativa, para a resolução dos problemas nacionais e para que seja dada boa resposta aos interesses e aspirações dos trabalhadores e do povo português.

■ Edgar Correia

O Debate

Há para aí uns dois meses que o «Público» se preocupa e procura preocupar os seus leitores com o Debate.

Como diria Eça, «parecia realmente indecoroso que Lisboa, já civilizada», já europeia, «com teatro lírico e outros regalos de capital eminente» — como o baile das debutantes abrilhantado pelo casal Judas, o Big Show Sic, os tabus de Cavaco, António on the road, a Pontinha e o Pontal — «não tivesse esse chique» mediático — o DEBATE. Não o debate banal, plural, velho, caduco, ultrapassado — mas o DEBATE: moderno, singular, europeu, euro-norte-americano, entre dois e apenas dois concorrentes criteriosamente seleccionados, não para confrontar políticas e ideias mas para, através de uma qualquer «máquina da verdade» adaptada às circunstâncias, aferir das capacidades histriónicas, linguísticas e boutáficas de cada um dos concorrentes.

Por tudo isto, o DEBATE adquiriu lugar cativo regular na primei-

ra página do prestimoso «Público»: «Nogueira e Guterres ao vivo para todos»; «o PS recusa a RTP por suspeitar da sua isenção»; o PSD não quer a TVI porque tem «baixas audiências»; (resta, portanto, a SIC que tem altas audiências e, pelos vistos, é de isenção insuspeita); «PS quer dois debates na TV (...) um na SIC e outro organizado por um jornal» (o «Público» não diz qual o jornal organizador desse segundo debate mas se o informado matutino me permite sugerir: por que não o «Público»?; tem altas audiências, é tão órgão oficial do PS como a SIC — logo é isento —, tem o Miguel Sousa Tavares a meias com a SIC — só lhe falta o João Baião mas também não se pode ter tudo o que é bom, não é verdade?)...

O certo é que o respeitável «Público» quer que o DEBATE tenha a encenação necessária para vir a ficar conhecido como «o pai de todos os debates»; quer que o DEBATE seja notícia todos os dias para vir a ser a notícia do dia. É possível até que a secção do

«Público» de futuros assessores do engenheiro Guterres tenha já redigido a notícia sobre como decorreu o Debate utilizando mais uma vez o ovo de Colombo informativo descoberto na Quinta do Lambert e que consiste em: 1º — prever o que interessa que se passe; 2º — concluir que o que se passou é o que havia sido previsto.

Tudo isto não passaria de ridícula palhaçada colectiva (envolvendo «Público» e SIC, Guterres e Nogueira, Dupond e Dupont, etc. e etc.) se não se tratasse de uma grave operação de manipulação do eleitorado, expressão máxima de novo tipo de intervenção eleitoral por parte de órgãos de comunicação social e de dirigentes partidários que fere profundamente a democraticidade do próximo acto eleitoral.

A isenção e o pluralismo da SIC ficam claros quando, depois de anunciar recusar-se a cumprir a lei que obriga à cedência de tempos de antena a todos os partidos, se prepara para organizar um debate no qual participam apenas

dois dos partidos concorrentes às eleições. Pelo seu lado, o «Público» desnuda-se e exhibe-se como Deus o trouxe ao Mundo: nuzinho; incapaz de esconder a sua paixão pelo engenheiro Guterres e incapaz de confessar e assumir publicamente essa paixão mas capaz — capacíssimo — de utilizar em pleno o a-b-c desinformativo, mistificador e manipulador da nova ordem comunicacional. Fica também visível a olho nu o conceito de eleições democráticas e livres que povoa as mentes dos líderes do PSD e do PS ao estimularem e aceitarem participar num debate que exclui todos os que se lhe opõem.

Quanto aos donos da SIC e do «Público», esses hão-de sorrir e rir e gargalhar face à palhaçada que lhes é proporcionada por tão zelosos servidores — e dormirão tranquilos. Porque sabem que seja quem for o vencedor do debate, eles — ou seja, a política de direita — serão os verdadeiros vencedores. Do DEBATE, obviamente.

■ José Casanova

SAHARA Com a Polisário

O conflito que há 22 anos opõe a Frente Polisário (F.P.) a Marrocos sobre o destino do Sahara Ocidental esteve no centro de todos os debates no 9º Congresso da F.P.

Como é sabido, a Espanha fez um Acordo tripartido em 14.11.75 com Marrocos e a Mauritânia, através do qual dividiu entre esses dois países o Sahara Ocidental, sem ouvir a opinião do povo sahari.

Para combater tão iníquo processo de «descolonização» que consumou a partilha do Sahara, o povo sahari, liderado pela F.P. iniciou, com o apoio da Argélia, a luta armada de libertação nacional. A F.P. obteve importantes êxitos militares, políticos e diplomáticos. Foi, entretanto, proclamada a República Árabe Sahauri Democrática, reconhecida por mais de 80 países e com assento na OUA. A Mauritânia acabou por se desligar do Tratado e Marrocos ocupou militarmente esse território do Sahara.

Em 1991, o balanço militar era este: nem a F.P., face aos meios militares marroquinos, seria capaz de vencer Marrocos, nem este seria capaz de impedir e expulsar completamente a F.P. do Sahara Ocidental.

A luta da F.P., a unidade do povo sahari em torno da luta pela independência, a solidariedade internacional, levaram Marrocos a ter de aceitar a solução preconizada pelas Nações Unidas e OUA: um referendun cujos participantes deveriam ser determinados pelo recenseamento espanhol de 1974.

É, então, proclamado o cessar-fogo, são transferidos para o Sahara Ocidental milhares de soldados da ONU e o referendun deveria ter lugar em 1992... Só que, até hoje, com o apoio da França e Espanha e outros, Marrocos tem conseguido impedir a realização da consulta.

O diferendo processual invocado por Marrocos toca o cerne do problema: o número de votantes.

A base em que assentava o referendun aprovado era o recenseamento de 1974 elaborado pela Espanha, mais uns acertos relativamente pacíficos em torno de vínculos sanguíneos dos recenseados.

Marrocos, porém, quer outro referendun. Um referendun onde votem marroquinos; sem liberdades democráticas para os saharis, e onde as manifestações são brutalmente reprimidas e os manifestantes punidos com pesadas penas; sem observadores internacionais e mais ou menos secreto, isto é, sem notícias acerca dos seus preparativos e do seu andamento.

Esta situação coloca novos e complexos problemas à luta da F.P. Há quatro anos que vivem numa atmosfera que nem é de paz nem é de guerra.

Marrocos não está interessado num verdadeiro referendun e na Europa e na ONU não há vontade de fazer cumprir as resoluções do Conselho de Segurança concernentes.

É bom que se saiba que as populações saharis vivem hoje no famigerado Hamada, o Deserto da Morte, uma das regiões mais inóspitas do mundo, com um calor terrível no Verão e um frio brutal no Inverno. Não tinham outra escolha para poderem continuar a luta. É que o Hamada faz fronteira com o Sahara Ocidental e só daquela região podiam atingir em segurança o ocupante. É, pois, num contexto geográfico terrível, e numa conjuntura regional e internacional desfavorável que o 9º Congresso da F.P. teve lugar.

Apesar do impasse, das dificuldades, os saharis estão unidos em torno da luta pela libertação da sua pátria. Essa é a maior certeza.

Vale a pena lembrar que Portugal está profundamente interessado num Magreb estabilizado, onde os povos decidam livremente os seus destinos, incluindo o povo sahari. Esta filosofia implicará de Portugal uma postura descomprometida em relação a Marrocos. Os interesses de Portugal e dos portugueses passam por um bom relacionamento com todos os povos e países da região, e contra o afunilamento das relações com Marrocos.

■ Domingos Lopes

Carlos Carvalhas no concelho de Coruche

Confiança na eleição do segundo deputado pelo distrito de Santarém

A pré-campanha da CDU no distrito de Santarém, em plena recta final, conheceu no último domingo um dos seus pontos altos com a deslocação do secretário-geral do PCP ao concelho de Coruche. Nas três iniciativas em que participou, fortemente concorridas, onde não faltaram as manifestações de simpatia e apoio, uma tónica comum: a confiança na obtenção de um bom resultado eleitoral, sinónimo, no caso vertente, do reforço da representação parlamentar com a eleição do segundo deputado pelo distrito.

Visível em todas as acções, este ambiente de grande empenhamento e confiança esteve particularmente patente no grande comício que reuniu largas centenas de pessoas no Largo da Liberdade, no Couço. Sob um sol impiedoso, e apesar de se estar no auge da campanha do tomate, foram muitos os que não quiseram faltar à chamada nem perder a oportunidade de ouvir Carlos Carvalhas pronunciar-se sobre os mais recentes desenvolvimentos da actualidade política. Em foco, nas intervenções do dirigente comunista, estiveram sobretudo a apresentação do programa eleitoral do PCP, bem como a importância do reforço da CDU. Comentadas, detalhadamente, foram ainda, por um lado, a mais recente tese do PSD introduzida no seu discurso eleitoral sobre a alegada confiança que inspira a sua política e o seu chefe, e, por outro, a "teoria do caos" já lançada pelas hostes laranjas procurando fazer crer que uma mudança de política representará uma desgraça e um retrocesso para o País.

Sempre acompanhado por Luísa Mesquita (cabeça de lista da CDU pelo círculo de Santa-

rém), por Manuel Brandão (igualmente candidato e presidente da Câmara de Coruche), e por Carlos Brito, da Comissão Política e Director do nosso jornal, Carlos Carvalhas iniciou esta deslocação por terras do Sorraia com uma visita à freguesia de Erra, a mais antiga do concelho de Coruche e a segunda onde a CDU regista a sua maior votação. Num encontro no Centro Social, dirigindo-se aos presentes, Carvalhas proferiu breves palavras referindo no fundamental a tónica de confiança existente em torno do trabalho e da campanha da CDU e, bem assim, a possibilidade de ser alcançado um bom resultado.

Confiança esta compartilhada por Armando Rodrigues, membro do CC do PCP e da DORSA, sublinhada em conversa com o "Avante!" no almoço que juntou na etapa seguinte desta visita, mais exactamente na freguesia da Fajarda, cerca de três centenas de activistas e simpatizantes da CDU. "Existe um bom ambiente e é grande a confiança nas propostas do PCP e da CDU", assinalou Armando Rodrigues, acrescentando que é esta base que suporta a "convicção de que o concelho de

Coruche contribuirá para a eleição do segundo deputado da CDU pelo distrito".

Freguesia predominantemente rural, em pleno crescimento, com uma população jovem, onde a CDU detém a maioria absoluta, Fajarda recebeu Carlos Carvalhas num aprazível local fortemente arborizado, adjacente às futuras instalações da Junta de Freguesia. Depois de uma sardinhada (a este propósito, num comentário aos que dizem com petulância que o PCP passa a vida em sardinhas, Carlos Carvalhas, na sua intervenção, responderia que o fazemos e não temos problema nenhum nisso porque somos um Partido popular, que está com o povo), foi tempo de prolongar o convívio com a actuação do Rancho Folclórico local, a que se seguiu um período de intervenções, acto presidido por António Teles, presidente da Assembleia Municipal de Coruche.

Antecedido no uso da palavra por Manuel Brandão (que sublinhou o facto de os candidatos da CDU serem movidos única e exclusivamente pelo objectivo de



Entusiasmo e confiança marcaram o comício no Couço

defender os interesses das populações e não por quaisquer outros interesses particulares ou de grupo) e por Luísa Mesquita (que enfatizou as diferenças na forma de fazer política e no estilo de campanha que separam a CDU das restantes forças políticas), Carlos Carvalhas, último orador, pôs o acento tónico do seu discurso na questão de saber a quem é que serve a política do PSD e no que é que Portugal ganhou

durante o consulado cavaquista (ver discurso nesta página).

Trave mestra da sua intervenção, este tema voltaria a ser gloriado pelo dirigente do PCP na intervenção com que encerrou o comício-festa que encheu boa parte do relvado no largo fronteiriço ao edifício da Junta de Freguesia do Couço. Atentamente seguidas por uma plateia que não regateou aplausos nem se cansou de gritar CDU, as palavras de

Carvalhas não puderam deixar de constituir um renovado estímulo à dinâmica e ao trabalho em curso numa terra com gloriosas tradições de resistência onde os seus filhos, como salientou Manuel Brandão, que precedeu a intervenção de Luísa Mesquita, saberão uma vez mais "ser dignos do passado de que nos orgulhamos, do presente que construímos e do futuro em que acreditamos".

Carlos Carvalhas no Couço

PSD é de confiança para o capital não para a maioria do povo

(...)

O Programa eleitoral do PCP é um contributo para que nestas eleições se debatam propostas, soluções, alternativas, para que o debate não fique no acessório, nos insultos, no clubismo. Porque é isso que outras forças políticas querem: que não se debatam os reais problemas, que o povo não escolha em função dos projectos, das propostas e das soluções, mas da gritaria, das falsas sondagens, dos slogans, das acusações, para levar com isto, inclusive, muita gente a abster-se.

(...)

A política do PSD é de confiança para quem, dá confiança a quem? Aos que se governam com os fundos estruturais? Naturalmente. Aos que se governam com Orçamento de Estado? Naturalmente. Aqueles que se governam com as privatizações? Naturalmente. A clientela do PSD? Naturalmente. Mas são esses a maioria do povo? Não. A maioria do povo são aqueles que trabalham, aqueles que criam riqueza, aqueles que têm dificuldades, aqueles que querem e não encontram emprego. Estes não estão à mesa do Orçamento; para estes, esse senhor (Fernando Nogueira) não é de confiança. Esta é uma política que serve o grande capital mas que não serve os interesses do nosso povo, dos trabalhadores.

(...)

Fernando Nogueira disse, em comício no Norte, que Portugal poderia perder aquilo que já ganhou, isto para dar a ideia de que saindo o PSD derrotado poderá vir aí um cataclismo. É a teoria do nós ou o caos. Se nós nos vamos embora é o caos.

Mas o que é que Portugal ganhou com estes anos? Estamos na cauda da Europa; há desemprego que atinge cerca de meio milhão de cidadãos que não estão a ser aproveitados e que gostariam de trabalhar, criar riqueza, ter uma vida digna.

É isto que Portugal ganhou?

O mesmo em relação à Saúde. Estamos nós de acordo com a privatização da saúde, com o negócio da saúde - criando depois um serviço mínimo para os indigentes -, estamos de acordo em que as pessoas se levantem às quatro ou às cinco da manhã para ter uma consulta? É esta a política da Saúde? Foi isto que Portugal ganhou?

Podemos estar de acordo com uma política do Ensino que é uma política elitista em que só pode chegar à Universidade e à Universidade Pública, no fundamental, os oriundos de famílias com recursos, em que o filho do trabalhador, do agricultor tem imensas dificuldades para lá chegar. Um ensino elitista e selectivo com uma escola que não está aberta para a vida. É este o ensino que queremos para transformar Portugal?

A isto temos que dizer a Fernando Nogueira que se Portugal perder esta política, então, só tem a ganhar. Por isso dizemos que é necessária uma nova política, diferente, uma política de esquerda, da esquerda que não imita a direita.

(...)

Também há aí uns senhores que dizem que com eles a situação vai mudar. Mas no fundamental aquilo que defendem é a continuação da política do PSD. E já confessam que se forem para o Governo - refiro-me ao PS - nos próximos quatro anos vamos crescer menos que a média europeia, o que significa que vamos continuar a afastarmos da média europeia. Dizem mesmo que em relação aos trabalhadores da administração pública que o máximo que lhes pode garantir é que não vão diminuir os seus salários, o que significa, portanto, que os trabalhadores da administração pública continuarão com os bolsos vazios. Dizem também que em relação à legislação do trabalho é preciso uma maior liberalização e em relação aos salários que estes não podem aumentar mais que a produtividade, o que significa que na distribuição do rendimento nacional os trabalhadores continuam a ser penalizados. Esta é a política que oferecem como alternância

(...)

Olhamos aí também para um cartaz que apresenta dois tachos. Com isso o que é que querem dizer: que estão ali dois tachos em que a escolha é entre um ou outro tacho. Mas o que temos visto é que esse CDS/PP que aparece muito radical em palavras já anda a dizer que está disposto a fazer coligações com o PS ou com o PSD. No fundamental está disposto a comer de um tacho ou de outro. O que quer é também estar sentado à mesa do Orçamento.

(...)

O que é que queremos dizer quando falamos de nova política? Veja-se, por exemplo, o caso da agricultura. Alguém pode estar de acordo que os campos estejam abandonados, que se substitua a produção nacional pela produção estrangeira?

Alguém pode estar de acordo com estas reformas de miséria, com a carta do Primeiro-Ministro a convidar os reformados a passar férias no Outono quando a maior parte deles não ganha para chegar até ao final do mês? Alguém pode estar de acordo com a concentração da riqueza, com o esbulho que se faz com o património público, com os fundos da Comunidade Europeia cuja maioria vai para os grandes senhores enquanto aqueles que trabalham, que criam riqueza, têm de contar os tostões para chegar ao fim do mês?

E que dizer das dificuldades para a juventude que não encontra emprego, em que a porta da idade adulta é a porta do desemprego, do trabalho precário ou da emigração?

(...)

As maiorias formam-se com 116 deputados. Nós contamos sempre entre esses 116. Os nossos votos e os nossos eleitos estão sempre na Assembleia da República para defender o povo e para derrotar a direita. Mas quanto mais força tivermos, maior força terá a nossa voz, mais força terá a vossa voz.

Luísa Mesquita

A mudança é possível e urgente

(...)

O PSD diz que nunca se viveu tão bem, os descontentes são poucos, é preciso continuar e por isso precisam de maioria absoluta.

Mas a verdade é que são muitos os descontentes de todo o Ribatejo e Alentejo a quem foi roubado o trabalho, o pão de cada dia, a sobrevivência digna para contentar cerca de 500 grandes proprietários a quem foram dados 60 milhões de contos.

Afinal, há dinheiro!

Mas quando os agricultores viram as suas culturas destruídas pela seca e pela geada, o Governo só conseguiu disponibilizar cerca de 30 milhões de contos, discriminando muitos agricultores do Ribatejo e só permitindo o recurso ao apoio quando os prejuízos ultrapassaram os 35%

(...)

O PSD devolve-nos um país doente, de milhares de desempregados, principalmente mulheres e jovens (no nosso distrito, os últimos dados falavam de 24000), de terrenos agrícolas abandonados, de florestas ardidas, até agora já se contam 18000 fogos por todo o país e mais de 40 mil hectares ardidos, porque só se lembram de Santa Bárbara quando faz trovões, de rios sem água como o Guadiana e o Tejo e sem Tejo não há Ribatejo, porque, tamanha ignorância, os governantes ainda não sabiam que estes rios nasciam em Espanha e desaguavam em Portugal e que a água ibérica também se esgota.

Mas se o presente é esta fotografia mais preta que branca, o futuro pode e deve ser diferente, porque a mudança é possível e urgente.

(...)



A Ribeira encheu-se para ouvir os candidatos da CDU

Carlos Carvalhas no Porto e Póvoa Acolhimento caloroso

Carlos Carvalhas lembrou à multidão que enchia a Praça da Ribeira, no Porto, na sexta-feira à noite, o que, à mesma hora, na Póvoa de Varzim, Fernando Nogueira não dizia no comício organizado pelo PSD. «Ele não vai falar do aumento da idade da reforma das mulheres, que passou de 62 para 65 anos. Ele não vai falar na degradação dos salários da Administração Pública. Não vai falar da diminuição real das pensões e reformas, e da indecorosa campanha de promoção turística para a terceira idade. Não vai falar do aumento das taxas de juro». Com a «política-espectáculo» o que pretende é ocultar os reais problemas do país, iludir os compromissos assumidos em Maastricht e impor a ideia de que não existe uma política alternativa.

O documento que a Associação Industrial Portuense apresentou publicamente há pouco tempo mereceu uma referência a Carlos Carvalhas. Se as soluções nele apresentadas viessem a ser adaptadas, tal significaria o agravamento da actual política económica e social, a desregulação das relações laborais, mais restrições aos direitos dos trabalhadores e a extensão das privatizações. Ora este documento reuniu na sua elaboração conhecidas personalidades do PSD, CDS/PP e PS.

O «Programa de Acção» da AIP simboliza bem as complicitades e concessões do PS em relação a pontos estratégicos da política de direita.

Numa intervenção anterior, João Amaral, cabeça de lista da CDU pelo círculo do Porto, ao comentar as recentes declarações do dirigente socialista Narciso Miranda, que manifestou a preferência e disponibilidade do PS para um

entendimento futuro com o CDS/PP, afirmou estar cada vez mais claro que «há um bloco central de política que se quer executada em mera alternância pelo PSD e pelo PS, como o CDS/PP como apoiante para qualquer solução».

A admissão por altos dirigentes do PS (Narciso Miranda e Fernando Gomes) dum acordo com o partido de extrema-direita parlamentar mais comprova que o voto no PS é um voto no escuro.

As intervenções de Carlos Carvalhas e João Amaral seriam aplaudidas por uma assistência a que não faltava entusiasmo e vibração no apoio à CDU.

A Festa da Ribeira, animada por um espectáculo musical da responsabilidade de Nuno Gomes dos Santos e a sua Banda, Luísa Basto e João Fernando, culminaria uma jornada iniciada com a visita de Carlos Carvalhas à Póvoa de Varzim.

O secretário-geral do PCP teve ali um acolhimento caloroso. Percorrendo a conhecida Rua da Junqueira, acompanhado por eleitos locais da CDU e muitos apoiantes, não faltaram as manifestações de apreço e simpatia de muitos poveiros.

Na Esplanada do Carvalhido, onde se realizou uma Festa da CDU, com a presença de centenas de pessoas, decorreu um curto comício com intervenções dos camaradas António Lopes, João Amaral, do Vereador da Câmara Municipal de Póvoa de Varzim, dr. Joaquim Cancela, independente eleito na lista da CDU, e Carlos Carvalhas.

O secretário-geral do PCP participou ainda num jantar com jovens apoiantes da CDU.

João Amaral Um negócio obscuro

(...)
Nós não vamos proclamar que somos «de confiança» como faz o PSD e o Fernando Nogueira para depois fazer na prática o contrário do que promete em eleições. Nós, na CDU, sabemos merecer a confiança que muitos portugueses em nós depositam; honramo-nos de ter um sentido ético da política; os que confiam na CDU têm a garantia, têm a certeza, de que o seu voto será usado inequivocamente para combater a política de direita, para construir uma alternativa da política, que sirva o desenvolvimento, o progresso, a justiça, a defesa do mundo do trabalho, a defesa dos interesses do povo e do país.

Por isso, o voto na CDU é sempre um voto seguro e útil para os que querem uma nova política.

(...)
O Porto tornou-se o laboratório de um negócio obscuro, entre o PS e o CDS/PP, para a formação de um governo do PS com a extrema-direita parlamentar.

De um lado, o nº 2 da lista PS no Porto, Narciso Miranda (repetindo o que já tinha sido dito por Fernando Gomes), vem publicamente mostrar a preferência e disponibilidade socialista para acordos com o CDS/PP. Simetricamente, quase como se fosse combinado, vem o cabeça de lista do CDS/PP, Lobo Xavier, manifestar a vontade do CDS/PP de viabilizar um governo com o PS (ou com o PSD, porque o CDS/PP não é esquisito, qualquer um lhe serve), desde que garanta a continuidade da política de direita!

Estas declarações de Narciso Miranda são certamente para todos vós muito elucidativas. Elas mostram que o PS não acredita em maiorias absolutas e sabe que só pode formar governo na base de acordos com outros partidos. Elas mostram, e isso é que é essencial, que o PS não dá qualquer garantia quanto à política que vai seguir, mostram que o voto no PS é o voto numa incógnita que pode ir até alianças com um partido como o CDS/PP.

(...)

(Extracto da intervenção proferida no comício do Porto)

Braga CDU condena debates PSD/PS

A CDU de Braga repudia em comunicado que a proposta do candidato do PSD, Marques Mendes, para um debate a dois com Arons de Carvalho, do PS, é «antidemocrática, discriminatória e redutora do pluralismo político e partidário».

«A encenação e artificialização da bipolarização eleitoral, tem sobretudo como objectivo impedir o esclarecimento e a informação necessária à livre escolha de voto», considera a Coligação sublinhando que «esta guerra visa condicionar a adesão emotiva e irracional do eleitor aos dois partidos, PS e PSD, continuadores da mesma política no essencial».

Mais adiante, a nota acusa o candidato Marques Mendes de ter «receio de vir a ser confrontado com a situação a que o seu governo conduziu a actividade económica e social do distrito».

A CDU, através do seu cabeça de lista, António Lopes, em várias entrevistas que já deu aos órgãos de comunicação social do distrito, propôs e desafiou as outras forças políticas concorrentes a realizarem debates para «confrontar e esclarecer as propostas, os projectos e ideias».

Pré-campanha prosegue

Apesar do absorvente trabalho de preparação da presença do PCP do distrito na Festa do «Avante!», os candidatos da CDU prosseguem a sua campanha eleitoral, multiplicando-se em contactos porta-a-porta, e em acções de distribuição de propaganda nas ruas e praias fluviais, em vários concelhos do distrito.

António Lopes, cabeça de lista, esteve com Carlos Carvalhas, sexta-feira, no Passeio Alegre realizado na Póvoa de Varzim, participando ainda nos Encontros-festa da CDU em Moure-Barcelos e Oliveira S. Mateus - Vila Nova de Famalicão.

Regabofe das inaugurações

Comentando o que denominou como «a campanha das inaugurações» do ministro Marques Mendes em Braga, António Lopes recorda que «quase ninguém viu este ministro cavaquista nos últi-

mos quatro anos no distrito. De um momento para o outro, pela mão do imparcial governador civil e presidentes de câmaras do PSD, desata a inaugurar o que nem cabe na sua área de competências ministeriais. É o vale tudo. Em Esposende, o candidato, o governador civil, o presidente da Câmara medalham-se e elogiam-se mutuamente. Na sexta-feira passada, Marques Mendes presidiu à inauguração da Feira do Artesanato de Barcelos. No domingo, presidiu em Amares à inauguração do Centro de Apoio à Juventude e do Centro Inforjovem da localidade. É o regabofe eleitoral do PSD, tudo com dinheiro dos contribuintes».

António Lopes desafia Marques Mendes a «visitar as empresas que o seu governo encerrou, contactar os agricultores à beira da ruína, a ouvir os milhares de desempregados e despedidos do distrito. Fale com os comerciantes que são vítimas da política do PSD de protecção aos grandes grupos financeiros que estão por trás das grandes superfícies comerciais».

50 medidas para Setúbal

A CDU fez a apresentação pública na passada segunda-feira, em Setúbal, de 50 medidas para o desenvolvimento do distrito, documento que vem no seguimento do compromisso eleitoral anteriormente divulgado.

A conferência de imprensa foi apresentada por Eufrazio Filipe, presidente da CM do Seixal e mandatário distrital da CDU, estando ainda presente a candidata Heloísa Apolónia, do Partido Ecologista «Os Verdes».

O cabeça de lista, Octávio Teixeira, na sua declaração afirmou que «este conjunto de propostas abarca um amplo leque de sectores, nomeadamente o desenvolvi-

mento económico regional, o emprego, formação, infra-estruturas e direitos dos trabalhadores, a habitação, as acessibilidades e infra-estruturas de apoio à actividade económica, o ensino, a saúde e a segurança social, a cultura e o ambiente».

Definindo estas medidas como «estruturantes para a evolução harmoniosa e sustentada do distrito de Setúbal», Octávio Teixeira afirmou que apesar de «necessárias e inadiáveis», só nunca foram concretizadas porque «a política de direita (...) tem outras prioridades e outros objectivos, que sobreponem os interesses egoístas do grande capital e da concentração

da riqueza aos legítimos interesses e aspirações das regiões, das camadas laboriosas, da generalidade dos cidadãos».

O cabeça de lista acusou ainda a política de direita de privilegiar «a submissão da economia portuguesa às orientações de Bruxelas em prejuízo das necessidades objectivas do crescimento económico acelerado e da redução das desigualdades regionais e sociais».

Concluindo, o candidato salientou que a concretização destas medidas «carece de uma profunda mudança política no nosso país. Exige uma política de esquerda, a política de esquerda que a CDU propõe e apresenta aos eleitores».

CDU divulga em Aveiro compromisso eleitoral

O compromisso eleitoral da CDU para o distrito de Aveiro, foi apresentado na passada semana dia 23 de Agosto, no decorrer de uma sessão pública com a cabeça de lista da Coligação, Manuela Silva.

Na sua declaração, a candidata afirmou que a CDU se distinguiu sempre «por um postura cívica e de profunda e permanente ligação às populações e às suas organizações representativas, que não é circunstancial, em época ou período eleitoral, mas é de todos os dias da nossa vida nestes distrito entre e com as suas gentes».

Por isso, continuou, «não precisamos, como outros, de tournées-relâmpago, ou cursos intensivos de Verão, para conhecermos o distrito e os seus problemas».

A este propósito, Manuela Silva realçou como «extremamente gratificante o reconhecimento

deste nosso envolvimento com quem se sente injustiçado, feito através do manifesto à nossa candidatura de 110 cidadãos do Souto, vítimas da prepotência do Governo que permite que ilegalmente invadam as suas propriedades, destruindo inclusivamente linhas de água, para instalação do gasoduto».

CAMARADAS FALECIDOS

Francisco Pessoa

Faleceu, no passado domingo, dia 27 de Agosto, Francisco Pessoa, que contava 83 anos de idade e residia em Lousa, no concelho de Loures.

Era membro do Partido desde 1931. Militante activo, participou em várias lutas operárias, tendo sido preso pela PIDE. Grande exemplo de homem interessado pelos problemas sociais que o rodeavam e pelo desenvolvimento da sua terra, Francisco Pessoa, no intuito de ajudar os jovens a encontrar espaços para ocupação de tempos livres, comprou terrenos que cedia para a prática do desporto.

Aos familiares e amigos do comunista falecido, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.



O Largo Ribeirinho de Pias estava cheio, apesar dos mais de 40 graus que se faziam sentir... à sombra



Vale de Vargo: várias centenas de pessoas esgotaram a sala do centro cultural

Álvaro Cunhal nos concelhos de Serpa e Moura Confiança e combatividade

No passado domingo, Álvaro Cunhal, acompanhado de José Soeiro, da Comissão Política e cabeça de lista da CDU pelo Círculo de Beja, visitou seis freguesias dos concelhos de Serpa e Moura. No encontro com a população, participaram ainda vários dirigentes locais do Partido, bem como os candidatos da

CDU, Veiga Trigo, Adolfo Bexiga e Francisco Cruz.

O desenvolvimento da agricultura, a resolução da posse e uso da terra e o aproveitamento dos recursos hídricos foram os três pontos essenciais das intervenções de José Soeiro, que não se cansou de insistir na necessidade de realizar uma nova refor-

ma agrícola no Alentejo. Como referiu, a agricultura é uma questão central da região e uma questão estratégica para o País.

A política de direita seguida nos últimos anos, segundo afirmou Álvaro Cunhal, teve como consequências a destruição do aparelho produtivo nacional - na agricultura, na indústria, nas pescas. Visados foram também os trabalhadores que se viram amputados de importantes direitos, como a segurança de emprego. Por isso, disse, «hoje não basta substituir as maiorias, é preciso substituir a política».



Vila Verde de Ficalho. Aquí, a falta de água é dramática: nem uma gota sai das torneiras



O problema da falta de água não é novo no Alentejo. A solução existe e passa, como desde sempre os comunistas têm defendido, por barragens que retenham o líquido no Inverno para que não falte no Verão. A necessidade do Projecto de Alqueva, que foi considerado durante muito tempo como uma causa perdida, é agora hipocritamente reconhecida por todos os partidos. Só que os alentejanos não esquecem aqueles que durante 20 anos bloquearam a sua construção



No Cine-Teatro Maria Lamas de Vila Nova de S. Bento



Com a população de Safara, no Largo 25 de Abril



A jornada terminou num encontro com o povo da Amareleja. Para trás ficaram cinco iniciativas muito participadas onde se abordaram os graves problemas do Alentejo e a necessidade de mudar de política para desenvolver a região e fixar as populações

Bósnia

Os novos mapas desenhados pela guerra

O massacre do mercado de Sarajevo, de que resultaram dezenas de mortos e feridos, parece ter tido como consequências imediatas, no plano político. Quer o levantar de reservas, por parte de governos europeus em relação ao plano americano para a Bósnia, quer uma aposta maior na utilização da força, e mais concretamente na possibilidade de bombardeamentos da NATO. O que dá que pensar.

De quem lançou o ataque, ainda nada se sabe. As acusações entre dirigentes sérvios e bósnios são mútuas, e a equipa de investigação da ONU apenas constatou tratar-se de um morteiro que veio do Sul, onde se encontram posições de ambas as partes em conflito.

Entretanto - e enquanto aumenta sempre o número de mortos entre as populações e a massa de deslocados é a maior registada desde a segunda guerra mundial - parece assistir-se a uma articulação entre avanços militares (devidamente alimentados por fornecimentos - interditos embora - de armas), expulsão de populações inteiras numa clara lógica de depuração étnica, ameaças de novas escaladas militares, e planos de solução política em que toda esta evolução viria a ser consagrada.

Uma linha de evolução em que o papel dos Estados Unidos (e NATO) e da Alemanha, seriam particularmente marcantes.

Assim, o equipamento militar das tropas croatas - que naturalmente contribuiu para a rapidez das operações que lhes permitiu alcançar em três dias os seus objectivos na Krajina (região em que os sérvios da croácia haviam proclamado a independência), provocando um êxodo da população civil de 200.000 pessoas - teria sido fornecido pelo governo alemão.

A primeira cadeia de televisão alemã, ARD, divulgou imagens e testemunhos que indicam que o governo de Bona forneceu à Croácia aviões Mig21 e outro material pertencente ao antigo exército da RDA, nomeadamente veículos militares e equipamentos electrónicos.



Na fronteira entre a Hungria e a Croácia, em Udvar, crianças húngaras experimentam máscaras de gás que lhes foram distribuídas

Por seu lado, a revista "Newsweek" divulgou um plano do Pentágono para uma campanha de nove meses sobre objectivos sérvios na Bósnia, no caso do actual plano norte-americano falhar.

Este plano apontaria no sentido de uma nova partilha territorial de contornos ainda difusos. No plano institucional, a actual federação croato-muçulmana seria confederada à Croácia, e viria a constituir-se uma federação com a Sérvia e os bósnios sérvios.

A ofensiva da Croácia contra a Krajina parece em grande

medida coincidir, nos seus resultados práticos, com as linhas gerais deste plano de partilha territorial. Uma redistribuição que passa, uma vez mais, pela dramática "purificação" étnica.

Segundo o Alto Comissariado da ONU para os refugiados, o êxodo das populações sérvias da Krajina - que se seguiu a muitos outros exodos - ultrapassa as 160.000 pessoas. Desde o início da guerra que a Sérvia tem feito face a um afluxo de refugiados de 600 a 700.000.

Em 24 milhões de habitantes da ex-Jugoslávia, 4,5 milhões

foram obrigados a deixar as suas casas durante esta guerra. É o mais importante movimento forçado de populações desde a segunda guerra mundial.

Em Julho de 1992, num momento em que as depurações étnicas atingiam sobretudo as populações croatas e muçulmanas da Bósnia, Sadako Ogata, responsável do Alto Comissariado das Nações Unidas para os refugiados, afirmou que "a deslocação de população é o objectivo da guerra e não uma consequência". Palavras que os factos parecem vir a confirmar.

EUA

Trabalhos forçados nas prisões de Alabama

Os trabalhos forçados foram reintroduzidos nos Estados Unidos, no estado conservador de Alabama. Um facto que fala por si, e testemunha do carácter profundamente retrógrado e anti-humano das políticas defendidas, e implementadas, pelos sectores conservadores da vida política norte-americana. Num quadro social em que é sensível uma degradação crescente e se intenta lançar sobre os mais empobrecidos e frágeis sectores da população os custos da crise.

O regime agora imposto pelas autoridades do Alabama aos presos - obrigados a trabalhos duros, como partir brita para as estradas - é particularmente severo. Dez horas por dia, cinco dias por semana, presos com cadeias nos pés e sob vigilância policial.

Por acréscimo, o director das prisões de Alabama, Ron Jones, decidiu ainda reduzir as visitas aos presos.

A prática dos trabalhos forçados havia sido abandonada nos últimos cinquenta anos. Actualmente, os estados da Florida e

do Arizona preparam-se para seguir o exemplo do Alabama.

O Centro jurídico para as populações mais pobres do Sul, uma organização de defesa dos direitos do homem, denunciou o regresso destes métodos "bár-

baros e desumanos" e apresentou queixa à justiça.

Estas medidas repressivas surgem num quadro de crise, em que os republicanos e em geral os sectores mais conservadores do quadro político norte-ameri-

cano apostam em medidas directamente lesivas dos interesses e mesmo da sobrevivência dos sectores mais desfavorecidos da população.

É o caso do corte da ajuda social aos cinco milhões de famí-

lias monoparentais, na sua maioria pobres e pertencentes a minorias étnicas, ou a decisão, na Califórnia, de recusar o acesso à escola aos filhos dos imigrantes ilegais. Na sequência desta decisão, está neste momento em curso, nalguns círculos de direita, um projecto de supressão - em todo o território nacional - da ajuda social aos imigrantes legais nos Estados Unidos.

Assim se tenta lançar sobre os sectores mais desprotegidos os custos da política global do capital, e que hoje se faz sentir na maioria das famílias. Nos últimos 15 anos - e segundo números oficiais -, 60% das famílias registaram uma quebra nos seus rendimentos reais. Um processo que se tem vindo a acelerar nestes últimos anos, em simultâneo com um aprofundamento das desigualdades sociais. Entre 1979 e 1989, os rendimentos dos 5% dos assalariados mais bem pagos passaram de 120.200 para 148.400 dólares. No mesmo período, os rendimentos dos 20% mais mal pagos caíram de 10 000 para 9.400 dólares por ano.

Zaire expulsa refugiados

O Alto Comissariado das Nações Unidas para os refugiados deverá iniciar amanhã um programa de repatriamento voluntário dos refugiados ruandeses e burundis no Zaire, após acordo com o governo zairense que tinha iniciado um processo de expulsão de refugiados que já teria atingido cerca de 15.000 pessoas. O regime de Mobutu tinha iniciado este processo na sequência da decisão da ONU de levantar o embargo aos fornecimentos de armas ao Ruanda



África

Onze países da África Austral reuniram em Joanesburgo na Cimeira da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), que pela primeira vez decorre na África do Sul. Os Chefes de Estado ou de Governo da África do Sul, Angola, Botswana, Lesoto, Malawi, Moçambique, Namíbia, Suazilândia, Zâmbia, Zimbabué e Tanzânia debatem uma extensa agenda voltada no essencial para a coordenação do desenvolvimento socioeconómico regional. O presidente sul-africano, Nelson Mandela, garantiu o apoio do seu país a uma integração económica plena da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), ainda que de forma faseada. A agenda dos trabalhos prevê a assinatura dos protocolos de estabelecimento de uma rede regional de energia e a partilha dos sistemas de cursos de água.

Cuba

Um crescente número de empresas norte-americanas começaram a pressionar Bill Clinton para que levante o embargo económico imposto a Cuba há mais de três décadas.

As empresas norte-americanas consideram-se em desvantagem em relação a investidores de outras nacionalidades, especialmente depois da abertura cubana.

Um grupo de dirigentes de importantes empresas dos Estados Unidos têm expressado publicamente nos últimos dias o seu desejo de que as sanções sejam levantadas, por as considerarem obsoletas.

Fome

Pelo menos 300 pessoas morreram de fome na semana passada no sueste da Serra Leoa, onde a ajuda alimentar não pode ser distribuída devido à guerra. As mortes, todas de deslocados, ocorreram na região de Kenema, 240 quilómetros a leste de Freetown. Várias dezenas de outras pessoas morrem diariamente nesta região em consequência da fome.

Segundo a representação local das Nações Unidas, algumas regiões do país estão privadas de qualquer assistência humanitária desde há seis meses.

Em Julho, 76 pessoas tinham morrido de fome no centro do país, onde arrozais e campos de mandioca foram destruídos pelos combates. O conflito na Serra Leoa fez já mais de 10 mil mortos.

Nuclear

Prosseguem, um pouco por todo o mundo, os protestos contra a decisão do Governo conservador de Paris em retomar os ensaios nucleares no Pacífico Sul. Milhares de pessoas manifestaram-se pacificamente em Berna contra os testes nucleares franceses e chineses. Na Áustria uma frota de 150 barcos à vela e a remo protestaram no Lago Woerthersee na região da Caríntia contra os ensaios nucleares franceses e chineses. Em Budapeste, um dos mais importantes grupos ecologistas, "Levego", lançou um apelo para que se boicotem os produtos franceses que contribuem para o ensaio nuclear.

Carlos Carvalhas na apresentação do Programa

Uma nova política

Uma política de esquerda

O secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, apresentou na passada quinta-feira, no Espaço Vitória, em Lisboa, o Programa Eleitoral do PCP. A sala foi pequena para a numerosa assistência - jornalistas, vários candidatos comunistas e seus aliados na CDU, dirigentes do Partido. Lá se encontravam Luís Sá e Octávio Teixeira, cabeças de lista por Lisboa e Setúbal, Agostinho Lopes, José Casanova, Vítor Dias e Edgar Correia, também membros da Comissão Política. Entre os presentes, contavam-se destacados quadros comunistas que desenvolvem a sua actividade no sindicalismo e no poder local. E personalidades independentes que apoiam a CDU. Carlos Carvalhas proferiu, na ocasião, o discurso que publicamos na íntegra, com subtítulos da responsabilidade da Redacção.

Apresentamos hoje ao país o Programa Eleitoral do PCP para as eleições da Assembleia da República de 1 de Outubro próximo.

E como primeiro partido a fazê-lo, gostaríamos de sublinhar quanto a nossa iniciativa de hoje é uma contribuição para que o debate se centre no essencial sobre as diversas propostas, soluções e projectos, sobre as reais alternativas, sobre a possibilidade, necessidade e a urgência de se concretizar uma nova política. E reafirmamos que é para que a vida dos portugueses possa mudar para melhor que o PCP coloca no centro do debate eleitoral a luta por uma nova política, inspirada por valores de esquerda, que respeite e valorize quem trabalha, que coloque a criação de empregos e a melhoria das condições de vida do povo como grande objectivo da política económica, que veja nos direitos sociais um factor essencial do desenvolvimento e uma conquista inalienável da dignidade da pessoa humana, que conjugue o crescimento e o progresso material com a defesa do ambiente e da qualidade de vida, que aposte na defesa e moder-

nização do aparelho produtivo nacional, em nome do presente e do futuro de Portugal.

Marcar a diferença

Esta apresentação marca também a diferença em relação ao que até agora tem sido, no essencial, a postura das outras forças políticas, durante a prolongada pré-campanha eleitoral que o país tem vindo a viver.

Nós temos repetidamente manifestado contra a tendência que vem prevalecendo da "política-espectáculo". E que tende a substituir por uma constante encenação mediática e por acirramentos de tipo clubista, aquilo que deveria constituir a substância da vida política - o verdadeiro debate dos problemas e das ideias, o confronto democrático das posições e das propostas, cuja adequação e mérito o país deveria estar em condições de julgar de forma esclarecida no dia das eleições.

Nós não iremos por aí.

A gravidade da situação que o PSD deixa em herança ao país e os sérios problemas que se perfilam no horizonte dos próximos anos, indicam claramente que a esperança de uma real mudança na vida nacional exige muitíssimo mais do que meros retoques, adaptações ou "nuances" na política que o país tem vindo a sofrer. E que é chegada a hora de uma corajosa e assumida ruptura com os objectivos fundamentais, as concepções e os métodos da política de direita.

Por isso, o PCP tem vindo a salientar que a perspectiva de uma viragem democrática subsequente às eleições legislativas de Outubro, envolve de forma conjunta a questão do poder democrático e a indispensável concretização de uma nova política.

Por isso, também, temos sublinhado a evidência de que qualquer alteração de responsáveis governativos que não fosse acompanhada por uma efectiva alteração das principais orientações políticas, não só não permitiria alterar o presente estado de coisas, como fraudaria a aspiração nacional a uma real mudança de política.

Ao apresentar o seu Programa Eleitoral, que integra um conjunto de propostas políticas fundamentais e de compromissos relativos à acção política geral e à intervenção durante a próxima legislatura, anima o PCP o propósito de afirmar perante o país a existência de uma política alternativa, uma política naci-

onal e de esquerda, capaz de alcançar a efectiva modernização e o desenvolvimento acelerado do país. E de convocar as energias das portuguesas e dos portugueses para o reforço eleitoral da CDU e para a derrota da direita e da sua política, como passo decisivo para a concretização de uma viragem democrática na situação nacional.

Como é sublinhado no próprio Programa Eleitoral, o PCP não se coloca numa perspectiva de redutora simplificação dos velhos e novos problemas, e dos desafios com que Portugal está confrontado. Nem tem a pretensão de dispor sozinho de resposta para todas as dificuldades.

Portugal numa encruzilhada

Portugal encontra-se verdadeiramente perante uma encruzilhada. Se o país continuar na via da política de direita, como a que tem vindo a ser seguida, não constituirá surpresa o agravamento dos problemas sociais, nem a acentuação das vulnerabilidades e atrasos estruturais e novas cedências de soberania, que significarão irremediavelmente a subalternização nacional.

Se, como apontamos e defendemos, Portugal seguir o rumo de uma nova política, de uma política nacional e de esquerda, que protagonize a defesa dos interesses de Portugal, então será possível vencer os problemas e desafios do desenvolvimento económico e social, aproveitar os recursos e potencialidades, fomentar o emprego e o crescimento económico, alcançar uma mais justa distribuição da riqueza e garantir os direitos dos portugueses.

Não afirmamos esta possibilidade e perspectiva de uma nova política, de ânimo leve.

Conhecemos bem a herança do PSD, o atraso socioeconómico do país e a degradação acentuada da situação social. A destruição e desorganização do sector produtivo; o aumento crescente do desemprego e do trabalho precário; o crescimento das injustiças e desigualdades sociais; a erosão do poder de compra dos salários, rendimentos dos agricultores, pensões e reformas; o empobrecimento e desertificação do interior do país; o aumento das dificuldades das pequenas e médias empresas; o alastramento da corrupção e do clientelismo.

Contrariando e desmentindo a propaganda dos governos do PSD, Portugal continua na cauda da Europa, sendo particularmente inquietante o facto dessa distância não ter cessado de



Eleitoral do PCP

para Portugal

umentar ainda mais nos últimos anos, devido ao facto do país não possuir uma verdadeira estratégia nacional de desenvolvimento. E da sua postura ser a de um "menino bem comportado", que docilmente tem deixado submeter a política económica nacional aos objectivos e às orientações monetaristas e aos critérios nominais de Maastricht, com os resultados que estão hoje bem à vista de todos os portugueses.

O fracasso da política de direita em aspectos centrais da vida nacional, não é o resultado de quaisquer dificuldades ou ciclos económicos de carácter conjuntural, como pretende o PSD, nem pode ser fundamentalmente imputado, como faz o PS, à incapacidade individual dos governantes.

Como Cavaco Silva bem se apercebeu - e por isso foi o primeiro a abandonar o barco ao vê-lo irreversivelmente adornado - o que verdadeiramente fracassou foi o "modelo" económico e social que foi aplicado ao longo destes anos. Que sem dúvida facilitou a acumulação acelerada do capital, a reconstrução dos principais grupos económicos e a penetração do capital estrangeiro. Mas que por isso mesmo fracassou na realização de um verdadeiro programa de desenvolvimento do país, compatível com o normativo constitucional e que correspondesse aos interesses e anseios da imensa maioria da população portuguesa.

Nós não desconhecemos, e muito menos negamos, que as opções nacionais se desenvolvem hoje num quadro complexo e de grandes desafios globais - económicos, políticos, sociais, culturais e ambientais.

Mas isso só sublinha a importância do posicionamento político que defendemos.

Consiste a nossa posição, no quadro objectivo de crescentes interdependências, em procurar enfrentar os constrangimentos desfavoráveis e alargar ao máximo as margens de manobra do país. E em assumir um processo de desenvolvimento a partir da defesa dos interesses dos trabalhadores e de outras camadas laboriosas, como objectivo em si, mas também como condição para o indispensável dinamismo e mobilização social e política da sociedade portuguesa.

É nesta perspectiva que afirmamos, no nosso Programa Eleitoral, o papel essencial e decisivo de uma nova política, de uma política nacional e de esquerda. Que referenciamos as linhas para a sua concretização, seja a nível comunitário, seja no plano interno. E que recenseamos o conjunto de condições e potencialidades de que a sociedade portuguesa dispõe, para

enfrentar com sucesso os complexos desafios que o seu futuro comporta.

Cinco grandes objectivos

O PCP, tendo como horizonte o período da próxima legislatura, apresenta ao país **cinco grandes objectivos** para uma nova política de esquerda para Portugal.

Grandes objectivos que definem um pensamento político e as grandes orientações estratégicas que propomos ao povo português. E que são por sua vez estruturantes das propostas sectoriais e específicas, que, cobrindo todos os grandes problemas nacionais, também desenvolvidamente apresentamos.

Quanto aos cinco grandes objectivos, são eles:

- desenvolver a economia, travar os processos destrutivos e promover o emprego;
- melhorar as condições sociais e o ambiente, como objectivos e factores de desenvolvimento;
- promover a educação, a ciência e a cultura;
- assegurar a liberdade, concretizar uma reforma democrática do Estado, aprofundar a democracia;
- lutar por um Portugal de progresso e de justiça, aberto ao mundo, e por um novo rumo na integração europeia.

Quanto às propostas sectoriais e específicas, que num total de 60 temas são desenvolvidamente apresentadas na segunda parte do Programa Eleitoral, importa sublinhar algumas ideias.

Encontrareis aí organizada uma significativa e importante reflexão sobre a situação do país, nos seus mais variados aspectos, acompanhada por desenvolvidas propostas de orientação e de medidas concretas.

Elas são o resultado da elaboração e do trabalho das diferentes Áreas e Sectores de Actividade do PCP, do contributo reflexivo e prepositivo de muitos quadros, da atenção às movimentações que atravessam o nosso "tecido" económico e social, do empenho dos comunistas no debate aberto dos problemas nacionais - e gostaria de relembrar aqui a realização do "Debate com o País para uma nova política", que verdadeiramente hoje aqui se completa, com o reenvio para a sociedade portuguesa, depois de elaboradas, de muitas das reflexões e propostas que por todo o país animaram um espaço de debate que é nosso propósito não perder.

Podereis confirmar que todas as grandes questões da nossa sociedade estão aí presentes - desde o desenvolvimento económico, às questões sociais, à componente imaterial do desenvolvimento, à liberdade e ao aprofundamento da democracia, à posição de Portugal na Europa e no Mundo.

Para além da actualidade e da diversidade das grandes políticas sectoriais, encontrareis aí reflexões e propostas não fechadas sobre muitos temas específicos, incluindo inovadoras abordagens de questões que emergem nas transformações da vida contemporânea como o ambiente e a água e a sociedade da informação.



Um desafio e uma reclamação

Num momento em que novas iniciativas se anunciam nesta linha, com a agravante de se pretender transformar eleições que se destinam à escolha dos 230 deputados à Assembleia da República numa falsa disputa bipolarizada para a selecção do primeiro-ministro; e num momento em que os "frente-a-frente" vão na prática silenciando a única voz, a do PCP, que entre os grandes partidos se apresenta a estas eleições com uma diferenciada linha de análise e de apresentação de propostas para os problemas nacionais - é oportuno lançar daqui um desafio e uma reclamação em nome dos valores do pluralismo e da democracia.

A reclamação para que se realize um ou vários debates entre os primeiros responsáveis dos quatro principais partidos representados na Assembleia da República e que uma tal iniciativa tenha como principal propósito a apresentação dos programas eleitorais e o debate vivo e controverso das respectivas posições.

É nossa firme convicção que o Programa Eleitoral do PCP permitirá aos que se interessam pelo conhecimento do seu conteúdo:

- a confirmação que os comunistas portugueses contribuem para o debate das ideias, que conhecem os problemas do país e que ao debate das orientações e medidas necessárias para a sua resolução dedicam o melhor da sua capacidade e energias;

- a confirmação que o PCP tem uma nova política, uma política de esquerda para Portugal, sustentada numa contínua reflexão e na procura de resposta para os problemas nacionais, e em particular dos que atingem mais vivamente os trabalhadores e outras camadas laboriosas;

- a confirmação que o PCP tem a coragem de defender e de demonstrar que a justiça social e a melhoria do nível de vida das populações longe de ser um entrave ao desenvolvimento seria um factor para o seu impulso e dinamização.

- a confirmação que muito diferente e melhor seria a vida em Portugal, se as orientações e as propostas do PCP marcassem ou de alguma forma influenciassem a política do governo do país. E que o PCP está plenamente em condições - se e quando for essa a vontade do eleitorado - de contribuir, também na frente governativa, para a solução dos problemas nacionais e a resposta aos interesses e aspirações dos trabalhadores e da grande maioria dos portugueses.

Nas próximas eleições legislativas, a possibilidade de uma real mudança de política e de uma verdadeira alternativa democrática dependem, de forma indissociável, de dois factores decisivos e de dois resultados fundamentais: a derrota eleitoral do PSD e a colocação do PSD e do CDS em minoria na Assembleia da República e o significativo reforço da representação parlamentar do PCP e da votação da CDU.

E com os olhos postos no Programa Eleitoral do PCP e com a plena noção do que de positivo resultaria para o povo português da concretização de muitas das orientações que aí sustentamos, certamente compreenderéis porque valorizamos o crescimento da votação e da representação parlamentar do PCP e da CDU. E porque afirmamos que quanto mais indispensável se tornar a sua contribuição para a formação de uma maioria democrática na Assembleia, tanto maior será a capacidade do PCP e da CDU para influenciar num sentido positivo quer a política, quer a composição do futuro governo.

Existem boas condições e estamos confiantes que essa perspectiva se concretize.



Cinco grandes objectivos do Programa eleitoral do PCP

Uma nova política, uma política de esquerda para Portugal

O Programa eleitoral do PCP, apresentado publicamente na passada quinta-feira pelo secretário-geral, camarada Carlos Carvalhas, e que estará disponível para ser adquirido já na Festa do "Avante!", é um extenso documento, cuja primeira parte é dedicada às grandes questões que hoje, em vésperas de eleições legislativas, se colocam àqueles que pretendem contribuir seriamente para a definição de uma nova política de esquerda para Portugal. Cinco grandes objectivos, no domínio da economia, das condições sociais e do desenvolvimento, da educação e cultura, das liberdades democráticas, da afirmação da soberania de um Portugal de progresso e de justiça, enformam todo o Programa, cuja segunda parte é dedicada às propostas sectoriais e específicas, cobrindo a diversidade dos problemas e das soluções que os comunistas entendem ser necessárias para responder às grandes questões que se colocam ao povo e ao país.

O "Avante!", que ao longo das semanas que ainda nos separam da data das eleições irá divulgando, de forma sucinta, tais respostas e soluções, adianta hoje os cinco objectivos fundamentais do seu Programa Eleitoral.

O PCP, tendo como horizonte o período da próxima legislatura, apresenta ao país e propõe ao povo português cinco grandes objectivos para uma nova política, para uma política de esquerda, que são por sua vez estruturantes das orientações sectoriais e específicas que desenvolvimentamente se apresentam nos capítulos seguintes deste programa eleitoral.

O PCP afirma, convictamente, que a concretização conjugada destes pontos permitirá enfrentar com sucesso os principais problemas e desafios com que Portugal e os portugueses estão confrontados no limiar do século XXI.

São eles:

- Desenvolver a economia, travar os processos destrutivos, e promover o emprego;
- Melhorar as condições sociais e o ambiente, como objectivos e factores de desenvolvimento;
- Promover a educação, a ciência e a cultura;
- Assegurar a liberdade, concretizar uma reforma democrática do Estado e aprofundar a democracia;
- Lutar por um Portugal de progresso e justiça, aberto ao Mundo, e por um novo rumo na integração europeia.

1.º

Desenvolver a Economia, Travar os Processos Destrutivos, e Promover o Emprego

Um novo crescimento económico é necessário. E é possível.

Com uma lógica de funcionamento económico que não se contraponha ao desenvolvimento social, mas em que este seja o princípio e o fim de toda a actividade humana; que combata as irracionalidades presentes hoje nas sociedades em que vivemos entre as potencialidades existentes e as necessidades sociais insatisfeitas. Uma política de desenvolvimento que, pelos objectivos e interesses que defende, faça participar os trabalhadores e o povo nas tarefas da colectividade nacional. Que faça partilhar os trabalhadores e outras camadas laboriosas dos avanços do progresso técnico e cultural, e não permita associar a modernização e a utilização de novas tecnologias com desemprego e exclusão social.

Em todos os domínios da sociedade existem grandes carências por satisfazer e o país dispõe de recursos e capacidades actualmente subaproveitados ou delapidados na especulação financeira, que podem e devem ser produtiva e utilmente aplicados.

A nova política económica que o PCP propõe coloca como grandes prioridades o crescimento económico acelerado e sustentado, o aumento do emprego e a redução rápida do desemprego, e uma mais equitativa repartição da riqueza visando a melhoria das condições de vida dos portugueses.

Esta opção central da política proposta pelo PCP, a de colocar como objectivo essencial do crescimento económico a satisfação das necessidades materiais e imateriais dos cidadãos, não é apenas um fim mas, igualmente, um meio indispensável para assegurar um crescimento económico sustentado, isto é, um crescimento não excessivamente dependente da conjuntura externa e das exportações.

A travagem dos processos destrutivos na agricultura e nas pescas e da desindustrialização do país, constitui uma prioridade imediata de natureza económica e social.

A necessidade objectiva de um crescimento económico acelerado é, particularmente, significativamente maior que a média comunitária, visando recuperar os atrasos relativos acumulados, é incompatível com os condicionaisismos e obstáculos impostos pelas orientações centrais e centralistas da União Económica e Monetária, pelo Tratado de Maastricht.

Economias estruturalmente diferentes e diferenciados níveis de

desenvolvimento exigem objectivos e políticas adequados a cada situação, e não prioridades globais e políticas únicas, necessariamente definidas de acordo com as realidades e os interesses das economias mais poderosas e desenvolvidas.

Por isso, se impõe, como necessidade objectiva, uma política de ruptura efectiva com as orientações monetaristas da União Europeia e com os critérios de convergência nominal de Maastricht, a opção de não amarrar Portugal à terceira fase da UEM e à moeda única, e uma recusa das políticas comunitárias destrutivas das nossas pescas, agricultura, indústria e serviços públicos.

Paralelamente, a nova política económica que o PCP propõe privilegia a actividade produtiva, promove a defesa dos sectores produtivos e das produções nacionais, cria as condições necessárias para a baixa efectiva das taxas de juro, para a condução de uma política cambial adequada às realidades da economia e das empresas portuguesas e para permitir o acesso das pequenas e médias empresas aos fundos comunitários.

Uma nova política significa também a concretização de uma reforma global do sistema fiscal que alivie o peso da carga fiscal que incide sobre os rendimentos do trabalho, passe a tributar os rendimentos e mais-valias de capital actualmente isentos ou usufruindo de privilégios fiscais, penalize as actividades especulativas e combata eficazmente os escandalosos níveis de evasão fiscal actualmente existentes.

Ao mesmo tempo que por fim imediato ao processo de privatizações, que se tem apresentado como um saque do património público, uma fonte de desemprego e um factor de transferência da decisão económica nacional para o estrangeiro e de desvio de recursos fabulosos necessários ao investimento produtivo e criador de emprego, e garantirá a defesa de um sector empresarial público modernizado e eficiente.

2.º

Melhorar as Condições Sociais e o Ambiente como Objectivos e Factores de Desenvolvimento

O objectivo essencial e último de uma política de desenvolvimento deverá ser sempre a melhoria progressiva das condições de vida dos cidadãos e a satisfação das suas necessidades.

Além disso, as elevadas taxas de crescimento económico e do apoio de procura externa, das exportações, antes exigem um sustentado e crescente nível de procura interna, nomeadamente através do aumento do emprego e dos rendimentos da generalidade dos portugueses e, em particular dos trabalhadores e dos reformados e pensionistas.

Neste contexto importa sublinhar o papel insubstituível que os direitos sociais e as funções redistributivas que lhe estão associadas, desempenham como factor de desenvolvimento.

A concretização dos direitos sociais obviamente que absorve recursos, mas além dos benefícios individuais e sociais que proporciona, é também geradora de condições de progresso e tem provados efeitos positivos na esfera económica.

Para o PCP, uma política de justiça social destinando-se a responder às desigualdades que dilaceram a sociedade portuguesa e às profundas carências com que se debate o nosso povo, constitui por si própria um motor do desenvolvimento.

Recusamos por isso as opções neoliberais que têm caracterizado a política dos governos do PSD, conducentes à desresponsabilização do Estado na área das suas funções sociais. E que visam fazer a transição

do chamado Estado Providência para um Estado meramente caritativo, cuja acção seria apenas confinada ao sector da população mais carecida de recursos.

O facto de Portugal estar na cauda da União Europeia no que respeita ao peso das prestações sociais nas despesas públicas e do mesmo modo em relação à parte do PIB dedicada às despesas correntes de protecção social, evidencia que essa política do PSD não tem qualquer suporte em condições objectivas. E que a reorientação da afectação dos recursos nacionais, com reforço das áreas sociais, não é apenas necessária mas igualmente possível.

Os baixos salários, a precarização do emprego e o desemprego, o desinvestimento social, constituem um mal para o nosso povo e para o nosso país e factores do seu atraso socioeconómico.

Por isso, defendemos uma nova política inequivocamente comprometida com um crescimento dos salários reais que assegure um aumento do peso da massa salarial no rendimento nacional, com a transformação dos empregos precários em empregos estáveis, com a redução do horário máximo de trabalho para as 40 horas, com o combate à desregulação das relações de trabalho e com políticas e medidas que conduzam à melhoria dos rendimentos das outras camadas laboriosas.

Por isso, a nova política deverá defender, reforçar e aperfeiçoar o sistema público de segurança social, garantindo os direitos adquiridos pelos seus beneficiários e assegurando a elevação significativa das reformas e pensões e de outras prestações sociais. Deverá igualmente implementar o rendimento mínimo de subsistência. E assegurar os recursos indispensáveis através do combate às dívidas e à evasão contributiva e da reformulação do sistema de financiamento da segurança social de forma a que deixe de incidir exclusivamente sobre o emprego e os salários.

Para fazer progredir a sociedade é igualmente indispensável uma saúde pública de mais alta qualidade para todos os cidadãos, e que todos os portugueses disponham de uma habitação condigna.

A justiça fiscal é também parte integrante da justiça social.

3.º

Promover a Educação, a Ciência e a Cultura

Numa época em que são imensas as possibilidades abertas pelo legado civilizacional e cultural, pelo acelerado desenvolvimento das forças produtivas e por uma profunda revolução científica e tecnológica; e em que o próprio conceito de desenvolvimento surge associado à ideia de processo, de natureza integrada e que comporta várias dimensões (económica, social, cultural, ambiental e política); as sociedades humanas procuram na educação, na formação, na ciência e na cultura, em sentido lato, respostas a necessidades cada vez mais complexas.

Necessidades no domínio da competência profissional e da qualificação. Da cultura humanista e científico-técnica. Da capacidade de inovação e de criação. E dos próprios valores cívicos e humanos.

Por isso, não nos podemos alhear, como povo, das tendências objectivas que se manifestam à escala internacional no sentido do envolvimento do conjunto da população nos processos educativos; do desenvolvimento da formação inicial e da formação permanente orientada para os adultos e da articulação entre ambas; e da combinação de formações especializadas de utilidade imediata com o desenvolvimento de capacidades de adaptação a novas situações e funções.

Por isso, no centro das nossas preocupações e propostas colocamos a educação como uma das prioridades nacionais. Defendemos a necessidade de uma escola pública democratizada e de qualidade. Sustentamos firmemente a democratização do acesso à educação e ao ensino. Pomos o acento no sucesso educativo e escolar dos jovens e no sucesso do sistema. E assumimos a necessidade de uma escola com mais autonomia e com mais participação, integrada num sistema educativo não governamentalizado, dotado de autonomia democrática e com financiamento suficiente e regular.

Quanto à Ciência e à Tecnologia, o seu desenvolvimento sustentado de actividades de I&DE (investigação e desenvolvimento experimental) constitui uma questão verdadeiramente estratégica para o presente e para o futuro do país. O sector público tem aqui um papel determinante a desempenhar.

O aumento dos recursos financeiros e humanos são fundamentais. Mas não menos decisivo é o desenvolvimento de mecanismos de participação democrática da comunidade científica nas macro-decisões orientadoras e na formulação de uma verdadeira política científica nacional.

4.º

Assegurar a Liberdade, Concretizar uma Reforma Democrática do Estado e Aprofundar a Democracia

A reestruturação democrática do Estado e o aprofundamento da Democracia constituem fins em si mesmos e, simultaneamente, um instrumento para concretizar direitos, liberdades e garantias dos cidadãos e para realizar eficaz e eficientemente outras políticas, designadamente as que têm influência na concretização dos direitos económicos, sociais e culturais.

Impõe-se tornar a democracia representativa mais genuína e defender a representação proporcional na conversão de votos em mandatos.

Na VII Legislatura será possível, embora não obrigatório, realizar uma revisão da Constituição.

Os projectos de revisão apresentados na VI legislatura pelos outros partidos, designadamente pelo PSD e CDS, mostraram bem os seus objectivos essenciais: degradar o estatuto da democracia, amputar os direitos, liberdades e garantias, em particular dos trabalhadores, eliminar ou limitar fortemente a garantia dos direitos sociais, alterar os princípios que regem o sistema económico, viabilizar operações de manipulação e engenharia eleitoral. O facto do PS ter acompanhado a direita em algumas dessas posições foi muito negativo, mas o facto também de ter sido possível travar essa convergência, ilustra a importância que assume o desenvolvimento de um amplo movimento de opinião em defesa do actual quadro constitucional.

O PCP afirma, numa perspectiva oposta, que caso na próxima legislatura seja aberto um processo de revisão constitucional, ele deve servir para fortalecer e não para degradar os direitos, liberdades e garantias e a protecção dos direitos económicos, sociais e culturais; para reforçar a separação e interdependência dos órgãos de soberania; para reforçar a democraticidade do sistema político, com mais garantias de participação, e não para as eliminar ou diminuir.

Ao nível dos órgãos de soberania, impõe-se realizar plenamente o princípio da separação e da interdependência. Importa igualmente reforçar os poderes e o papel legislativo e fiscalizador da Assembleia da República, bem como reforçar e melhorar o estatuto da oposição. As funções de outros órgãos de fiscalização devem ser reforçadas e o seu estatuto de pluralismo e independência plenamente assegurado.

Ao nível da Administração Pública impõe-se assegurar um plano de modernização, desburocratização, descentralização e desconcentração com carácter sistemático. Nesse quadro, é necessário fortalecer o Poder Local do ponto de vista financeiro e das suas competências. Impõe-se igualmente criar as regiões administrativas, nos termos que a Constituição estabelece, como importante factor de democratização administrativa e de desenvolvimento.

A reestruturação democrática do Estado nas áreas que asseguram as principais funções sociais - a saúde, a educação, a segurança social - constitui uma matéria da maior importância. Trata-se de concretizar novos modelos de organização e de gestão democrática desses serviços, que dêem boa resposta às condições de crescente complexidade funcional e territorial das suas estruturas, que desenvolvam processos dinâmicos de auto-regulação democrática e desenvolvam uma participação mais activa e responsável, e por isso estimulante, dos seus profissionais.

Assim se romperá com uma política centralista, autoritária, de asfixia financeira das autarquias e de criação de múltiplas dificuldades burocráticas no seu funcionamento que tem caracterizado o PSD, bem como de fortalecimento das Comissões de Coordenação Regional e da administração periférica, para impedir a criação das regiões administrativas.

Ao contrário do que o PSD defendeu e praticou, impõe-se dignificar o serviço público como meio privilegiado de assegurar a concretização dos direitos económicos, sociais e culturais dos cidadãos, invertendo o processo de desmantelamento ou privatização sistemática dos serviços públicos, sobretudo dos que podem dar lucro, ainda que à custa da penalização dos utentes. Em consonância, é preciso dignificar a função pública e os seus trabalhadores, garantindo melhores condições de remuneração, motivação e estabilidade.

Por outro lado, a democracia participativa tem que estar presente como critério essencial de estruturação e reforma democrática do Estado. Daqui decorre designadamente a necessidade de audição sistemática dos interessados no procedimento administrativo, a consagração do direito da iniciativa legislativa das populações, a criação ou revitalização de estruturas de participação, em particular dos trabalhadores e suas organizações. Impõe-se, por outro lado, democratizar a intervenção dos trabalhadores e outras entidades no procedi-

mento legislativo, fazendo com que as consultas deixem de ser uma mera formalidade para serem objecto de real atenção.

Os direitos dos utentes da Administração Pública devem ser fortalecidos e sistematicamente respeitados. Este facto significa que é necessário prestar especial atenção ao atendimento e comodidade dos utentes, à celeridade do procedimento administrativo, à justiça e imparcialidade das decisões, combatendo com firmeza as actuações clientelares, a corrupção e o tráfico de influências.

5.º

Lutar por um Portugal de Progresso e Justiça, Aberto ao Mundo, e por um Novo Rumo na Integração Europeia

As relações internacionais e em particular a integração europeia não podem continuar a significar para o nosso país um processo de crescente subordinação política e económica e de enfeudamento militar e diplomático.

Num mundo de cada vez maiores interdependências, uma nova política para Portugal deve afirmar e defender o lugar de Portugal no conjunto das Nações, com posições próprias e capaz de defender os seus interesses e de os harmonizar livremente com os dos outros países.

É necessária uma nova política que em todos os planos tenha a independência nacional e a soberania nacional como valores inalienáveis.

Uma política patriótica e nacional, que associe uma intervenção activa e empenhada nas dinâmicas objectivas de interdependências e mundialização dos processos económicos, sociais, culturais e políticos, com um combate persistente pela defesa da identidade nacional e legítimos direitos e interesses do povo português.

Impõe-se lutar por um novo rumo para a integração europeia. A próxima revisão do Tratado da União Europeia constitui um oportunidade que Portugal não pode perder para combater os aspectos mais negativos do Tratado de Maastricht e que mais directamente lesam a soberania nacional, designadamente no âmbito da UEM e das políticas externa, de defesa e de segurança interna e para rejeitar todas as soluções tendentes a subordinarem os países mais pequenos e menos desenvolvidos ao *dictat* dos países mais ricos e poderosos. É de uma grande cegueira ou de uma grande hipocrisia imaginar-se a construção de uma Europa, tranquila, harmoniosa e de coesão social por detrás das muralhas de Maastricht.

É necessário que Portugal lute activamente em todas as organizações a que pertence pelo respeito pelos princípios de um direito internacional justo, fundado nos valores da cooperação e da paz.

Portugal deve repudiado activamente as abusivas ingerências ou qualquer doutrina que subordine povos, países ou regiões aos interesses das grandes potências.

Portugal deve lutar para que as grandes organizações de cooperação e segurança não sejam subvertidas pela lógica dos directórios das grandes potências, mas antes desenvolvam a sua actividade de forma democrática e com respeito absoluto pelos direitos dos povos.

Uma nova política implica também o compromisso do país numa política activa de combate às desigualdades no Mundo e ao subdesenvolvimento, pelo progresso conjunto e solidária da Humanidade.

O reforço eleitoral da CDU para a Alternativa Democrática na política e no Governo do país

Nas próximas eleições legislativas, a possibilidade de uma real mudança de política e de uma verdadeira alternativa democrática dependem, de forma indissociável, de dois factores decisivos e de dois resultados fundamentais: a derrota eleitoral do PSD e a colocação do PSD e do CDS em minoria na Assembleia da República e o significativo reforço da representação parlamentar do PCP e da votação na CDU.

Sem dúvida que, nos últimos 10 anos, as responsabilidades fundamentais da definição, condução e execução da política de direita pertencem ao PSD e, por isso, é justo, essencial e indispensável que o PSD receba nas urnas o expressivo castigo e condenação correspondente às suas responsabilidades determinantes na grave situação que o povo e país enfrentam.

Mas nada deverá também fazer esquecer que outros partidos (o PS e o CDS) a iniciaram antes dos governos de exclusiva responsabilidade do PSD, lhe prestaram depois apoios essenciais para o desenvolvimento de aspectos fundamentais dessa política desastrosa e apresentaram hoje propostas que visam assegurar a continuidade do essencial da política do PSD.

E, por isso, uma mera mudança de partido governante que conduzi-se, como é ostensivo propósito do PSD, à manutenção das mesmas orientações políticas fundamentais não permitiria dar resposta eficaz aos graves problemas do país nem corresponder às aspirações populares de uma real mudança democrática.

Uma grande votação na CDU contribui - sempre, em toda a parte e de forma absolutamente segura e útil - para a derrota eleitoral da direita e para a afastar do poder.

Constituem objectivos de fundamental importância tanto a derrota do PSD e de toda a direita, como a inexistência de qualquer maioria absoluta monopartidária na próxima Assembleia da República.

Por isso mesmo, quanto maior for a votação e a representação parlamentar do PCP e da CDU e quanto mais indispensável se tornar a sua contribuição para a formação de uma maioria democrática na Assembleia, tanto maior será a sua capacidade para influenciar num sentido progressista a política e a composição do futuro governo.

Uma grande votação na CDU é o único resultado que contribui eficazmente para evitar que a política de direita venha a sobreviver pela mão do PS, para impedir que a grande aspiração a uma alternativa democrática seja defraudada pelo regresso dos compromissos e acordos do PS com o PSD ou com o CDS.

O reforço da votação na CDU é a opção eleitoral mais útil e mais eficaz para conquistar uma nova política, uma política de esquerda, para uma vida melhor numa sociedade mais justa.

No quadro das principais forças concorrentes às próximas eleições legislativas, o PCP e a CDU marcam a diferença de esquerda que vale a pena apoiar porque honraram inteiramente os compromissos assumidos com o eleitorado há quatro anos e podem legitimamente invocar uma constante intervenção em defesa dos interesses populares e em firme oposição à política e ao Governo do PSD.

O PCP e a CDU marcam a diferença que vale a pena apoiar porque se pronunciam clara e coerentemente pelo abandono da política de direita e das opções de fundo que estão na origem da crise e desagração do aparelho produtivo nacional, do aumento do desemprego, do agravamento das condições de vida da população, da ofensiva contra os interesses e direitos dos trabalhadores e todo o conjunto de direitos sociais, da extrema acentuação das injustiças, das desigualdades e da crescente desumanização da vida social com dramáticos corolários a nível de problemas como o aumento da criminalidade e da insegurança, dos ataques aos direitos e liberdades dos cidadãos, da vaga insolente de corrupção e clientelismo.

O PCP e a CDU marcam a diferença que vale a pena apoiar porque têm a coragem de afirmar que os interesses de quem trabalha e de quem produz e o interesse público e nacional têm de passar à frente dos interesses e privilégios do grande capital e da especulação financeira e que os recursos nacionais têm de ser colocados, não ao serviço do enriquecimento ilegítimo de alguns, mas ao serviço da pesquisa eficaz às carências do povo português e do progresso e desenvolvimento de Portugal.

O PCP e a CDU marcam a diferença que vale a pena apoiar porque se reclamam, com orgulho e sem hesitações, do património de avanços e conquistas da Revolução do 25 de Abril e dos ideais e valores de esquerda e os inserem na sua proposta de uma política que, sobre as ruínas, estragos e feridas deixadas pela direita e pela sua política, abra pela esquerda um novo caminho de confiança e de esperança para Portugal democrático.

Uma grande votação na CDU não será apenas uma valiosa e marcante manifestação de resistência, de descontentamento, de revolta e de protesto contra as injustiças, prepotências e indignidades da desastrosa política que assola o país há muitos e muitos anos.

Uma grande votação da CDU será também, e sobretudo, uma alavanca decisiva para colocar na ordem do dia novas soluções políticas e governativas que, com a indispensável participação do PCP, se empenhem na solução dos problemas nacionais e respondam aos interesses e aspirações da maioria dos portugueses.

Ao apresentar o seu programa eleitoral - que é simultaneamente um compromisso para a acção política geral e a intervenção parlamentar do PCP e uma contribuição essencial para a posterior definição do programa de um novo governo de alternativa, o PCP reafirma que, em 1 de Outubro, está ao alcance dos trabalhadores, dos democratas, do povo português alcançar a verdadeira mudança democrática de que Portugal precisa.

Com o PCP, com a CDU - a esquerda necessária para uma nova política.

CDU divulga linha e materiais de propaganda eleitoral

Confiantes num grande movimento para a mudança democrática

Na passada segunda-feira, a Coligação Democrática Unitária divulgou à comunicação social um conjunto de informações relativas a importantes aspectos da sua intervenção eleitoral. Em conferência de imprensa realizada no «Vitória», centro de trabalho do PCP na Avenida da Liberdade, Vítor Dias realçou «a ideia confiante de um grande movimento para a mudança democrática, a concretizar através do fortalecimento eleitoral da CDU».

Vítor Dias, membro da Comissão Política do PCP, prestou detalhadas informações sobre, entre outros aspectos:

– a linha gráfica e os materiais de propaganda visual que começarão a ser utilizados e afixados no final da primeira semana de Setembro;

– as principais iniciativas de campanha, bem como uma primeira informação geral sobre o plano de deslocações do secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas;

– os temas musicais da campanha da CDU, com destaque para a apresentação de duas novas criações, bem como uma informação sobre os artistas que participarão de forma mais regular em iniciativas da campanha da CDU.

Estiveram também no encontro com os jornalistas Manuela



Costa, do Partido Ecologista «Os Verdes», António Gonçalves, da Intervenção Democrática, Octávio Augusto, do Departamento de Propaganda do PCP, e Luís Corceiro, do Gabinete de Imprensa do Partido. Além dos elementos da mesa, ainda compareceram na conferência de imprensa Luísa Basto, Nuno Gomes dos Santos e José Barros (membro do grupo musical «Navegante»).

Propaganda visual

No plano da propaganda visual, Vítor Dias destacou a produção de uma nova série completa de materiais, abrangendo nomeadamente: um cartaz de grande formato (8x3m); um «mupi senior» (2,40x1,75m); um «mupi» (1,20x1,75m); um cartaz (70x100 e 50x70cm); e um pendão.

Para além de indispensáveis elementos de continuidade em relação aos materiais afixados na fase de pré-campanha - assinalou -, estes materiais de campanha apresentam como principais diferenças uma predominante utilização do azul (que, em anteriores campanhas, sempre constituiu um elemento central da identidade gráfica e visual da CDU), um novo lettering para a expressão «a Esquerda necessária» e a integração da imagem do secretário-geral do PCP associada à mensagem política da CDU.

Para a campanha, será editado um folheto, em papel reciclado, formato tablóide, com quatro páginas a cores.

«Para dar a volta a isto/Vota CDU - a Esquerda necessária» - são os principais slogans de campanha e que exprimem a ideia confiante de um grande movimento para a mudança democrática a concretizar através do fortalecimento eleitoral da CDU.

Temas musicais

A componente audiovisual da campanha compreende um conjunto de três temas musicais diversificados e que, em sintonia com a mensagem política da CDU, visam corresponder, não apenas a diferentes situações e usos de campanha (comícios, carros de som, tempos de antena), mas também à diversidade de gostos e padrões musicais actuais.

Houve, em primeiro lugar, o cuidado de assegurar a continuidade de uma identificação sonora da CDU já consagrada, mantendo a utilização do tema popular «Carvalhesa», quer na base do arranjo

na linha do que a crítica baptizou por MPP (Música Popular Portuguesa) e que tem acompanhado e marcado todas as campanhas da CDU desde 1985, quer recorrendo às novas elaborações da «Carvalhesa» divulgadas na campanha de 1991.

Os dois novos temas musicais que, a par da «Carvalhesa», servirão de suporte musical da campanha da CDU, são:

– o tema «Vamos dar a volta a isto», da autoria de Nuno Gomes dos Santos, que, pela sua linha melódica e tratamento do poema, se integra na extremamente rica tradição da música ligeira portuguesa, com um forte apelo à participação coral do público;

– o tema «É preciso mudar», interpretado por Luís Portugal (também co-autor da música), uma criação que integra os elementos mais recentes que têm influenciado a produção musical nacional, e especialmente a que mais directamente se dirige à juventude.

Além da intervenção pontual de outros artistas, participarão de forma continuada nas principais iniciativas de campanha da CDU, como artistas e grupos convidados, a Brigada Victor Jara, o grupo Navegante e Luís Portugal com a sua banda - revelou ainda Vítor Dias.

Desigualdades

Respondendo a perguntas dos jornalistas, Vítor Dias reafirmou não encontrar motivos para que a CDU seja a primeira força eleitoral a revelar o seu orçamento eleitoral. Adiantou, no entanto, que a meta de 150 mil contos da campanha de fundos actualmente em curso pode servir de indicativo, devendo as despesas ultrapassar aquele montante em mais alguns milhares de escudos.

A propósito, voltou a denunciar a profunda desproporção de meios dispendidos pela CDU e por forças políticas como o PSD e o PS, o que comporta grandes desigualdades entre os concorrentes às eleições de 1 de Outubro. Depois de recordar que, na AR, o PCP propôs que o tecto legal não excedesse os 400 mil contos por cada força política, Vítor Dias afirmou que a lei que acabaria por ser aprovada contempla a escalada do despesismo eleitoral. Para o dirigente comunista, o eleitorado reflectirá sobre as origens de tanto dinheiro gasto na campanha eleitoral e os motivos por que aqueles que têm muito dinheiro o disponibilizam para esta finalidade.

Principais iniciativas em agenda

No encontro com a comunicação social, Vítor Dias lembrou que estamos a poucos dias «desse grande acontecimento e relevante iniciativa - a Festa do Avante! - que marcará o arranque da campanha da CDU e a pouco mais de quinze dias do início do período oficial de campanha».

Deixando para mais tarde uma informação pormenorizada sobre o calendário de iniciativas de campanha, e ressalvando eventuais alterações, foi divulgado aos jornalistas o programa de deslocações de Carlos Carvalhas. O secretário-geral do PCP intervirá nas principais iniciativas da campanha nacional da CDU, e estará em cerca de 14 distritos no período entre 8 e 29 de Setembro.

Álvaro Cunhal participará também num importante conjunto de iniciativas em diversos distritos. Dirigentes nacionais do Partido Ecologista «Os Verdes» e da Intervenção Democrática intervirão também em numerosas iniciativas.

Do vasto e diversificado conjunto de acções e iniciativas que, tanto no plano central como no plano regional e distrital, sustentarão a campanha da CDU, na conferência de imprensa mereceram destaque, pela sua importância:

– o Festival da Juventude CDU, a realizar a 16 de Setembro (sábado) à tarde, no Barreiro;

– o comício-festa de abertura da campanha, a 17 de Setembro (domingo) à tarde, no Palácio de Cristal, no Porto;

– o grande comício-festa, a realizar no Campo Pequeno, em Lisboa, a 23 de Setembro (domingo) à tarde, precisamente a meio da campanha;

– os comícios-festa de encerramento da campanha, nos dias 28 e 29, e de que se destacam os que se realizarão nos distritos de Lisboa, Setúbal, Porto e Braga.

«Caravana» nacional

A partir do dia 12 de Setembro, estará na estrada um sistema de apoio à realização de grandes iniciativas da CDU, que foi designada por «caravana» nacional da CDU.

É constituída por um camião de grande porte e um conjunto de viaturas de apoio, decorados com a imagem e a mensagem política da CDU.

O camião integra um palco e equipamento de som e luz, com qualidade e potência suficientes para garantir a realização de comícios e de espectáculos com os artistas e grupos musicais que participam na campanha da CDU. A «caravana» transportará também cenários e painéis decorativos, uma exposição política, uma banca de informações e mobiliário de esplanada, garantindo assim a criação, nos locais das iniciativas, de espaços de diálogo e convívio.

Nas nossas mãos...

Vários materiais escritos vêm somar-se ao «jornal de Verão», aos jornais de apoiantes, ao jornal que divulgou os cabeças-de-lista por todos os círculos eleitorais e aos prospectos já distribuídos pela CDU. Na segunda-feira, foram apresentados os primeiros exemplares de folhetos da CDU dirigidos à juventude, às mulheres, aos reformados e pensionistas, aos trabalhadores da Administração Pública, aos bancários e aos agricultores, e sobre problemas como as condições de vida e da economia na bacia do Douro ou a política necessária para fazer frente à toxicod dependência e ao narcotráfico. Entre os materiais de propaganda da CDU estará também um calendário com todos os jogos das 34 jornadas do campeonato nacional de futebol da 1ª divisão para a época 1995-96. Aos jornalistas foram também dados a conhecer os autocolantes, as camisolas, fitas, bolsas, isqueiros, esferográficas e outros suportes da sigla e do emblema da CDU na campanha eleitoral.



O Padrinho de Miami

Imagem da oposição cubana

■ Miguel Urbano Rodrigues

A grande maioria dos portugueses tem uma ideia nevoenta da oposição cubana no exílio.

Influenciados pela perversão mediática, muitos estão persuadidos de que as organizações que instalaram em Miami o seu quartel-general ambicionam para Cuba um regime inspirado no modelo ocidental de democracia.

A realidade é diferente. Nascida da fusão de grupúsculos terroristas, a Fundação Nacional Cubano-Americana - FNCA, que se apresenta como porta-voz da oposição, é uma engrenagem mafiosa de novo tipo. O seu chefe, Jorge Mas Canosa, assemelha-se pelo estilo e carácter ao Padrinho, popularizado pelo filme que foi *best seller* mundial.

Quem é e como conseguiu adquirir tamanho poder o cubano de Miami que foi íntimo de dois presidentes dos EUA, mantém relações cordiais com Carlos Menem e Felipe Gonzalez, é recebido ao mais alto nível em Moscovo e Tóquio?

Jorge Lincoln Mas Canosa é uma estranhíssima personagem. Em entrevista à cadeia de televisão norte-americana PBS, lembrou que a primeira viagem aos EUA, quando tinha 15 anos, lhe traçou o destino. «Vi - disse então - que os americanos tinham vencido toda as guerras e que os americanos nunca perdiam. Vi isso nos filmes do Far-west, onde os bons sempre ganhavam, e eu não quero perder porque não sou mau tipo. Quero brilhar como nos filmes do Far-west, na melhor tradição de Hollywood.»

Estamos perante uma definição esclarecedora que figura na epígrafe do livro que dois jornalistas cubanos (1), Reinaldo Taladrí e Lázaro Barredo, dedicaram ao presidente da FNCA: «El Chairman soy yo - La verdadera historia de Jorge Mas Canosa».

Em 1959, meses depois da vitória da Revolução Cubana, quando Mas Canosa emigrou para a Florida, ninguém dava nada pelo seu futuro. Um exame médico a que foi submetido a pedido do pai, revelou que o moço era um neurótico com tendências megalómanas. Aos 20 anos acumulava frustrações. Mau estudante, truculento, envolvido numa relação incestuosa, maçom, saiu do país na sequência de uma conspiração de pacotilha como membro de uma organização fantasmática, um tal Movimento Democrata Cristiano, que logo desapareceu.

Em Miami foi descoberto por Felix Rodriguez, El Gato, famoso operacional da CIA que participara na primeira expedição militar contra Cuba, financiada pelo ditador dominicano Rafael Leonidas Trujillo, El Benefactor de la Patria...

Canosa tornou-se agente da CIA. Ganhou os primeiros galões numa missão modesta. Era aparentemente um vulgar distribuidor de leite. Na realidade funcionava como pombo-correio ligando empresas da CIA (2). El Gato apreciou-lhe o trabalho e confiou-lhe uma tarefa importante. O leiteiro foi integrado numa equipa que trabalhava num plano secreto, inicialmente conhecida pelo nome de código «Operação 40». Seleccionava voluntários para a Brigada que deveria invadir Cuba na Primavera de 61. O chefe da equipa era um jovem oficial esperança de uma família de milionários texanos: George Bush. Esse moço, então desconhecido, foi posteriormente nomeado director da CIA e mais tarde entrou na Casa Branca como Presidente dos EUA.

A aventura da Brigada acabou meses depois em humilhante derrota na Baía de Cochinos (Playa Girón). Mas a amizade entre George e Jorge, essa aprofundou-se e foi transmitida aos filhos de ambos.

Nos anos seguintes, Mas Canosa acumulou derrotas e dinheiro. As primeiras resultaram dos sucessivos fracassos das operações terroristas contra Cuba, empreendidas por grupos como Alpha 66, Movimento 30 de Novembro, Omega 7, a RECE, e outras, inventadas para servir os objectivos da CIA e da mafia cubana que ia tomando forma em Miami. O dinheiro pingou do roubo das contribuições dos emigrados ricos e de financiamentos norte-americanos de origem oficial e privada.

Por caminhos ínvios, Mas Canosa criou a sua primeira empresa, a Church & Towers, uma construtora que se agigantou rapidamente com favores estaduais de duvidosa legalidade. Sem pressa, começou a acumular uma enorme fortuna.

O terrorismo clássico estava, entretanto, a prejudicar decisivamente a imagem da oposição cubana nos EUA. O próprio FBI definiu Miami, num relatório, como a capital do terrorismo na América.

Mas Canosa compreendeu que chegara o momento de mudar de tática para manter a mesma estratégia. Em Setembro

de 1981, com o firme apoio do governo federal, criou a Fundação Nacional Cubano-Americana, indispensável para um novo tipo de relacionamento com a Administração. A respeitabilidade da instituição era, porém, simples fachada. Cargos importantes da FNCA foram imediatamente ocupados pela pior escória cubana que afluía a Miami. Na Comissão de Relações Públicas apareceram os irmãos Guillermo e Ignacio Novo, participantes no assassinio do chileno Orlando Letelier e autores de 75 acções de terrorismo comprovadas. Guillermo adquirira notoriedade ao disparar uma bazooka contra o edifício das Nações Unidas em Nova Iorque. Mais tarde, numa entrevista a Jack Anderson, atribuiu o gesto a «um arroubo juvenil».

Tony Cuesta, um dos grandes da Fundação, apresenta um currículo medonho, como organizador de acções terroristas contra Cuba, a última das quais lhe valeu, após um desembarque frustrado, 12 anos de prisão, seguidos de expulsão. Da galeria de funcionários de confiança de FNCA merece referência, no amplo leque de terroristas, o operacional Arocena, especialista na colocação de bombas em barcos soviéticos e em embaixadas da URSS e da China. O seu orgulho maior é o papel que desempenhou na guerra biológica contra Cuba e na destruição das máquinas de venda do *Miami Herald*, durante a polémica do Patrão com o jornal, cuja direcção, aliás, capitulou, aceitando uma «reconciliação» para ela humilhante.

Mas Canosa fez da Fundação um asilo para a mafia terrorista. E não hesitou em intervir na Casa Branca a favor da sua gente. Foi a pedido seu que Ronald Reagan nomeou Armando Valladares, o ex-bombista e polícia de Batista, embaixador dos EUA na Comissão dos Direitos Humanos de Genebra. E foi a pedido seu, também, que George Bush ordenou que fosse libertado Orlando Bosh, condenado pela justiça norte-americana por ter organizado o atentado de Barbados contra o avião da Cubana Aviacion que causou dezenas de vítimas.

Amigo de Reagan e Bush

A intimidade com Reagan e Bush foi, aliás, factor decisivo para a ascensão do poderoso chairman da FNCA. Em Maio de 83, Reagan, em Miami, sintetizou a sua admiração pelo amigo num desabafo: «Obrigado, Jorge, por tudo o que fizeste e estás a fazer!»

Bush, anos depois, não se mostrou menos agradecido: Ele é - disse - o modelo do milagre cubano na América.»

Ambos, Ronald e George, foram, obviamente, generosos no financiamento dos planos contra-revolucionários da gente de Miami.

De Reagan, Mas Canosa conseguiu apoio para a revogação da Emenda Clark, indispensável para que a Radio Martí pudesse ser posta no ar. De Bush recebeu dezenas de milhões de dólares para a montagem da TV-Martí, emissora também pirata cujos programas - segundo o próprio Escritório dos EUA em Havana - não podem ser vistos em Cuba, porque o sinal é interferido pelas autoridades da Ilha.

Mas a amizade por George Bush acabou quando os ventos principiaram a soprar contra o Partido Republicano. Canosa, então, mudou de rumo: contribuiu com um chorudo cheque para a campanha eleitoral de Bill Clinton.

O filho de Bush cortou relações com Mas Canosa. Em Washington não faltou quem recordasse tanta ingratidão. O chairman da FNCA até esquecera - foi lembrado - que Ronald Reagan, atendendo um apelo seu, conseguira obter do Congresso 30 milhões de dólares para a UNITA.

Canosa gosta, aliás, de repetir que sempre identificou em Jonas Savimbi um aliado preferencial e em 1988 assinou com ele, durante uma visita à Jamba, um «compromisso de causa comum».

O ditador nicaraguense Tacho Somoza foi outro amigo dilecto do presidente da FNCA. Para lhe recordar a vida e a obra, Mas Canosa adquiriu mais tarde a limousine blindada do falecido ditador. O afecto, aliás, transferiu-se para os contras que combatiam a Revolução Sandinista, apoiados pela CIA. Documentos oficiais norte-americanos confirmam que Mas Canosa esteve envolvido nos negócios do Iran-Contra, através de contactos muito estreitos com o coronel Oliver North.

Vaidoso, o chairman da FNCA fez questão de se apresentar como um igual de dirigentes políticos de renome internacional. Após a Cimeira de Madrid de Madrid, numa entrevista à emissora Woba de Miami declarou, displicente: «Reuni-me com Felipe Gonzalez, a 13 de Maio, dia da Virgem de Fátima, e planeámos e discutimos em pormenor o tipo de recepção que Fidel Castro deveria ter em Espanha...»

A referência a Fátima não foi casual. Mas Canosa afirma ser católico fervoroso. Em Junho de 1993, foi protagonista de uma estranha cerimónia em Santiago de Compostela. Toda a imprensa galega noticiou que um enviado do Papa lhe entregara a Medalha de Mérito Humanitário do Vaticano. Perante o alarido que se levantou, a Santa Sé desmentiu. A famosa medalha nem sequer existia e o cônego que a entregou não representava o Papa. O arcebispo de Compostela definiu o acto da condecoração como «piada carnavalesca».

A lei Torricelli

São incontáveis os discursos em que Mas Canosa anunciou como iminente o fim da Revolução Cubana. Mandou inclusive elaborar programas económicos para o futuro próximo e fez a sua apresentação no selectíssimo Clube 21 de New York. As promessas - a troco de ajudas prévias - atingiam proporções tão chocantes que o colonista Steve Kroft, num programa da CBS, comentou: «Jorge está literalmente a vender a Ilha».

Conseguir que o Congresso dos EUA aprovasse o bloqueio a Cuba foi para Mas Canosa uma meta permanente, quase uma obsessão. E acabou atingindo o objectivo. Primeiro financiou a eleição para a Câmara dos Representantes de um obscuro político, Torricelli, que patrocinou o texto do chamado Cuban Democracy Act, e se comportou, depois, como instrumento do chairman da FNCA.

Acusado repetidamente de envolvimento em negócios do narcotráfico, Mas Canosa tornou-se, com os anos, um político temido pelas próprias autoridades do estado da Florida. Nos arquivos do FBI existe vasta documentação sobre acções criminosas da sua responsabilidade. Mas a Administração não ousa atacá-lo publicamente. O ex-agente da Estação JM Wave, da CIA, sabe de mais. Rafael Quintero, um dos mercenários recrutados para a Brigada Invasora de Playa Girón, que foi homem-de-mão de Mas Canosa, declarou em Maio de 90 em entrevista ao San Francisco Chronicle: «Se algum dia eu revelar o que sei sobre Dallas e a Baía de Cochinos será o maior escândalo que jamais abalou a nação»...

Contrariamente ao que a propaganda insinua, Mas Canosa não conta hoje com a simpatia da grande maioria da comunidade cubana da Florida. Centenas de milhares de jovens, nascidos nos EUA, condenam o bloqueio, desejariam ver normalizadas as relações com Havana e gostariam de poder visitar livremente a Ilha. Detestam Mas Canosa, mas temem-no.

Desacreditado perante a própria diáspora cubana, o Padrinho de Miami, hoje cidadão norte-americano, não renunciou, porém, ao seu sonho megalómano: ambicioso ser o Presidente de Cuba. Mas não esconde o seu desprezo pelo povo de Martí. Num jantar no luxuoso CID, de Miami, expressou esse sentimento em desabafo: «Se Fidel promover eleições é eleito porque os cubanos não gostam de trabalhar!»

Perante uma Comissão do Congresso não hesitou em sugerir a criação na Base Naval de Guantánamo de um Governo Provisório Cubano no exílio.

O Padrinho de Miami, ex-guerreiro da Estação JM Wave, da CIA, ex-amigo de George Bush, o mafioso que a imprensa portuguesa insiste em apresentar como líder da «oposição democrática cubana» tem, como se verifica, uma concepção peculiar do patriotismo. Gosta de repetir: «Amo a América (EUA) e morreria por ela.» Mais uma mentira. Jorge Mas Canosa somente tem dois amores: poder e dinheiro.

(1) Reinaldo Taladrí é director da *Cubavisión Internacional*; Lázaro Barredo é actualmente vice-presidente da Comissão de Negócios Estrangeiros da Assembleia Nacional do Poder Popular e presidente do Grupo de Amizade Parlamentar Cuba-Portugal.

(2) Somente na Florida, a CIA actuava sob a fachada de 55 empresas que movimentaram anualmente muitos milhões de dólares (agências de viagens, oficinas mecânicas, companhias pesqueiras, casas de venda de armas, construtores, etc.). Na Estação JM Wave trabalhavam 400 militares e 3000 agentes; o orçamento anual excedia 100 milhões de dólares.

PONTOS CARDEAIS

A fuga

No telejornal das 13 horas transmitido anteontem pela RTP, a respectiva direcção de Informação achou pertinente uma longa reportagem sobre a fuga de um miúdo dum hospital do Porto, onde estava internado sob suspeita de traumatismo craniano, para assistir ao casamento de uma tia. A ocorrência foi transformada em grande acontecimento, merecendo os pormenores numa reconstrução: ele era o quarto hospitalar onde o miúdo estava, as voltas que deu para recuperar as calças que lhe haviam escondido, os caminhos da fuga que descobriu, o testemunho das enfermeiras, até o director do hospital foi chamado para explicar que "um hospital não é uma prisão". Tínhamos ali um herói de palmo e meio, tão irresponsável dos perigos que correu como quem transformou essa irresponsabilidade numa odisseia. Transmitido tudo isto, o locutor que apresentava as notícias teve

um vislumbre e comentou: "Uma aventura que, esperamos, não venha a ser imitada." Bem pode esperar. Melhor que isto, só apagar fogo com gasolina.

A descida

Arrastado pela descida das taxas de juro decidida pelo Bundesbank, o Banco de Portugal determinou também a descida das taxas de juro no nosso país. Perante isto, a banca privada foi diligente: desceu as taxas de juro dos depósitos e manteve as dos empréstimos, concedendo, nestes, algumas descidas ligeiras aos "melhores clientes". Ou seja: quem emprestou dinheiro à banca ficou imediatamente a perder; quem deve dinheiro à banca, não ganhou nada com isto. Em todos os casos, fica a banca privada a arrecadar em toda a linha, indiferente e acima das regras financeiras do País que ela própria impôs e o

cavaquismo, diligentemente, instituiu...

Factos

No último relatório mensal da SAER - Sociedade de Avaliação de Empresas e Risco - concluía-se que o consumo privado em Portugal não está a evoluir tão favoravelmente como se esperava, afectando o ritmo de crescimento económico do País. E explicava-se que o facto é «reflexo não só da fraca evolução do rendimento disponível, mas também do baixo nível de confiança do consumidor, o qual não deixa de reflectir a evolução desfavorável do desemprego e a alteração radical do mercado de trabalho em termos de precariedade dos vínculos laborais». Afinal nem só os comunistas vêem os factos como eles são. Os capitalistas também. Com a

diferença de que se estão nas tintas para as consequências sociais deles...

Radicalismos

A "Caravana Radical" da Juventude Socialista anda pelas praias a propor aos jovens coisas excitantes como escalar paredes, jogar vôlei e voar de balão, o que configura uma poderosa linha de intervenção eleitoral no esclarecimento e mobilização da juventude para os seus problemas. Fica, entretanto, à vista, o nível de radicalismo com que o PS quer mudar a política portuguesa: um radicalismo de balão.

A candidata

Descobrimo de repente o Alentejo, de cujos problemas e dramas andou geralmente

arredada como ministra do Ambiente, Teresa Patrício Gouveia foi a uma pousada em Beja apresentar a sua candidatura a este Distrito, como primeiro nome da lista do PSD. O seu à-vontade foi notável, propondo para o Alentejo "um desenvolvimento assente na instalação da indústria, na criação de serviços e num turismo de qualidade" - coisas que o seu partido, em 10 anos de governo ininterrupto, nunca sentiu necessidade de fazer, mas que, pelos vistos, quer agora realizar, quando está de malas aviadas. O à-vontade da senhora foi tanto, que não se coibiu de prometer o aproveitamento dos recursos hidráulicos como "uma solução definitiva para todos os Concelhos do Alentejo". Como se o PSD não andasse há 10 anos a adiar o projecto do Alqueva e ela própria, como ministra do Ambiente, não deixasse os espanhóis depredarem os nossos recursos hídricos. Como se esta gente achasse que os portugueses são parvos.

FRASES da SEMANA

"Viver no Alentejo é bom"

☛ (Teresa Patrício Gouveia, cabeça de lista do PSD por Beja - "Público", 29/8/95)

"O que se segue é a campanha do figo"

☛ (João Preguiça, cabeça de lista do MRPP por Beja - idem)

"Cuidado com as imitações"

☛ (Fernando Nogueira, num comício em Ovar - "DN", 28/8/95)

"Cavaco consumiu 41 ministros"

☛ (Título do "DN" - 27/8/95)

"(O PP) é um partido de yuppies agressivos, arrogantes. Recordemos o seu comportamento em relação ao CDS, como trataram a bancada parlamentar. Comportam-se como se não conhecessem pai nem mãe"

☛ (Pacheco Pereira - "DN", 28/8/95)

"Muita esquerda jornalística (que caucionou o PP) agora começa a perceber a complacência que teve com Monteiro, Portas e o próprio PP. Há muita imbecilidade histórica nessa esquerda. Inclusive, até parece existir uma espécie de "clube de fãs" de Portas na Imprensa"

☛ (idem)

"O Paulo Portas faz-se sócio dos bombeiros, do Avanca Futebol Clube e do Marrazes, auxilia uma velhinha e repete que Portugal está à venda, e logo não param os tempos de antena..."

☛ (Domingos Lopes, "Público", 29/8/95)

"Continuar a forçar a bipolarização partidária, como os "media" têm feito, sobretudo as televisões, só pode redundar num recalçamento cada vez maior do real pluralismo da sociedade."

☛ (Manuel Villaverde Cabral, "Diário de Notícias", 28/8/95)

"Cavaco foi fraco quando deixou o poder da esquerda na comunicação social."

☛ (Alberto João Jardim, Rádio Renascença, 29/8/95)

"Os dirigentes políticos do PSD e do PS andam espavoridos. As previstas audiências às neurasténicas façanhas do Pontal e da Pontinha foram aniquiladas pelo excesso de proteínas do Big Show SIC. O que resta da opinião pública (se é que alguma vez a houve) está a recusar os seus donos."

☛ (Baptista-Bastos, "Público", 30/8/95)

PONTOS NATURAIS Teledísticos

Quando morre um banqueiro, morre um banqueiro. Quando morre um poeta, o poeta não morre.

As imagens que te chegam pela televisão não são a realidade: são a realidade filtrada.

Dizem que a televisão não nos transforma. Eu, se fosse a ti, não ficava muito seguro disso.

Trata bem o teu televisor. Defende-o. Não o deixes andar em más companhias.

Esse réu do genocídio chamado televisão...

Sabes que és uma pessoa importante? Por tua causa se desencadeia a guerra entre as estações de TV. Tu és o território a conquistar.

Antes de aparecer a televisão, julgava-se que a escravatura já tinha acabado.

O diabo quer a tua alma. A televisão quer o teu voto. Talvez por isso houve quem chamasse à televisão «a imagem diabólica».

A televisão é a vida em diferido para tantas vidas indeferidas.

Não é por acaso que televisão rima com colonização.

Diante de um televisor, vivemos pouco, morremos muito.

Manda o bom senso ter em regra o televisor fechado a abri-lo só quando gostamos muito dele.

Nem todos os vermes se alimentam de igual maneira. Uns, comem os olhinhos das couves, outros, por exemplo a televisão, comem os olhinhos das pessoas.

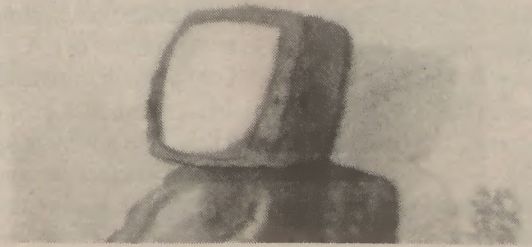
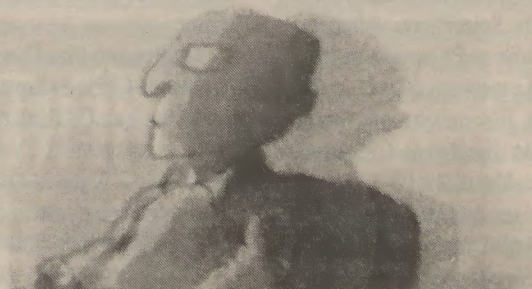
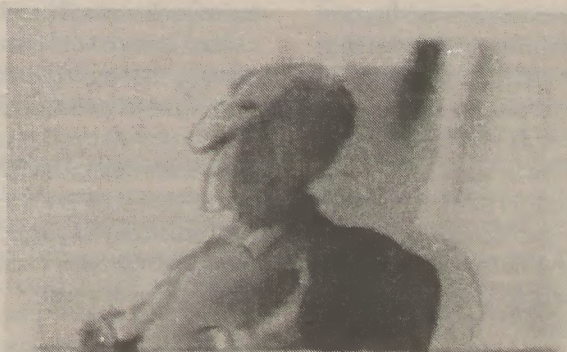
Os grandes servem-se da televisão. A televisão serve-se dos pequenos.

A televisão em Portugal não tem classe, mas é um instrumento de classe.

Não há nada mais deseducativo do que uma educação chata. Não há nada mais deseducativo do que uma deseducação alegre.

Vê, mas ao contrário de S. Tomé, não creias.

Mário Castrim



**LISBOA**

Mini-comício com **Luís Sá**, no dia 6, **quarta-feira**, às 12.30 horas, frente às instalações da **Carris** em Santo Amaro.

ÉVORA

Distribuição do manifesto distrital da CDU, na Feira da Luz, em **Montemor-o-Novo**, no dia 2, **sábado**, a partir das 19 horas.

Festa do «Avante!»

Acto de abertura

Com **Carlos Carvalho**
6ª feira, 19 horas, Praça da Paz

Comício

Com **Carlos Carvalho**, **Álvaro Cunhal**, **Carlos Brito** e **Bernardino Soares**
Domingo, 17 horas, Palco 25 de Abril
(concentrações e desfiles das organizações a partir das 16.30, junto dos pavilhões de Santarém, Lisboa, Aveiro e Espaço Internacional)

Colóquios no Forum do Pavilhão Central

6ª feira

21.30 - **Os trabalhadores e o progresso: emprego, salários, direitos**. Com **Agostinho Lopes**, **Sérgio Ribeiro**, **José Ernesto Cartaxo**, **Cristina Rocha Neto** e **Ana Avoila**.

Sábado

15.00 - **A geopolítica da droga e o flagelo da toxicodpendência; mistificações e respostas**. Com **Francisco Lopes**, **António Filipe**, **Carlos Gonçalves**, **Moita Flores** e **Luís Duarte Patrício**.

17.00 - **50º aniversário da Vitória. A paz e a segurança hoje na Europa**. Com representantes do PCP e dos partidos do Socialismo Democrático (Alemanha), Comunista de Espanha, Comunista Francês, Comunista da Grécia, e da Refundação Comunista (Itália).

21.00 - **Pela esquerda, para uma nova política: as propostas do Programa Eleitoral do PCP**. Com **Edgar Correia**, **Luís Sá**, **Octávio Teixeira** e **Vitor Dias**.

Domingo

15.00 - **Os direitos sociais no regime democrático**. Com **Cipriano Justo**, **João Araújo**, **José Abreu**, **Rui Namorado Rosa** e **Ana Carita**.

Imprensa do Partido

Conversas com os visitantes da Festa, no Auditório da Imprensa do Partido (Pavilhão Central), sobre: Portugal, o PCP e a 2ª Guerra Mundial; o comunismo hoje; a organização do Partido; a imprensa partidária. Consultar programa detalhado no local.

Carlos Carvalho em Palmela e na Pontinha

2ª FEIRA, 22 HORAS - visita às Festas das Vindimas, em Palmela, acompanhado de candidatos da CDU pelo distrito de Setúbal

4ª FEIRA, 21.30 HORAS - comício-festa da CDU na escola primária do Bairro Falcão, na Pontinha (Loures). Além de Carlos Carvalho, intervêm **Luís Sá**, da Comissão Política do PCP, **Isabel Castro**, do Partido Ecologista «Os Verdes», **Demétrio Alves** e **Fátima Amaral**

Na **terça-feira**, dia 5, às 20.30 horas, o secretário-geral do PCP e Carlos Luís Figueira, da Comissão Política do Partido, participam, a convite do Conselho Nacional das Empresas de Turismo, num jantar-debate com empresários deste sector, no Hotel Altis, em Lisboa.

Rádio Renascença

No **sábado**, dia 2, Carlos Carvalho é entrevistado no Canal 1 da Rádio Renascença, cerca das 10.45 horas, num programa especial dedicado às próximas eleições legislativas.

TSF

Na **terça-feira**, dia 5, o secretário-geral do PCP é o convidado do Forum Especial da TSF, a seguir ao noticiário das 10 horas, e responde a perguntas dos ouvintes.

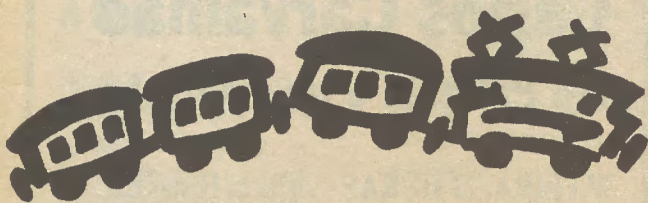
Tudo sobre a Festa na revista-programa

Festa Avante!

Programa 1995

Preço 400\$00

Espectáculos • Bienal • Van Gogh
Organizações • Livro e Disco
Artesanato • Gastronomia • Desporto



COMBOIO JUVENTUDE CDU FESTA DO AVANTE 95

Ida: 1 de Setembro

Porto	10.25	3000\$
Gaia	10.25	3000\$
Espinho	10.40	2900\$
Ovar	10.50	2700\$
Aveiro	11.10	2500\$
Coimbra	11.50	2000\$
Alfarelos	12.00	1800\$
Entroncamento	12.50	1200\$
Santarém	13.15	1000\$

Regresso: 4 de Setembro

Sta. Apolónia 02.00

Os preços indicados incluem o transporte de autocarro para a Quinta da Atalaia no dia 1 de Setembro, assim como o regresso no dia 4, com saída às 24 horas da Quinta da Atalaia para a estação de Santa Apolónia.

As horas previstas para a chegada são as seguintes: Santarém - 02.45; Entroncamento - 03.05; Alfarelos - 04.00; Coimbra - 04.15; Aveiro - 04.50; Ovar - 05.10; Gaia - 05.30; Campanhã - 05.40.

Bilhetes à venda nos Centros de Trabalho do PCP e sedes da JCP

Excursões de autocarro para a Festa

De VILA FRANCA DE XIRA - Sábado, dia 2 de Setembro, e Domingo, dia 3, com partidas de Vila Franca às 08h.

De CASCAIS - Sábado, dia 2, e Domingo, dia 3, com passagens em Alto de Tires - 08.30; Caparide - 08.35; Bicesse - 08.45; Manique - 08.50; Alcoitão - 08.55; Alcabideche - 09.00; Cascais - 09.10; S. João (Sinais) - 09.15; Parede - 09.20; Rana - 09.25; S. Domingos - 09.30; Rebelva - 09.35; Sassoeiros (Pingo Doce) - 09.45. Regresso: dia 2 à 01.00, dia 3 às 22.30.

De CALDAS DA RAINHA - Domingo, dia 3, com partida da estação da RN, às 8 h (Inscrições no CT das Caldas, tel.: 062 23 974).

De SETÚBAL - Sábado, dia 2, com partida, às 9 horas e regresso, às 00.30. Domingo, dia 3, com partida, às 9 horas e regresso, às 23.00. Preço: 700 escudos. Inscrições no CT do PCP.



PALAVRAS CRUZADAS

1																
2																
3																
4																
5																
6																
7																
8																
9																
10																
11																
12																
13																

HORIZONTAIS: 1 - Chamara em socorro; remuneraras. 2 - Recearei; nomear por eleição. 3 - Abrev. da palavra latina Anno Domini; caminhava; manifestar riso; som emitiativo da voz da cabra; forma arcaica de «o» usada hoje apenas na expressão el-rei. 4 - Sorri; par de dois; reze; as duas primeiras de negrada. 5 - Cercar com arame; abrir sulcos com o arado. 6 - Sais voláteis que se dão a cheirar às pessoas desmaiadas; mova-se de baixo para cima; que causa dano. 7 - As duas últimas de estalam; partícula que, no dialecto provençal, significava sim. 8 - Curado; dá passos; gosta. 9 - Fazer uma operação; órgão do aparelho genital feminino onde geralmente se desenvolve o embrião (pl.). 10 - Oposto de boa; plural de no; motivo; símbolo químico de Radio. 11 - Atmosfera; partículas pequenas que pairam no ar; fúria; existes; abrev. de doutor. 12 - A pele deste animal é preparada para agasalho (pl.); banharei. 13 - Árvore rutácea cuja casca é medicinal; ameara.

VERTICAIS: 1 - Amarraras; adicionara. 2 - Solicitara alguma coisa a alguém; aperfeiçoar. 3 - Prep. indicativa de várias relações, como: lugar, tempo, modo, etc.; laço de crina de cavalo, com que se caçam perdizes; utensílio que serve para apanhar o lixo. 4 - Preceito emanado de autoridade soberana; imensidade; Plano Oficial de Contas (abrev.). 5 - Trabalho de arar (pl.); nociva. 6 - Segunda nota da escala musical; espécie de cestos onde os indígenas guardam o tabaco; rezo; brisa. 7 - O mesmo que arau; imposto de transmissão. 8 - Dizer. 9 - Antiga conjugação, confronto com pêro; espécie de caixa que serve para transporte de roupas em viagem. 10 - Símbolo químico do Alumínio; as três primeiras de radar; grupo de dois; as duas últimas de cantam. 11 - Soltara lamentos; arrisca. 12 - Prática como agente; tempo que a terra gasta a dar uma volta em torno do sol; abandona o lugar. 13 - Feminino de réu; carruagem especial para transporte de cães de caça; as duas últimas de arara. 14 - Anfiteatro (pl.); cravar os dentes em. 15 - Graça; guarneceria de asas.

SOLUÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

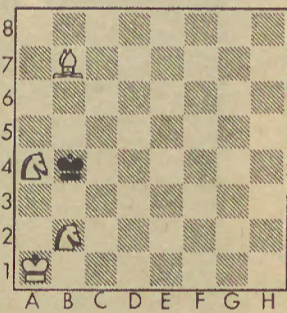
HORIZONTAIS: 1 - Com; cometer; ter. 2 - Oval; calou; gira. 3 - Iodar; tem; coral. 4 - Ri; cavar; aa. 5 - Ave; casaria; rir. 6 - Si; aos; mus; na. 7 - Médico; pataca. 8 - Na; ama; rói; ta. 9 - Asa; atestar; tom. 10 - Pé; antas; Dr. 11 - Amigo; tal; suada. 12 - Bato; meras; ovar. 13 - Oro; pesar; ara.

VERTICAIS: 1 - Coimas; nababo. 2 - Ovo; vimas; mar. 3 - Madre; apito. 4 - Lai; ada; ego. 5 - Coima. 6 - Oc; cascata; me. 7 - Matas; entes. 8 - Elevar; estará. 9 - Tomar; talar. 10 - Eu; rimaras; sa. 11 - Autor. 12 - Goa; sai; duo. 13 - Tirar; trava. 14 - Era; inato; dar. 15 - Lalara; ampara.

XADREZ

DXXVII - 31 DE AGOSTO DE 1995
PROPOSIÇÃO N.º 1995X067
Por AUGUSTE D'ORVILLE
Problèmes [Nº 155], Nürnberg, 1842

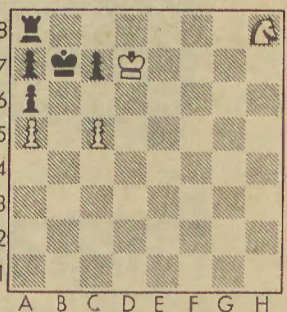
Pr. Rex Solus: Rb4
Br. [4]: Cs. a4, b2 - Bb7 - Ral



Mate em 6 lances

PROPOSIÇÃO N.º 1995X068
Por FILIPP SIEMIONOVITCH BONDARIENKO
Ajedrez, 1961

Pr. [5]: Ps. a6, a7, c7 - Ta8 - Rb7
Pr. [4]: Ps. a5, c5 - Ch8 - Rd7



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO N.º DXXVII

Nº 1995X067 [A. d'O.]: 1. Ra2!, Ra5!; 2. Ra3!, Rb5; 3. Rb3, Ra5; 4. Cç4+, Rb5; 5. Rç3, Ra4; 6. Bç6#

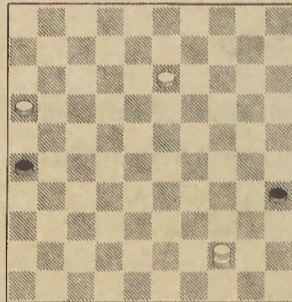
Nº 1995X068 [A.A.]: 1. cç1+, Rb8; 2. Re8, Rç8; 3. Cç6, Rb8; 4. Ch4, Rç8; 5. Cf5, Rb8; 6. Cé3, Rç8; 7. Cd5, Rb8; 8. Cb4, Rç8; 9. Ca6, Tb8; 10. Cb8, Rb8; 11. Rd8 e.g.

A. de M. M.

DAMAS

DXXVII - 31 DE AGOSTO DE 1995
PROPOSIÇÃO N.º 1995D067
Por J. F. MOSER
DAMminiaturen, 1977

Pr.: [2]: 26-35
Br.: [3]: 13-16-(44)



Branças jogam e ganham

PROPOSIÇÃO N.º 1995D068

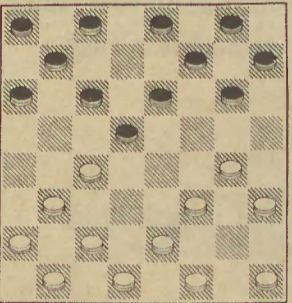
GOLPE N.º 136
Por PABLO CECINA RICA Y FERGEL
In Medula Entropélica Calculatoria que enseña a jugar a las Damas... Madrid, 1719

1. 10-13, 22-19; 2. 11-15, 27-22; 3. 5-10

Diagrama

{Pr.: [12]: 19-21-22-23-24-25-26-28-29-30-31-32

Br.: [12]: 1-2-3-4-6-7-8-9-10-12-13-15; Pr.-}



Pretas jogam e fazem dama

SOLUÇÕES DO N.º DXXVII

Nº 1995X067 [J.F.M.]: 1. 16-11, (26-31); 2. 11-7 (31-37); 3. 11-2 (37-41/42); 4. 44-50, (35-40); 5. 50-45, (40-44); 6. 45-50! e.g.

Nº 1995D068 [J. A.]: 3. ..., 24-20; 4. 15-24, 19-15; 5. 12-19, 23-5; 6. 1-10, 31-27; 7. 24-31=D, 27-23; 31-18, 21-5...=D

A. de M. M.

FILMES

QUINTA, 31

Capítulo Segundo

«Chapter Two» (EUA/1979).
Real.: Robert Moore. Int.: James Caan, Marsha Mason, Joseph Bologna, Valerie Harper, Alan Fudge. Cor, 121 min. Comédia. (22.00, TVI)

O Homem da Pasta

«Il Portaborse» (Fr./It./1991).
Real.: Daniele Luchetti. Int.: Silvio Orlando, Nanni Moretti, Giulio Brogi, Anne Roussel, Angelo Finocchiaro. Cor, 90 min. Ver Destaque. (22.35, TV2)

Inimigos Íntimos

«Ennemis Intimes» (Fr./1987).
Real.: Danis Amar. Int.: Michel Serrault, Wadek Stanczak, Ingrid Held, Anne Gautier. Cor, 92 min. «Thriller». (01.00, Canal 1)

SEXTA, 1

Em Busca de Vingança

«Gunsmoke, One Man's Justice» (EUA/1993). Real.: Jerry Jameson. Int.: Don Collier, Ed Adams, Wayne Anthony, Bing Blenman. Cor, 88 min. «Western». (22.00, TVI)

Coração de Gelo

«Herz aus Glas» (RFA/1976).
Real.: Werner Herzog. Int.: Josph Bierbichler, Stefan Autter, Sonia Skiba, Clemens Scheitz. Cor, 90 min. Ver Destaque. (00.10, TV 2)

O Perigo é a minha Profissão

«Brenda Starr» (EUA/1990). Real.: Robert Ellis Miller. Int.: Brooke Shields, Timothy Dalton, Tony Peck, Diana Scarwid. Cor, 90 min. Aventuras / Fantasia. (01.50, Canal 1)

SÁBADO, 2

As Três Noites de Eva

«The Lady Eve» (EUA/1941).
Real.: Preston Sturges. Int.: Barbara Stanwick, Henry Fonda, Charles Coburn, Eugene Palette. P/B, 90 min. Ver Destaque. (18.00, TV 2)

Beckett, O Atirador

«Sniper» (EUA/1993). Real.: Luis Llosa. Int.: Tom Berenger, Billy Zane, Aden Young, Ken Tadley, J. T. Walsh. Cor, 94 min. «Thriller». (00.00, Canal 1)

A Cidade sem Lei

«Barbary Coast» (EUA/1935).
Real.: Howard Hawks. Int.: Miriam Hopkins, Edward G. Robinson, Joel McCrea, Walter Brennan. P/B, 87 min. Ver Destaque. (00.10, TV 2)

Scaramouche

«Scaramouche» (EUA/1952).
Real.: George Sidney. Int.: Stewart Granger, Eleanor Parker, Janet Leigh, Mel Ferrer, Nina Foch. Cor, 110 min. Ver Destaque. (00.10, TVI)

Vidas

(Port/1984). Real.: António Cunha Telles. Int.: Pedro Lopes, Júlia Correia, Maria Cabral, Carlos Cruz. Cor, 100 min. Ver Destaque. (01.10, SIC)

Jantar Fatal

«Blood Diner» (EUA/1987). Real.: Jackie Kong. Int.: Rick Burns, Carl Crew, Roger Dauer, Sheba Jackson, Lisa Guggenheim. Cor, 87 min. Terror. (01.35, Canal 1)

DOMINGO, 3

O Regresso

«Lassie Come Home» (EUA/1943). Real.: Fred M. Wilcox. Int.: Roddy McDowell, Donald Crisp, May Whitty, Edmund Gwenn, Elizabeth Taylor. Cor, 88 min. Aventuras / Infantil. (16.00, TVI)

A Mulher Falcão

«Ladyhawk» (EUA/1985). Real.: Richard Donner. Int.: Matthew Brode-

rick, Michelle Pfeifer, Rutger Hauer, Leo McKern, John Wood. Cor, 120 min. Ver Destaque. (17.30, SIC)

Espião Duplo

«The Double Man» (EUA/1968).
Real.: Franklin Schaffner. Int.: Yul Brynner, Britt Ekland, Lloyd Nolan, Clive Revill, Anton Diffring. Cor, 100 min. Espionagem. (22.10, TVI)

Viúva Mas Não Muito

«Married to the Mob» (EUA/1988). Real.: Jonathan Demme. Int.: Michelle Pfeifer, Matthew Modine, Dean Stockwell, Alec Baldwin. Cor, 100 min. Ver Destaque. (22.45, SIC)

As Pupilas do Senhor Reitor

(Port/1935). Real.: Leitão de Barros. Int.: Joaquim Almada, Maria Matos, António Silva, Maria Paula, Leonor D'Eça. P/B, 98 min. Melodrama / Romântico. (23.30, Canal 1)

Momento a Momento

«Moment by Moment» (EUA/1978). Real.: Jane Wagner. Int.: John Travolta, Lily Tomlin, Bert Kramer, Andra Akers. Cor, 101 min. Romântico. (00.30, TV 2)

SEGUNDA, 4

Danças com Lobos (1ª Parte)

«Dances With Wolves» (EUA/1990). Real.: Kevin Costner. Int.: Kevin Costner, Mary McDonnell, Graham Greene, Rodney A. Grant. Cor, 85 min. Ver Destaque. (21.45, TVI)

O Silêncio dos Inocentes

«The Silence of the Lambs» (EUA/1991). Real.: Jonathan Demme. Int.: Jodie Foster, Anthony Hopkins, Scott Glenn, Tedd Levine. Cor, 114 min. Ver Destaque. (23.00, SIC)

O Caloiro Selvagem

«Big Man on Campus» (EUA/1989). Real.: Jeremy Paul Kagan. Int.: Corey Parker, Cindy Williams, Melora Hardin. Cor, 99 min. Drama. (00.55, Canal 1)

TERÇA, 4

Danças com Lobos (2ª Parte)

«Dances With Wolves» (EUA/1990). Real.: Kevin Costner. Int.: Kevin Costner, Mary McDonnell, Graham Greene, Rodney A. Grant. Cor, 92 min. Ver Destaque. (21.45, TVI)

Apache - Asas Indomáveis

«Fire Birds» (EUA/1990). Real.: David Green. Int.: Nicolas Cage, Tommy Lee Jones, Sean Young, Bryan Kestner, Dale Dye. Cor, 87 min. Acção. (21.55, Canal 1)

Museu de Cera

«Waxwork» (EUA/1988). Real.: Anthony Hickox. Int.: Zach Galligan, Deborah Foreman, Dana Ashbrook. Cor, 90 min. Terror. (00.20, Canal 1)

QUARTA, 5

A Grande Burla

«Big Trouble» (EUA/1985). Real.: John Cassavetes. Int.: Peter Falk, Alan Birkin, Beverly D'Angelo, Charles Durning, Paul Dooley, Robert Stack. Cor, 89 min. Ver Destaque. (22.00, TVI)

Lança Demoníaca

«Future Hunters» (EUA/1986). Real.: Cirio H. Santiago. Int.: Robert Patrick, Linda Carol, Ed Crick, Bob Schott, Richard Norton. Aventuras. (01.40, Canal 1)

Nota: a Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

PROGRAMAÇÃO

Quinta, 31

CANAL 1

08.00 Uma Casa ao Sol
08.30 Trampolim
09.00 Os Wilder
09.30 Asas em Família
09.55 Beverly Hills
10.40 Corpo Santo
11.10 Culinária
11.20 Marimar
12.20 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Sonhos de Mulher
15.10 Malha de Intrigas
15.30 Sempre a Abrir
16.15 Festa na Feira
17.05 Tramas de Seda
17.50 Kananga do Japão
19.20 Lotaria Nacional
19.30 A Minha Vida Dava um Filme
20.00 Telejornal
20.35 A Idade da Loba
21.20 Desencontros
21.55 Roberto Leal
22.50 Despedida de Solteiro
00.10 24 Horas
00.40 Remate
01.00 Inimigos Íntimos
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

17.05 Star Trek - O Caminho das Estrelas
17.30 Trampolim
18.00 Tintim
18.30 A Máscara
19.20 Um, Dó, Li, Tá
20.15 500 Nações
21.10 Que Família
21.50 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.35 O Homem da Pasta
(ver «Filmes na TV»)
00.15 Musical: «Né Ladeiras - Trás-os-Montes»
01.15 Motociclismo
02.15 Souvenirs

SIC

09.00 Buééré
10.00 Chuva de Estrelas
11.00 As Receitas do Dia
11.30 Por Amar-te Tanto



«Os Intrusos»

12.30 Quatro por Quatro
13.30 Primeiro Jornal
14.00 Os Donos do Jogo
14.30 Walker, o Ranger do Texas
15.30 Os Conquistadores
16.45 Buééré
17.45 Notícias
18.00 Tieta do Agreste
19.30 «A Festa da Democracia» (Transmissão do CCB)
20.00 Jornal da Noite
20.50 A Próxima Vítima
22.30 Trapações em Portugal
23.10 Minas e Armadilhas
00.25 Último Jornal
01.00 Phoenix

TVI

11.15 Lumen 2000
11.55 Bucha e Estica
12.25 Telhados de Vidro
13.00 Éramos Seis
13.30 Jornal da Uma
14.05 McGyver
15.15 A Escolha É Sua
16.10 A Hora do Recreio
17.25 Notícias
17.50 O Jogo da Vida
19.15 O Preço da Paixão
19.55 Novo Jornal
20.50 Marés Vivas
21.45 Fora de Jogo
22.00 Capítulo II
(ver «Filmes na TV»)
00.20 TVI Jornal
00.50 Verdade ou Mentira
01.20 Documentário: «O Óleo de Lorenzo»

Sexta, 1

CANAL 1

08.00 Uma Casa ao Sol
08.30 Trampolim
09.00 Os Wilder
09.30 Asas em Família
10.00 Beverly Hills
10.50 Corpo Santo
11.35 Culinária
11.40 Marimar
12.20 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.35 Sonhos de Mulher
15.10 Malha de Intrigas
15.45 Sempre a Abrir
16.35 Encruzilhadas
17.00 Tramas de Seda
17.50 Kananga do Japão
19.25 A Minha Vida Dava um Filme
20.00 Telejornal
20.35 A Idade da Loba
21.20 Desencontros
21.55 Isto Só Vídeo
22.30 Roleta Russa
23.35 Marginalidades
23.35 24 Horas
00.05 Marginalidades
01.05 Remate
01.25 Contos Assombrosos
01.50 O Perigo É a Minha Profissão
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

17.05 «Trois Jours Pour Gagner»
17.30 Trampolim
18.00 Tintim
18.30 Uma Família Feliz
19.20 Um, Dó, Li, Tá
19.55 O Mundo em Guerra
20.50 Viagens na Minha Terra
21.50 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.35 Planeta Terra
23.05 Concurso: «À Volta do Coreto»
23.40 Hiroshima (Documentário)
00.10 Coração de Gelo
(ver «Filmes na TV»)
01.40 Grande Desporto
03.05 Souvenirs

SIC

09.00 Buééré
10.00 Chuva de Estrelas
11.00 As Receitas do Dia
11.30 Por Amar-te Tanto
12.30 Quatro por Quatro
13.30 Primeiro Jornal
14.00 Os Donos do Jogo
14.30 Walker, o Ranger do Texas
15.30 Os Conquistadores
16.45 Buééré
17.45 Notícias
18.00 Tieta do Agreste
20.00 Jornal da Noite
20.50 A Próxima Vítima
22.10 Cenas de Um Casamento
23.00 Mini Chuva de Estrelas
00.10 Os Donos da Bola
01.35 Último Jornal
01.50 Playboy

TVI

11.15 Caixa de Perguntas
11.55 Bucha e Estica
12.25 Telhados de Vidro
13.00 Éramos Seis
13.30 Jornal da Uma
14.05 McGyver
15.15 A Escolha É Sua
16.10 A Hora do Recreio
17.25 Notícias
17.50 O Jogo da Vida
19.15 O Preço da Paixão
19.55 Novo Jornal
20.50 Marés Vivas
21.45 Fora de Jogo
22.00 Em Busca de Vingança
(ver «Filmes na TV»)
24.00 TVI Jornal
00.30 Verdade ou Mentira
01.00 Modelo e Detective

Sábado, 2

CANAL 1

08.00 Programa Infantil/Juvenil
11.30 Arca de Noé
12.30 Praça de Touros
13.00 Jornal da Tarde
13.15 Beverly Hills
14.15 Made in Portugal
14.55 As Aventuras de Brisco County
15.45 Outras Guerras
16.45 Kananga do Japão
17.45 Futebol: Portugal-Inglaterra
19.50 Totoloto
20.00 Telejornal
20.40 Queridas e Maduras
21.10 Parabéns
23.40 24 Horas
24.00 Beckett, o Atirador
(ver «Filmes na TV»)
01.35 Jantar Fatal
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

12.00 100 Anos dos «Western» de Hollywood
13.00 Lenda do Rei Rodrigo
13.50 Euronews
15.00 TV2 Desporto
17.45 Circuito de Golfe da Comunicação
18.00 As Três Noites de Eva
(ver «Filmes na TV»)
19.35 Circo
20.00 Katia er Volodia
21.00 Um Amor Feliz
22.00 TV2 Jornal
22.30 Fronteira Ocidental
23.05 Jogo Falado
00.10 A Cidade Sem Lei
(ver «Filmes na TV»)

SIC

09.00 Os Conquistadores
11.00 Buééré
13.15 BBC - Vida Selvagem
14.20 Internacional SIC
14.30 Olho de Falcão
15.30 Os Imortais
16.30 Gala - «Parabéns, Mamã»
17.00 Muita Lóco
18.00 O Magistrado
19.00 Tieta do Agreste
20.00 Jornal da Noite + A Semana

Né Ladeiras canta «Trás-os-Montes» - hoje à noite na TV2



«500 Nações»

21.15 A Próxima Vítima
22.15 Big Show Sic
00.50 Último Jornal
01.10 Vidas
(ver «Filmes na TV»)

TVI

10.00 Clube da Manhã
11.30 Animação
12.00 Visto Isto
12.30 Informação Religiosa
13.00 Jornal da Uma
13.25 Contra-Ataque
15.05 Vamos ao Circo
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Fort Boyard
19.30 O Céu Como Horizonte
20.30 Telejornal
21.00 Percursos - I - «Álvaro Cunhal»
21.35 Doido Por Ti
22.10 Feita à Medida
22.35 Ficheiros Secretos
23.25 Os Novos Intocáveis
00.25 Últimas Notícias
00.45 Scaramouche
(ver «Filmes na TV»)

Domingo, 3

CANAL 1

08.00 Programa Infantil/Juvenil
12.30 Sem Limites
13.00 Jornal da Tarde
13.15 Top +
14.20 Beverly Hills
15.15 86-60-86
16.00 A Lei de Burke
16.55 Outras Guerras
17.55 Kananga do Japão
19.00 Casa Cheia
19.50 Joker
20.00 Telejornal
20.45 Futebol: Portugal-Irlanda do Norte
23.00 Nico D'Obra
23.30 As Pupilas do Sr. Reitor
(ver «Filmes na TV»)
01.10 24 Horas
01.30 Paixões

TV 2

09.00 O Mar e a Terra
09.30 Caminhos
10.00 Novos Horizontes
10.30 70 x 7
11.00 Missa
12.00 Regiões
13.00 Vida por Vida
13.15 Euronews
14.00 TV2 Desporto
20.00 Artes e Letras: «Souleyman Cissé»
20.50 Portugal Sem Fim
22.00 TV2 Jornal
22.30 Através do Himalaya com Edmund Hillary
23.00 Domingo Desportivo
00.30 Momento a Momento
(ver «Filmes na TV»)

SIC

09.00 Os Conquistadores
11.00 Buééré
13.15 BBC - Vida Selvagem
14.20 Internacional SIC
14.30 Olho de Falcão
15.30 Os Imortais
16.30 Gala - «Parabéns, Mamã»
17.30 A Mulher Falcão
19.30 Os Malucos do Riso
20.00 Jornal da Noite

Segunda, 4

CANAL 1

08.00 Corpo Santo
08.30 Uma Casa ao Sol
09.00 Trampolim
09.30 Beverly Hills
10.30 A Minha Vida Dava um Filme
11.10 Culinária
11.25 Marimar
12.30 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Sonhos de Mulher
14.35 Malha de Intrigas
15.30 Sempre a Abrir
16.30 Encruzilhadas
16.55 Lei das Ruas
17.50 Kananga do Japão
19.25 A Minha Vida Dava um Filme
20.00 Telejornal
20.30 A Idade da Loba
21.50 Jogos Sem Fronteiras
23.20 Festival de Acalpulco
00.15 24 Horas
01.00 Remate
01.15 O Caloiro Selvagem
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

17.00 Infantil
17.30 Vuelta 95
18.35 Documentário
19.15 Um, Dó, Li, Tá
20.15 A Casa do Caçador
21.00 Que Família
21.45 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.30 Segunda Parte
00.15 Homicídios Premeditados
01.15 Golo Europa
02.15 Souvenirs

Terça, 5

Canal 1

08.00 Corpo Santo
08.30 Uma Casa ao Sol
09.00 Trampolim
09.30 Beverly Hills
10.30 A Minha Vida Dava um Filme
11.10 Culinária
11.25 Marimar
12.30 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.30 Sonhos de Mulher
14.25 Malha de Intrigas
15.00 Sempre a Abrir
16.30 Encruzilhadas
16.55 Lei das Ruas
17.50 Kananga do Japão
19.25 A Minha Vida Dava um Filme
20.00 Telejornal
20.30 A Idade da Loba
21.20 Desencontros
21.50 Tudo ao Molho e Fé em Deus
22.20 Apache, Asas Indomáveis
(ver «Filmes na TV»)
24.00 24 Horas
00.30 Remate
01.00 Museu de Cera
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

17.00 Infantil
17.30 Vuelta 95
19.00 Um Dó Li Tá
20.00 Rotações
21.00 Amor à Primeira Vista
21.50 Remate
22.00 TV2 Jornal
22.35 Tourada
00.30 Sucessão Assassina

Quarta, 6

Canal 1

08.00 Corpo Santo
08.30 Uma Casa ao Sol
09.00 Trampolim
09.30 Beverly Hills
10.30 A Minha Vida Dava um Filme
11.10 Culinária
11.25 Marimar
12.30 Cortina de Vidro
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Sonhos de Mulher
14.25 Malha de Intrigas
15.00 Sempre a Abrir
16.30 Encruzilhadas
16.55 Lei das Ruas
17.50 Kananga do Japão
19.15 A Minha Vida Dava um Filme
19.45 Vamos Jogar no Totobola
20.00 Telejornal
20.30 A Idade da Loba
21.20 Desencontros
21.55 Falhas e Fífiás
22.25 Amores Perfeitos
23.15 Homenagem a Maria Teresa de Noronha
00.15 24 Horas
00.45 Remate
01.40 Lança Demonfaca
(ver «Filmes na TV»)

TV 2

17.05 Trampolim
17.30 Vuelta 95
18.35 Comboios Como Não Há Outros
19.00 Um, Dó, Li, Tá
20.15 Arsène Lupin
21.00 Universidade Aberta
22.00 TV2 Jornal
22.30 Reportagem



«Percursos» sobre Álvaro Cunhal, sábado na TVI

SIC

09.00 Buééré
10.00 Minas e Armadilhas
11.00 As Receitas do Dia
11.30 Por Amar-te Tanto
12.30 Quatro por Quatro
13.30 Primeiro Jornal
14.00 Os Donos do Jogo
14.30 Walker, o Ranger do Texas
15.30 Os Conquistadores
16.45 Buééré
17.45 Notícias
18.00 Tieta do Agreste
20.00 Jornal da Noite
20.45 A Próxima Vítima
21.50 Ponto de Encontro
23.00 O Silêncio dos Inocentes
(ver «Filmes na TV»)
01.20 Último Jornal
01.40 Flash Back

TVI

11.00 Vida Selvagem
11.50 Telhados de Vidro
12.30 Éramos Seis
13.15 Primeira Mão
13.30 Jornal da Uma
14.05 Quem Sai aos Seus
15.35 McGyver
16.05 A Escolha É Sua
16.30 A Hora do Recreio
17.30 Notícias
18.00 A Fúria do Destino
19.00 O Jogo da Vida
19.55 Novo Jornal
20.50 Marés Vivas
21.45 Danças com Lobos - 1ª Parte
(ver «Filmes na TV»)
23.30 TVI Jornal
24.00 Diário da Campanha
00.10 Prolongamento

01.15 NBA
02.15 Souvenirs

SIC

09.00 Buééré
10.00 Minas e Armadilhas
11.00 As Receitas do Dia
11.30 Por Amar-te Tanto
12.30 Quatro por Quatro
13.30 Primeiro Jornal
14.00 Os Donos do Jogo
14.30 Walker, o Ranger do Texas
15.30 Os Conquistadores
16.45 Buééré
17.45 Notícias
18.00 Tieta do Agreste
20.00 Jornal da Noite
20.45 A Próxima Vítima
21.45 Não Se Esqueça da Escova de Dentes
23.15 Incidente em Antares
00.30 Último Jornal
00.50 Phoenix

TVI

11.00 Vida Selvagem
11.50 Telhados de Vidro
12.30 Éramos Seis
13.15 Primeira Mão
13.30 Jornal da Uma
14.05 Quem Sai aos Seus
15.35 McGyver
16.05 A Escolha É Sua
16.30 A Hora do Recreio
17.30 Notícias
18.00 A Fúria do Destino
19.00 O Jogo da Vida
19.55 Novo Jornal
20.50 Marés Vivas
21.45 Fora de Jogo
22.00 Danças com Lobos - 2ª Parte
(ver «Filmes na TV»)
23.55 TVI Jornal
00.25 Diário da Campanha

23.35 Fogo no Coração
01.15 Motores
02.20 Souvenirs

SIC

09.00 Buééré
10.00 Chuva de Estrelas
11.00 As Receitas do Dia
11.30 Por Amar-te Tanto
12.30 Quatro por Quatro
13.30 Primeiro Jornal
14.00 Os Donos do Jogo
14.30 Mensagem do Vietnam
15.30 Os Conquistadores
16.45 Buééré
17.45 Notícias
18.00 Tieta do Agreste
20.00 Jornal da Noite
20.50 A Próxima Vítima
22.15 Animais e Artistas
23.15 Os Intrusos
00.20 Último Jornal
01.40 Phoenix

TVI

11.00 Vida Selvagem
11.50 Telhados de Vidro
12.30 Éramos Seis
13.15 Primeira Mão
13.30 Jornal da Uma
14.05 Quem Sai aos Seus
15.35 McGyver
16.05 A Escolha É Sua
16.30 A Hora do Recreio
17.30 Notícias
18.00 A Fúria do Destino
19.00 O Jogo da Vida
19.55 Novo Jornal
20.50 Marés Vivas
21.45 Fora de Jogo
22.00 A Grande Burla
(ver «Filmes na TV»)
23.50 TVI Jornal
00.20 Diário da Campanha

Por isto e por aquilo...

O Homem da Pasta

(Quinta, 22.35, TV2)

A realizadora Daniele Luchetti - à qual a RTP muda o sexo na sua informação à imprensa, passando a chamar-lhe Danielo - estreou-se no cinema com um filme surpreendente e invulgar (*Domani, Domani*) em que se debruçava sobre as aventuras de dois jovens bandidos em meados do século XIX. Mas, neste filme, com argumento do conhecido e polémico Nanni Moretti (que desempenha também um dos principais papéis) os bandidos não são uns marginais quaisquer mas... senhores da alta política. Na realidade, a figura principal do filme é um professor que é contratado pelo Ministro da Indústria para, entre outros favores, lhe redigir os discursos e que mais tarde se revolta contra a corrupção do ministro em particular e do Governo em geral. Saliente-se que, pela primeira vez na cinematografia italiana, os governantes corruptos em causa já não são os democratas-cristãos mas... os socialistas. Entretanto, a RTP pública (avisada e «generalista») informa nas suas notas para a imprensa que se trata de um «quadro desconcertante do contemporâneo jogo da política italiana, que se aplica afinal ao resto das democracias ocidentais». Sendo assim, estamos mais descansados!

Coração de Gelo

(Sexta, 00.10, TV 2)

É, mais uma vez, um filme que nos conduz à obra ao mesmo tempo estranha e fascinante de um dos vultos mais importantes do chamado Novo Cinema Alemão - Werner Herzog. Aqui, o realizador debruça-se sobre uma lenda da Baviera - os acontecimentos que se seguiram à morte de um fabricante de vidro e suas consequências na vida dos seus concidadãos - utilizando para tal uma grande imaginação visual. Diz-se, também, que Herzog submeteu alguns dos actores a sessões de hipnotismo para que se comportassem histericamente durante a rodagem de algumas cenas... A descobrir.

As Três Noites de Eva

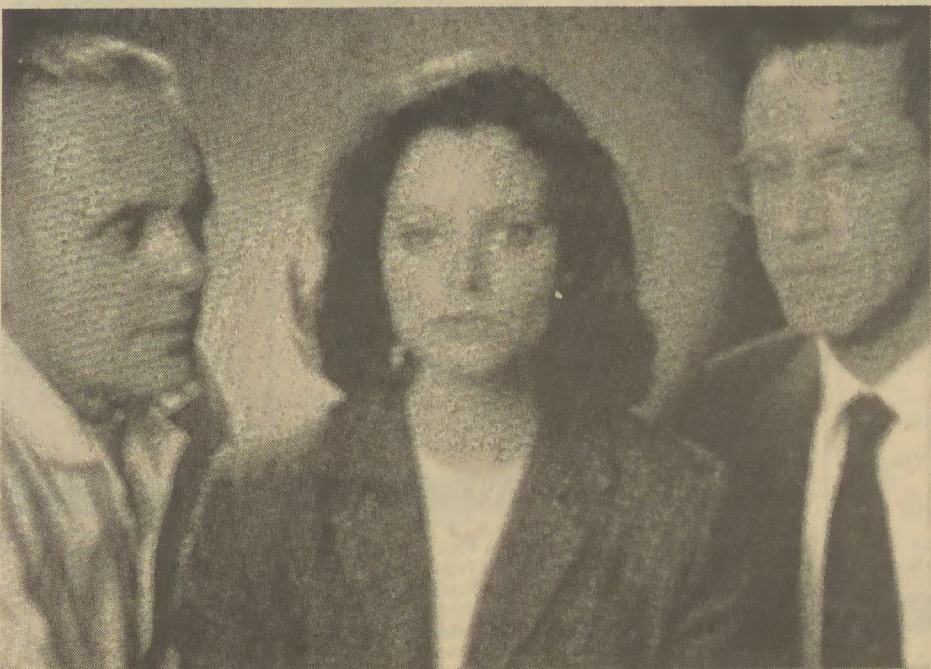
(Sábado, 18.00, TV 2)

Representando o cume na arte de Preston Sturges, como autor e realizador de comédias cinematográficas, *As Três Noites de Eva* conta-nos as aventuras e desventuras do encontro de um tímido milionário (Henry Fonda) com uma belíssima aventureira (Barbara Stanwick). Exemplar típico da grande comédia americana, o filme está repleto de diálogos que ficaram clássicos, na boca de dois intérpretes em divertidíssima forma.

A Cidade sem Lei

(Sábado, 00.10, TV 2)

Em meados do século XIX - em plena febre da «corrida ao ouro» na Califórnia - um poderoso «fora-da-lei», Chamalis, domina de forma implacável a cidade. Entretanto, uma jovem mulher, Swan, que se lhe entregara, começa a interessar-se por um pesquisador de ouro, James, o qual, pelos vistos, com sorte aos amores, tinha azar ao jogo, já que se encaminhava rapidamente para a ruína. É então que Chamalis, desviado de ciúme, tenta ajustar as contas com James no que é impedido pelos cidadãos encolerizados que recuperam, para a cidade, a consciência moral e cívica. Apesar de assinado por um mestre do cinema - Howard Hawks - este é, sem dúvida, um dos seus filmes menos conseguidos, se não o pior de todos. Uma curiosidade.

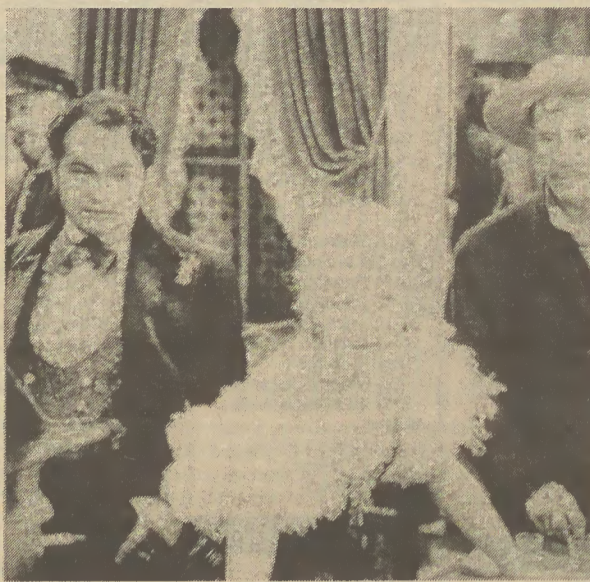


Anthony Hopkins, Jodie Foster e Scott Glenn, intérpretes principais de «O Silêncio dos Inocentes», um filme de Jonathan Demme

Scaramouche

(Sábado, 00.10, TVI)

Depois do desaparecimento de um seu grande amigo - morto em duelo pelo *Marquês de La Tour*, Moreau, um estudante de direito, decide combater pela liberdade e pela igualdade, entrando para uma trupe de saltimbancos e partindo para Paris onde acaba de rebentar a Revolução. Lutando ao lado dos revolucionários, Moreau acaba por descobrir, entretanto, que o *Marquês* é seu pai e que a sua mãe é uma condessa, salvando-a da fúria da turba mas sendo o *Marquês* morto por esta.



Edward G. Robinson e Miriam Hopkins, numa cena de «A Cidade sem Lei», de Howard Hawks, um filme de 1935

Segunda adaptação ao cinema do famoso romance de Rafael Sabatini, trata-se de uma produção luxuosa e cheia de humor, com uma excelente distribuição de intérpretes, e em que a cena do duelo (pela sua invulgar extensão e espectacularidade) é, sem dúvida, a mais bela do género na História do Cinema.

Vidas

(Sábado, 01.10, SIC)

O mergulho na noite lisboeta - e na marginalidade que a habita - num filme menor de António Cunha Telles que privilegia a violência das situações, as imagens cruas e as atmosferas sórdidas, embora então revelando a presença de uma excelente actriz - Júlia Correia.

A Mulher Falcão

(Domingo, 17.30, SIC)

Situada na Idade Média, esta história conta-nos os amores entre a princesa Isabeau (Michelle Pfeifer) e o nobre Navarre (Rutger Hauer) - um romance amaldiçoado por um terrível bispo (John Wood): ao nascer do Sol, a bela Isabeau transforma-se em falcão e, ao pôr do Sol, o nobre Navarre vê-se sob a pele de um lobo preto. Pelo meio, um jovem ladrão (Matthew Broderick) procura auxiliar os dois apaixonados. Envolvida por um extremo requinte e bom gosto visual (para o que, decisivamente, contribui a fotografia de mestre Vittorio Storaro), a realização de Richard Donner é, entretanto, desastrosa, sobretudo no que se refere à forma de contar a história, nunca conse-

Michelle Pfeifer e Rutger Hauer, em «A Mulher Falcão», de Richard Donner



Danças com Lobos

(1ª e 2ª Partes - Segunda e Terça, 21.45, TVI)

Já transmitido pelo Canal 1 e, há precisamente um ano (e também em duas sessões), pela mesma TVI, *Danças Com Lobos* é a estreia, na realização, do actor Kevin Costner, que também é o principal intérprete deste *western* fora do tempo, cuja recepção crítica foi polémica e, sobretudo, nada conforme ao êxito desproporcionado (e aos Oscars arrebatados) que suscitou. Bem apoiado na «indústria», que ajuda a esconder as suas limitações enquanto realizador, Costner pretende encenar uma obra desenvolvida e brilhante que dignifique os índios Sioux mas cujo resultado final apresenta um único trunfo a seu favor - o de que a sua empenhada sinceridade é capaz, pelo menos, de disfarçar uma visão «paternalista» e de contornos inadvertidamente «racistas», de que não deixa por momentos de padecer. Mas, face à concorrência dos outros canais, não sejamos esquisitos...

O Silêncio dos Inocentes

(Segunda, 23.00, SIC)

Talvez que, por muitos anos, esta interpretação de Anthony Hopkins vá permanecer como uma referência incontornável no que aos filmes de horror diz respeito. Tudo começa na primeira e espantosa cena de *O Silêncio dos Inocentes*, em que o vemos, em plena cela, demonstrando com exuberância a controlada quietude própria dos animais mais ferozes e sanguinários, seguros do seu poder e indestrutibilidade. Uma cena que, mesmo nas sequências em que ele não está presente, marca definitivamente a atmosfera sinistra de todo o filme, brilhantemente realizado por um Jonathan Demme sempre à beira do risco que a adaptação de todas as histórias excessivas comporta e que o cineasta domina, quase por completo, numa das mais terríveis e chocantes obras cinematográficas dos últimos anos.

Alguns traços da história são mais que conhecidos, pelo «barulho» que o filme despertou: ela gira à volta de um tenebroso assassino «em série», Hannibal Lecter, que tem o estranho hábito de... comer as

suas vítimas (e, por isso, é conhecido por Hannibal, *O Canibal*), embora os investigadores se sirvam dele para tentar arrancar pistas que levem à prisão de um outro criminoso, conhecido por Buffalo Bill, este com um outro terrível costume... o de tirar a pele às pessoas que mata. Jody Foster, no papel de investigadora, tem uma bri-



Um fotograma de «Danças com Lobos», de Kevin Costner, transmitido em duas sessões pela TVI

guindo o filme surpreender-nos por um qualquer rasgo de mistério. E a direcção da interpretação de Broderick, bem como a

sua composição, resultam verdadeiramente ridículas.

Viúva Mas Não Muito

(Domingo, 22.45, SIC)

Com uma história desenrolando-se nos meios da mafia - uma jovem viúva tenta escapar aos tentáculos daquela após o assassinato do marido -, o filme é bem divertido e as interpretações de Michelle Pfeifer e Dean Stockwell bem «gozadas». O realizador Jonathan Demme está, como sempre, à vontade nestes ambientes. Um bom divertimento.

lhante interpretação nesta nova face da temática a bela e o monstro. Um filme cuja visão naturalmente apenas se aconselha a quem tenha nervos de aço...

A Grande Burla

(Quarta, 22.00, TVI)

pagar os estudos de três filhos na Universidade, veio a revelar-se um dos maiores falhanços de um realizador notável - John Cassavetes - e praticamente nunca chegou a fazer carreira no circuito comercial. Uma inversa curiosidade.

■ Correia
da Fonseca

Os índios e os outros

Está na TV2, o que significa que é uma daquelas séries antecipadamente condenadas a uma audiência mínima. Para mais, é transmitida quando a RTP e a SIC disparam os serviços noticiosos mais importantes, o Telejornal e o Jornal da Noite, o que lhe reduz ainda mais a virtual teleplateia. É pena. «500 Nações» não traz nenhuma surpreendente novidade, é certo: fala-nos dos índios da América, da devastadora chacina e da metódica exploração de que foram vítimas, e já quase toda a gente conhece essa tragédia, embora quase sempre muito por alto. Houve um tempo em que não foi assim: a subliteratura do Oeste e, mais ainda, o Cinema norte-americano dos anos 30/40 espalharam pelo Mundo inteiro como verdade histórica inquestionável o convencimento de que, como ensinava a fórmula sintética, «índio bom era um índio morto». As coisas mudaram, porém, sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial, quando os chamados peles-vermelhas foram, tal como os negros, chamados a morrerem pelo Tio Sam como bons americanos. Já antes, em todo o caso, houvera quem desmentisse a impostura do branco bom e do índio pérfido. Até na

com Lobos», confere-lhe em princípio um impacto especial. Acresce que a série é, nesta altura, um dos raros momentos de excelente Televisão que nos são facultados em toda a oferta de Verão que os quatro canais nos propõem: até é um pouco intrigante que «500 Nações» tenha sido lançada no quadro de uma programação estival que a própria RTP desvaloriza. E estas não são ainda todas as razões que justificam que aqui se faça referência à série de Costner.

Mesmo para quem não espere coisa diferente, é chocante a extensão do rol de violências, imposturas, crueldades terríveis e inúteis perpetradas pelos brancos de origem europeia, supostamente civilizados e cristãos (ingleses, franceses, espanhóis), contra as populações locais que eram as verdadeiras e legítimas donas daquelas terras admiráveis sem que, contudo, entre elas habitasse o vírus da propriedade individual da terra (hoje, como é sabido, considerada como «natural» nas sociedades capitalistas pretensamente avançadas). Os massacres a ferro e fogo, o desrespeito sistemático da palavra dada, a redução à condição

velmente, que tortuosos alibis serviram para que homens tenham aplicado generalizadamente tais tratamentos a outros homens, ainda que de outra raça. O encontro com a resposta a essa questão corresponde à aquisição de um entendimento particularmente importante porque aplicável, nos seus contornos gerais, a outras situações.

A humanidade recusada

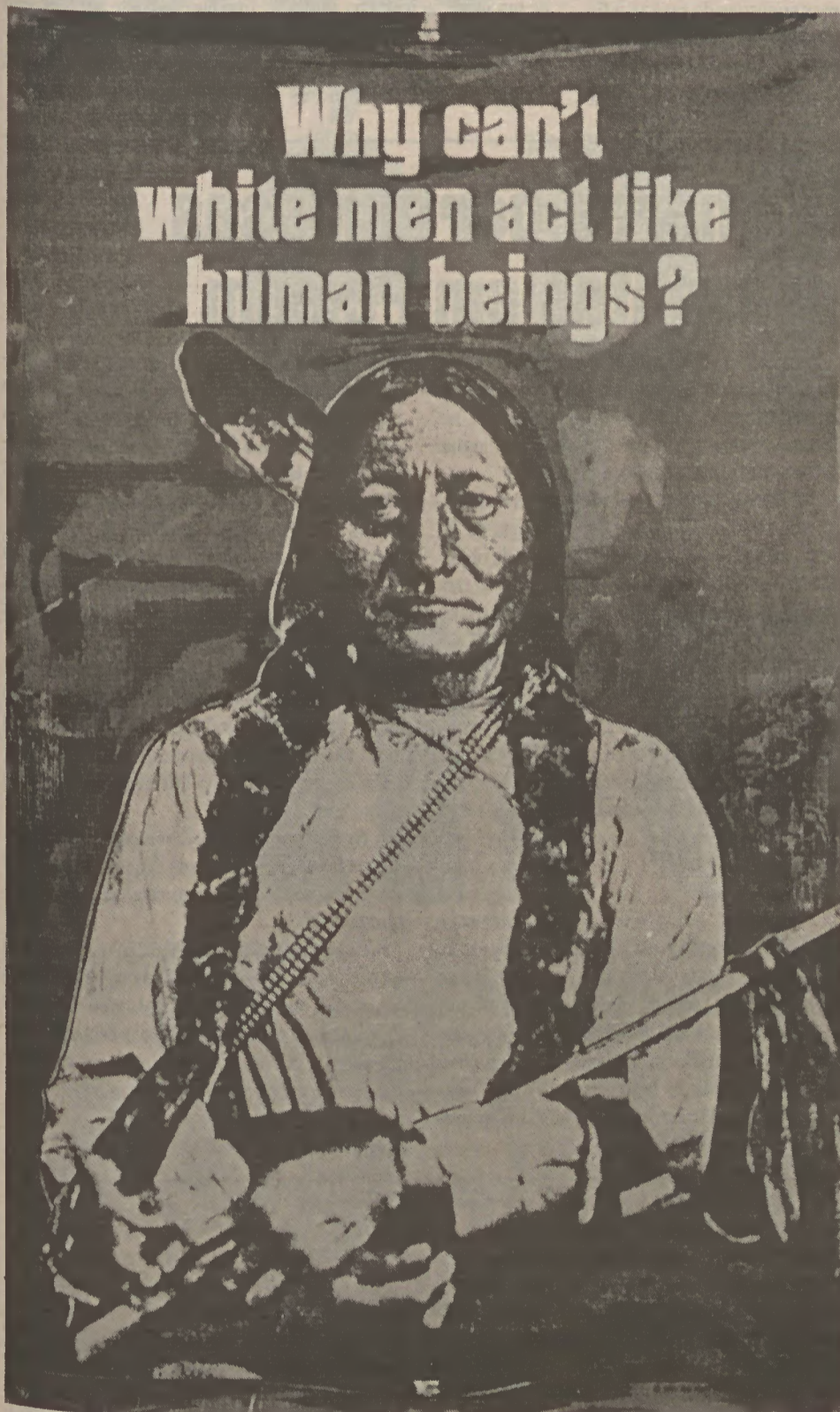
A questão é que a aplicação de tratamentos brutais, verdadeiramente selvagens, a gente «diferente», motivada embora por cupidez, pela vontade primária de roubar ou de manter o roubo já cometido, cobre-se de argumentos teóricos, travestidos de metafísica ou mesmo de ética. Todos eles têm um percurso obrigatória: passam por recusar à vítima escolhida, no todo ou em parte, a sua condição de criatura humana. É sabido que os negreiros recusavam aos africanos aprisionados, matéria-prima do seu comércio, o estatuto de gente, duvidando de que tivessem alma, como então se dizia. A mesma recusa foi aplicada aos índios quando se tratou de os reduzir à escravidão.

Porém, cuidando embora de respeitar as devidas diferenças, podemos e devemos transferir esta estratégia para outros quadros. Séculos antes, discutira-se em concílio da Santa Madre se as mulheres tinham alma: tratava-se, já se vê, de as manter em sujeição completa. Mas também não teriam integral qualidade humana, nos critérios cristãos da Idade Média e mesmo do Renascimento, os mouros e outros «infiéis»: se, exactamente, eram infiéis, não podiam ser habitados pela Divina Graça que lhes completaria a perfeita humanidade, pelo que bem se justificava roubar-lhes terras e bens e, eventualmente, cortar-lhes a cabeça. No decurso das guerras religiosas que ensanguentaram a Europa já cristã mas professando cristandades diversas, era claro que o herege, possuído pelo demónio ou por outros espíritos malignos, perdera a sua qualidade humana, pelo que era legítimo e mesmo imperativo massacrá-lo, torturá-lo, assá-lo vivo. Aos olhos do nazismo hitleriano, os judeus ou os ciganos não eram gente integralmente humana, de primeira, como os arianos, o que justificava o extermínio. E, como os judeus e os ciganos, os outros, que por serem de Esquerda, comunistas ou equiparáveis, haviam renunciado à plena condição humana: tal como os hereges de séculos atrás, estavam possuídos por maus espíritos. Vá de assassiná-los.

Perante tudo isto, e decerto mais alguma coisa que aqui não caberia ou a que eu não consigo chegar, suscitam-se-me dúvidas. Parece-me evidente que, hoje, ainda como nos velhos tempos do maccarthismo, um comunista nos Estados Unidos está de algum modo próximo do negro ou do índio, despojado da sua inteira qualidade humana pelo juízo social dominante que o considera «possesso» de uma espécie de anormalidade que quase o transforma em «monstro», isto é, em ser não inteiramente humano. Pelo que desde logo lhe são regateados direitos concedidos à generalidade dos cidadãos e méritos comuns a todos os outros. Em Portugal, como é? Estamos longe, sem dúvida, das práticas civicamente criminosas adoptadas nos Estados Unidos. Mas quantos comunistas já aqui ouviram dizer, a título de cumprimento pessoal, que são excelentes pessoas

«apesar de» serem comunistas? Que são tão estimáveis, tão cheios de qualidades pessoais «que nem parecem comunistas»? No fundo, o que é que isto significa? Não corresponderá a uma fase preliminar, aliás não consciente, da negação de inteira qualidade humana?

De caminho, reflecto que em fase pré-eleitoral, como de resto durante todo o restante tempo, os comunistas são arredados da TV e nela são referidos quase exclusivamente como alvo para invenções, falsificações, calúnias. Contudo, é cerca de meio milhão de cidadãos que vota CDU, e só conto os eleitores activos. Como seria aceitável, praticável, a discriminação se não estivesse subentendido que eles, os comunistas, não são de uma qualidade humana tão perfeita como todos os outros? E como não será possível um dia, se necessário ou conveniente, partir dessa «diferença» para outras exclusões e outros tratamentos?



▲ EUA. Comité de Campanha dos Trabalhadores Socialistas. Apoiar a autodeterminação. 1970

◀ EUA. Por que não podem os brancos agir como seres humanos? Cartaz, 1971

▼ EUA. Arthur Rice. Poder Vermelho. 1970



banda desenhada, então ainda só chamada história-de-quadrinhos: ainda na década de 30, um álbum do belga Hergé, que nem sequer era um homem de esquerda, denunciara bem explicitamente o roubo de terras índias pelos «businessmen» brancos (tal como noutros álbuns denunciaria a violência japonesa na China e os negócios armamentistas que desencadeavam guerras locais na América Latina).

Temos, pois, que «500 Nações» não traz novidades quanto ao essencial: o próprio Cinema de Hollywood já há muito reabilitou a imagem do índio norte-americano, embora de um modo geral nunca tenha ido muito longe nem muito fundo nessa tarefa. No quadro da TV, contudo, «500 Nações» é trabalho de um fôlego diferente, de uma outra dimensão. O facto de ser apresentada e ter sido produzida por Kevin Costner, o de «Danças

da mais dura escravidão de populações que ao longo de séculos tinham organizado uma civilização livre assente em rigorosos valores morais, não nos espantam, embora possam impressionar-nos certos aspectos mais bárbaros. Algumas outras situações, porém, podem surpreender-nos. Por exemplo: a prática de «guerra bacteriológica» por parte dos ingleses quando fizeram chegar aos índios mantas contaminadas com varíola. A doença, que rapidamente se propagou, infligiu mais baixas às nações índias que muitas incursões militares e foi factor decisivo para a vitória branca na circunstância.

Alguns pormenores da escravização do índio são também significativos e impressionantes, ainda que para eles já estejamos preparados por tudo quanto nos foi ensinado, ao longo dos tempos, acerca da escravatura negra. Fica a gente a pensar, inevita-

de FOICE À rasca

Transanteontem, num salto à Costa em final de férias, o meu filho João mandou-me abaixo na luta que às vezes mantemos contra o que eu considero, na sua linguagem mais emotiva, um mau casamento entre a antropofagia silábica e a fome sintáctica.

(Deus me livre dizer-lhe isto tão pernosticamente assim. Tínhamos sermão e missa cantada, com o jovem a mandar-me, do púlpito dos 15 anos novinhos em folha, a sua felina e preferida argumentação de que «lá estás tu a complicar o que é simples». Costumo responder-lhe que ninguém complica uma conversa sozinho, mas isto é complicado quando se tem à frente um príncipe da Certeza e da Dúvida.)

O certo é que me mandou abaixo quando, concentrado eu na manobra de virar à esquerda na ponta do magnífico renque de palmeiras que dão as boas vindas aos visitantes da Caparica, o jovem João resmungou a meu lado:

«Palhaços. A pica dos sentimentos rascas. Parecem o PSD.»

Palavra que foi isto que ouvi, e estão a ver a minha posição. Tecnicamente, havia ali matéria para longa picardia: ele era o «à pica», ele era a frase sem verbo, ele era o engolir das sílabas quedas, quanto mais mudas. Todavia - há sempre um todavia... - salivara-se-me dali qualquer coisa. «Parecem o PSD», dissera ele, ainda por cima na única frase gramaticalmente de jeito.

Como, apesar de tudo, sou mais esperto que o cão do Pavlov, aproveitei a manobra à esquerda para ponderar o caso. Curva desfeita, investiguei cautelosamente, ao bom estilo da minha calda dos anos 60, que produziu grandes transformações e pais medíocres.

«Quem é que parece o PSD?»

Olhou-me com voluptuosa clarividência, luzindo o antegoço de um bom contra-ataque.

«Que raio de condutor és tu, que nem vês cartazes do tamanho da estrada?»

Cartazes? Mas quais cartazes?!... O gozo do efebo crescia a olhos vistos, estava pronta a sair a estocada edipiana, este verão revelada sob o policiamento das asneiras do pai ao volante. Atalhei com autoridade, fugindo a um combate que iria inexoravelmente mudar o assunto.

«Será bom que te expliques, se é que tens alguma coisa para explicar!»

«Yes, Sir!», driblou ele. «Não se zangue, Sir!»

Só lhe faltou acrescentar à continência aprendida nos filmes americanos outro «lá estás tu», agora denunciando-me autoritarismos que ele acha herdados da minha passagem pela tropa e pela guerra. Aos filhos, a distribuição de tolerância e firmeza só lhes parece justa quando a porção de tolerância rouba a firmeza no peso, no que têm carradas de razão.

É claro que fugi outra vez. A contenda sobre autoridade e autoritarismo seria muito mais absorvente que a do Código da Estrada descoberto estas férias para me chumbar ao volante.

«Afinal, quem é que parece o PSD?»

Não resistiu a uma derradeira ironia, como quem se despede de um vencido por falta de comparência.

«Vá lá, olha prá estrada que eu digo na mesma. Estou a falar dos cartazes do PS.»

«Ah, isso...», ganhei eu tempo, sem perceber patavina.

«Já viste a palhaçada? "A nova maioria é nossa", tudo cheio de coraçõezinhos, aquilo não é política, são anúncios de chocolate.»

«Está bem, mas onde estão os sentimentos rascas?»

Olhou-me com incredulidade.

«Então não é uma rasquice?!... A Rosa Mota e o Carlos Lopes até parecem os pais da Barbie, só falta o Nogueira a descer do cartaz das nuvens para ser o padrinho!»

Achei que era rasca emendá-lo. Afinal de contas, chamar "sentimento rasca" à demagogia não é, substantivamente, uma incorrecção.

Isto de ser pai é cá uma enrascadela...

■ HC

Salários, emprego, direitos, desenvolvimento, justiça CGTP quer, na campanha os problemas dos trabalhadores

A Comissão Executiva da CGTP-IN, reunida segunda-feira em Lisboa, manifestou a disposição de tudo fazer para que os problemas mais sentidos pelos trabalhadores sejam tratados na campanha eleitoral.

Reportando-se a estudos próprios e estatísticas oficiais, a central sindical chamou a atenção para graves consequências da política seguida nos últimos anos; assim, em 1993 e 1994 foram reduzidos os salários reais, diminuiu o peso das remunerações do trabalho na distribuição do rendimento nacional, verificaram-se aumentos de produtividade que não beneficiaram os trabalhadores, o consumo bloqueou e alargou-se o fosso entre os salários praticados em Portugal e nos demais países da União Europeia.

Entretanto, nem a redução dos custos do trabalho, nem o ataque aos direitos dos trabalhadores tiveram qualquer reflexo na criação de postos de trabalho, já que o desemprego não baixou. Estes factos, salientou Carvalho da Silva em conferência de imprensa, desmentem a argumentação neoliberal de governantes e patrões, e mostram claramente que não devem nem têm que ser os salários a custear o emprego.

Para 8 de Setembro está convocada uma reunião do Conselho Nacional da CGTP, que deverá voltar a analisar a intervenção no período pré-eleitoral e a política reivindicativa para 1996.

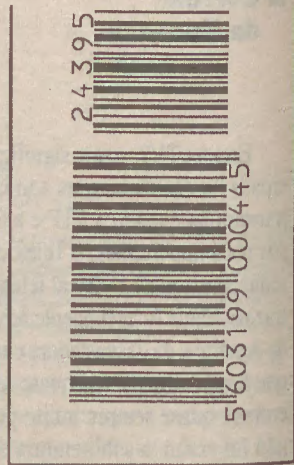
Vidreiros

«Se o objectivo é intimidar os trabalhadores, não o irão conseguir, pois se houver necessidade de voltar a lutar da mesma forma, os operários voltarão a fazê-lo, e com as mesmas armas: as da razão», afirmou Sérgio Moiteiro, comentando os inquéritos a trabalhadores da Manuel Pereira Rol-

dão, desencadeados pela Polícia Judiciária desde a passada segunda-feira.

Os operários, informou a agência Lusa, estão a ser inquiridos sobre a sua participação nas acções de rua que tiveram lugar durante a greve de um mês efectuada na MPR, em Dezembro e Janeiro. Sérgio Moiteiro, presidente do Sindicato dos Trabalhadores

da Indústria Vidreira, manifestou a sua indignação contra o facto de os trabalhadores serem incomodados por terem lutado pela defesa dos seus direitos, enquanto os patrões da MPR, Carlos Antero e Azevedo Coutinho, continuam impunes, quando deviam estar já a pagar pelo mal que fizeram aos trabalhadores e à Marinha Grande.



Mulheres portuguesas presentes em Pequim

Uma delegação de organizações não governamentais de mulheres portuguesas partiu segunda-feira para Pequim, para participar no Forum que decorre paralelamente à 4ª Conferência Mundial das Nações Unidas sobre as mulheres.

Tendo por lema «Igualdade, Desenvolvimento, Paz», a Conferência da ONU tem lugar de 4 a 15 de Setembro, colocando-se como grande objectivo a adopção de medidas que viabilizem a concretização das «Estratégias para o progresso das mulheres até ao ano 2000», aprovadas na 3ª Conferência, em Nairobi, há 10 anos, e que continuam por cumprir. Na Conferência de Pequim participam representantes de todos os Estados membros da ONU, com direito de voto. Como observadoras, participam organizações não governamentais que têm estatuto consultivo junto da ONU.

Eleitas

Coincidindo parcialmente com a Conferência, realiza-se também em Pequim, de ontem até ao próximo dia 8, um Forum de organizações não governamentais, no qual vão participar as 10 portuguesas representantes das 40 ONGs que integram o Conselho Consultivo da Comissão para a Igualdade e os Direitos das Mulheres.

«Este Forum irá reunir cerca de 30 mil mulhe-

res de todos o mundo e, como tem acontecido noutras conferências das Nações Unidas, prevê-se a importância que este tipo de forum poderá vir a desempenhar, como força de pressão sobre as delegações oficiais, porta-vozes dos governos dos diversos países», afirmam as representantes portuguesas num comunicado de imprensa em que salienta que esta «é a primeira vez que uma delegação eleita de ONGs de mulheres portuguesas se faz representar numa Conferência das Nações Unidas sobre os direitos das mulheres».

Da delegação portuguesa ao Forum faz parte ainda a representante nacional no Conselho do Lobby Europeu de Mulheres. As ONGs elegeram ainda uma outra representante que, como observadora, integra a delegação oficial governamental à Conferência.

As representantes das ONGs portuguesas revelaram que, após o regresso de Pequim, promoverão um Forum nacional sobre os resultados da Conferência da ONU.

Representando a Organização das Mulheres Comunistas, integra a delegação das ONGs a camarada Conceição Morais, do Comité Central do PCP. Também participa no Forum a camarada Fátima Garcia, integrada na delegação do grupo da Esquerda Unitária Europeia, do Parlamento Europeu.

Água há, falta é política

Carlos Carvalhas encontrou-se na semana passada em Vila Franca de Xira com os jovens portugueses e espanhóis que, por iniciativa da Juventude CDU e da União das Juventudes Comunistas de Espanha, desceram durante uma semana o rio Tejo, para assim chamarem a atenção para os problemas dos recursos hídricos e dos rios partilhados pelos dois países.

O secretário-geral do PCP reafirmou que a dimensão ecológica do desenvolvimento é uma das grandes preocupações da CDU e criticou a atitude passiva do Governo PSD/Cavaco perante o Plano Hidrológico Espanhol, no que se refere

nomeadamente à retenção de água dos rios internacionais no país vizinho.

Um manifesto da Juventude CDU, distribuído no local e entregue quinta-feira no

Ministério do Ambiente e Recursos Naturais, alerta para a falta de reconhecimento da água como um dos factores fundamentais a considerar no quadro de uma política de

desenvolvimento. Os jovens acusam o Governo português de grave e sistemática incúria por ter permitido o desaparecimento de 50 por cento do caudal do Guadiana e de um quarto da água do Tejo que deveria entrar em Portugal.

Portugal tem recursos hídricos suficientes para as suas necessidades, mas não dispõe de uma política de gestão desses recursos, salienta-se no documento. A CDU entende que é necessária uma lei da água, que dê tradução legislativa a uma política de recursos hídricos definida com ampla participação, e a elaboração do Plano Nacional da Água e de planos de bacias hidrográficas.



a festa!

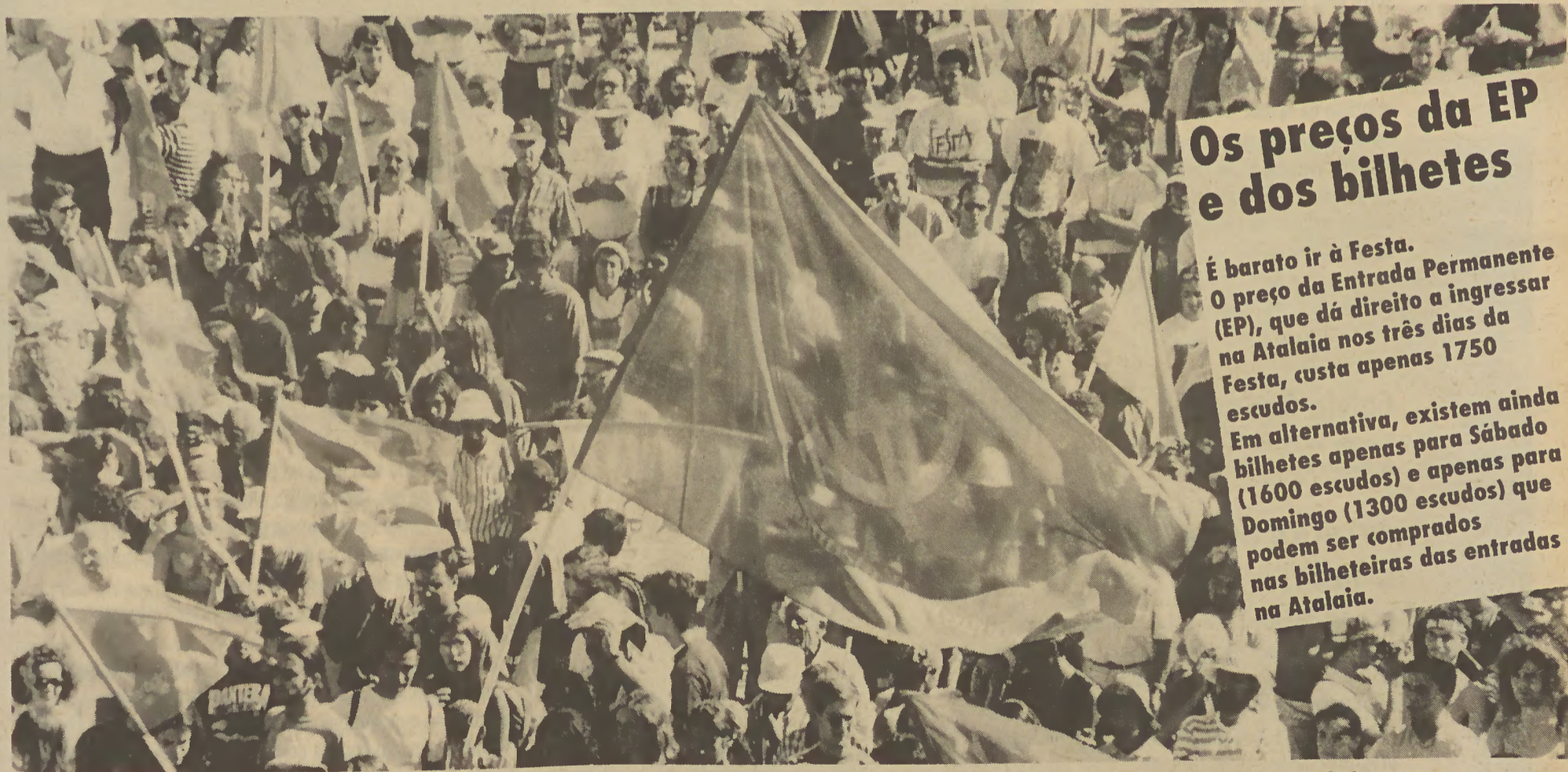
AMORA-SEIXAL

1, 2 e 3 SETEMBRO

Avante!

Director
Carlos Brito
SUPLEMENTO
31 de Agosto de 1995
Não pode ser vendido
separadamente

Vamos todos à Atalaia
porque
**é preciso
mudar!**



**Os preços da EP
e dos bilhetes**

É barato ir à Festa.
O preço da Entrada Permanente
(EP), que dá direito a ingressar
na Atalaia nos três dias da
Festa, custa apenas 1750
escudos.

Em alternativa, existem ainda
bilhetes apenas para Sábado
(1600 escudos) e apenas para
Domingo (1300 escudos) que
podem ser comprados
nas bilheteiras das entradas
na Atalaia.

A abertura da Festa do «Avante!» realiza-se amanhã, às 19 horas. Intervirá Carlos Carvalhas, secretário-geral do PCP. Comício no domingo, às 17 horas. Intervenções de Bernardino Soares, candidato a deputado nas listas da CDU indicado pela JCP; Carlos Brito, director do «Avante!»; Álvaro Cunhal, presidente do Conselho Nacional do PCP, e Carlos Carvalhas

Quase dois mil para a Corrida

Mil e 800 atletas em representação de mais de 170 equipas é o total de inscrições registadas, até à hora de fecho desta edição do «Avante!», na Corrida da Festa que se realiza no próximo domingo de manhã. Será previsível que, até à hora do fecho das inscrições, o número de atletas possa chegar muito perto dos dois mil. O tiro de partida para o percurso de 14 quilómetros que os atletas terão de percorrer será dado pelo cabeça de lista da CDU no distrito de Setúbal, concorrente às próximas legislativas, o líder parlamentar do PCP, Octávio Teixeira.

Chegaram, entretanto, à Redacção do «Avante!» mais alguns depoimentos de apoio à Corrida, que passamos a divulgar.

Albertina Dias

Atleta do Maratona Clube da Maia

«Com muito gosto...»

É com muito gosto que vou participar mais uma vez nesta manifestação desportiva que é a Corrida da Festa. Além de ser uma competição em que se corre pelo prazer da corrida, serve-me pessoalmente para preparar os desafios que a minha actividade competitiva anuncia, visto estarmos quase em princípio de época.

Gostaria que aparecessem mais atletas de Alta Competição na Corrida da Festa para assim confraternizarmos com o imenso pelotão de gente anónima, que bem o merecia.

Parabéns por mais esta organização da Corrida da Festa do «Avante!».

Caleia Rodrigues

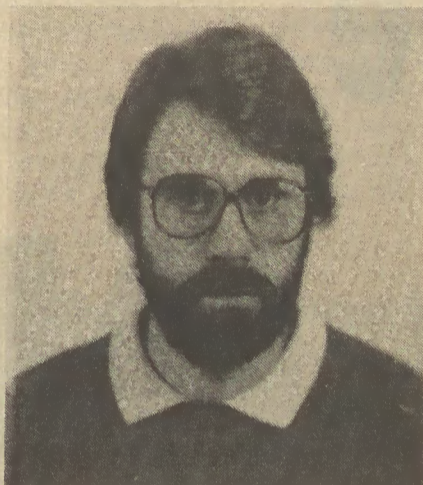
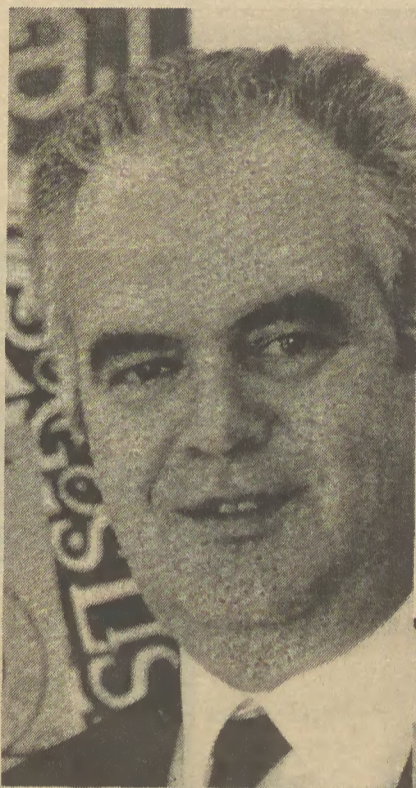
Vereador do Pelouro do Desporto da Câmara Municipal de Lisboa

«Prática desportiva alargada a todos»

A Corrida da Festa do «Avante!», um dos assinaláveis acontecimentos desportivos nacionais, volta este ano para mais uma vez juntar, num são convívio, atletas federados e amadores, de ambos os sexos e de todas as idades.

Com esta prova, que conquistou um lugar de honra no programa deste grande certame cultural que é a Festa do «Avante!», reafirmam-se anualmente importantes princípios defendidos e preservados desde o 25 de Abril de 1974.

A prática desportiva, até aí seguida, definhava. Com a consagração na Constituição portuguesa da prática desportiva

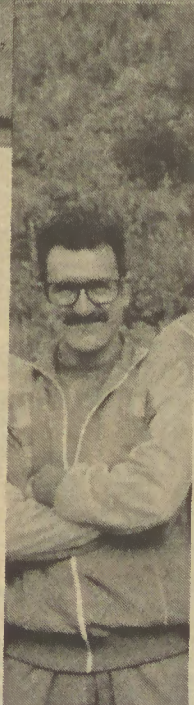


Bernardino Pereira



António Barata

Caleia Rodrigues



Albertina Dias

Carlos Vidal

como um direito fundamental do cidadão, uma nova proposta desportiva surgiu. Uma prática alternativa que se assumia como uma forma de expressão cultural e em que o cidadão agia associativamente na defesa das mais amplas liberdades do ser humano, na sua vertente «homo politicus», consequentemente intervencionista no desenvolvimento e acção de massas.

É nesta perspectiva que o desporto, nas suas mais variadas formas organizativas e estádios de desenvolvimento quantitativo e qualitativo, ocupa o lugar que ocupa na Festa do «Avante!», onde a Corrida da Festa é mais um exemplo de uma prática física desportiva correcta e alargada a todos.

Esta prova de estrada que conta com a vossa participação é isso mesmo - a afirmação constante e consciente de um povo, que apesar dos repetidos ataques à democracia e liberdade, teima em lutar pelos seus direitos.



Prof. António Barata
Coordenador da Zona Norte do PDATAL da CML

«Referência no panorama atlético nacional»

Ao longo da sua existência, a Corrida da Festa do «Avante!» foi ganhando um crescente prestígio junto dos praticantes de todas as idades e sectores e mesmo dos meios ligados ao atletismo, o que faz dela, hoje, uma referência no panorama atlético nacional.

Integrada numa das mais ricas manifestações culturais que se realizam no nosso país, esta corrida representa um dos acontecimentos desportivos mais genuínos realizados entre nós. Ela mantém intocável a essência dos valores por que se deve pautar a prática desportiva - a confraternização saudável, a competição leal e desinteressada, o companheirismo, a vontade de auto-superação, a amizade e o respeito pelo adversário - valores estes que caracterizam a universalidade do desporto e a sua autenticidade.

A Corrida da Festa do «Avante!» é indubitavelmente uma iniciativa a continuar e incentivar e por isso a apoio declaradamente.

Bernardino Pereira

Técnico de Atletismo
do Maratona Clube da Maia

«Preparação do início da próxima época desportiva»

A Corrida da Festa do «Avante!» é uma corrida de massas que, a exemplo dos anos anteriores, conta com a participação de atletas de alta competição, caso da Albertina Dias, presentes não com um espírito «não competitivo», mas no âmbito da preparação do início da próxima época desportiva.

A Corrida, de ano para ano, vem melhorando tanto no aspecto desportivo como no logístico, com destaque para os abastecimentos que são fornecidos em quantidade suficiente. Parabéns à organização por mais esta iniciativa.

Carlos Vidal

Apresentador do programa «Trocado por Miúdos», cantor/compositor e criador da figura do «Avô Cantigas». Corre pela equipa do Grupo de Atletismo Papa Lêguas de Assafora-Sintra

«Venham daí comigo»

Correr, correr. Desde miúdo que saboreio esse enorme prazer que é a corrida. Primeiro foi o recreio da escola primária, depois os campeonatos interturmas no liceu e mais tarde a prática do atletismo com a presença em dezenas e dezenas de provas. Actualmente, seria impossível viver sem este amor, sem esta meditação que, seguramente, o atletismo proporciona. Mesmo passando ao lado da competição (que não é o meu caso), aconselho vivamente a prática do atletismo. Nele vou buscar toda a boa forma física que preciso para a minha vida profissional e ainda a paz de espírito que o stress teima em perturbar. O desporto tem sido sempre uma presença benéfica no meu dia-a-dia e agora... vamos a mais uma corridinha. Venham daí comigo à Corrida da Festa do «Avante!».

Atenção às desidratações!

A organização da Corrida da Festa, face à vaga de calor que se faz sentir, chama a atenção dos atletas para que ingiram bastantes

líquidos, sobretudo água, até ao início da prova. Por outro lado, recomenda-se a não ingestão de alimentos antes da corrida (pelo

menos até duas horas antes), sobretudo de produtos ricos em lactose. Uma das novidades deste ano será a introdução de um controlo de

passagem dos atletas, num determinado local da prova, onde será entregue a cada um fio de controlo sem o qual, à chegada, o

atleta será desclassificado. A entrega de prémios efectuar-se-á às doze horas de domingo junto ao Campo do Amora.



Comboio da Juventude CDU

Um comboio de jovens vem a descer do norte do país até à Atalaia! Trata-se de uma iniciativa intitulada «Comboio Juventude CDU - "Avante!" 95» que envolve jovens dos distritos do Porto, Aveiro, Coimbra e Santarém.

No primeiro dia da Festa, 1 de Setembro, este comboio inicia às dez e meia da manhã a sua viagem, partindo da Estação da Campanhã no Porto e passando pelas seguintes estações: Gaia, Espinho, Ovar, Aveiro, Coimbra, Alfaias, Entroncamento, Santarém, Santa Apolónia.

A chegada está prevista para as 15 horas e em Lisboa vai haver autocarros que conduzirão estes jovens para a Atalaia. Na madrugada de Domingo para Segunda (duas da manhã é a hora marcada), faz-se a viagem de regresso, que chegará ao Porto às seis horas da manhã. Os bilhetes estão à venda nos Centros de Trabalho do PCP e nas sedes da JCP.

IX BIENAL DE ARTES PLÁSTICAS



É pouco habitual em Portugal existir o estilo de organização que caracteriza a Bienal da Festa do «Avante!», agora já em nona edição. Valerá a pena explicá-la até porque a forma como é organizada a exposição resulta também de uma afirmação ideológica de que os comunistas há muitos anos se advogam defensores: o respeito pela pluralidade das opções estéticas. O funcionamento

da Bienal junta no mesmo espaço artistas consagrados das Belas-Artes portuguesas com nomes menos conhecidos e, até, iniciados neste mundo. Como é que isso é conseguido? Por um lado fazendo directamente convites a um leque muito vasto de artistas; por outro lado, abrindo a participação na Bienal a todos os que o desejem, bastando para tal enviar as suas obras para selecção. Sendo aceites todas as disciplinas das

Artes Visuais - pinturas, esculturas, instalações, gravuras, etc. - há um júri que faz a referida selecção, constituído por sete elementos, dois dos quais indicados pelos próprios participantes que, na ficha de inscrição, dizem quem gostariam de ver integrar essa equipa. Os outros cinco elementos são eleitos por uma Comissão Consultiva, composta por 24 elementos, na esmagadora maioria artistas plásticos de várias

disciplinas a que se acrescentam pessoas de alguma forma ligadas a estas artes. Nesta estrutura acrescentam-se ainda os 16 nomes da Comissão Executiva, que se ocupa de todos os aspectos logísticos da Bienal, desde a recepção das obras até à sua exposição na Atalaia. Poderemos dizer que, na altura em que escrevemos (meados de Julho), foram entregues à Comissão Executiva da Bienal 342

obras de 160 artistas plásticos. Juntando os trabalhos de 65 artistas directamente convidados tal faz prever, depois do trabalho do júri de selecção, que na Bienal deste ano vão estar mais de 200 obras expostas - uma verdadeira mostra do que poderia ser chamado de «Portugal plástico». Para termos uma ideia da verdadeira dimensão estética, estilística e disciplinar da representatividade dos trabalhos

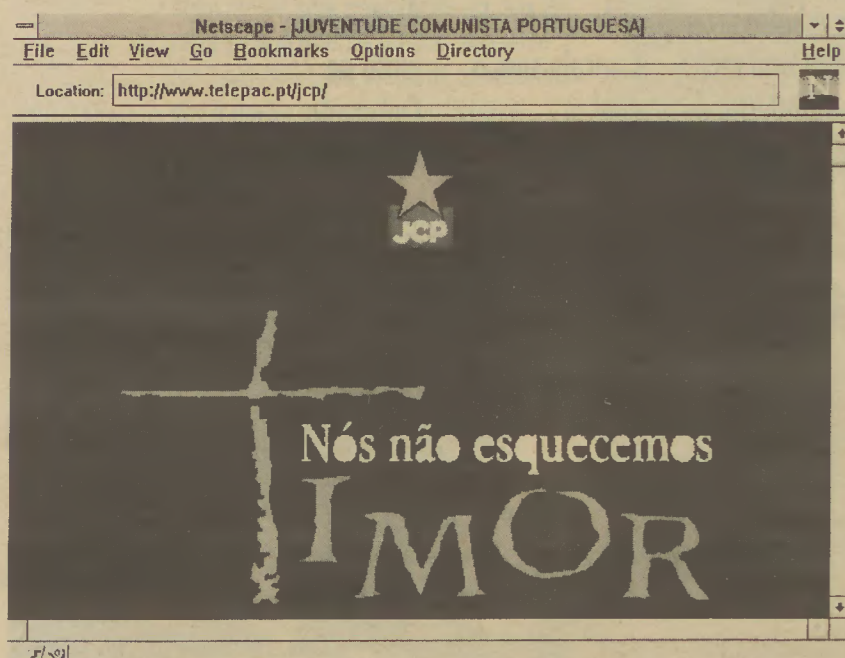
que serão expostos, vamos permitir-nos - cometendo certamente injustiças que qualquer selecção acarreta - destacar alguns dos nomes dos artistas convidados que aceitaram enviar obras à IX Bienal: Alberto Gordilho, António Carmo, António Pimentel, Bartolomeu Santos, Cabé, Costa Martins, Henrique Cayatte, Henrique Ruivo, Isabel Cabral, Jaime Silva, João Duarte, Jorge Pinheiro,

Luís Ralha, Luís Rodrigues, Manuel Bronze, Maria Gabriel, Noronha da Costa, Pedro Fazenda, Rodrigo Cabral, Rogério Ribeiro, Teresa Dias Coelho, Teresa Magalhães, Victor Belém e Virgílio Domingues, são alguns desses nomes. A IX Bienal de Artes Plásticas tem, à partida, uma novidade que irá dar resposta a alguns dos problemas que em edições anteriores têm sido levantados em torno da segurança das

obras expostas e do pó gerado pelo caminhar de milhares de pessoas em cima do terreno da Atalaia: a organização da Festa do «Avante!» adquiriu um conjunto de espaçosas tendas e os metros em chão de madeira suficientes para obviar a algumas dessas questões de instalação que, naturalmente, terão ainda outra vantagem: o local da exposição será mais agradável do que terá sido em outras alturas.

WWW.TELEPAC.PT/JCP.

A morada de Timor na Internet



Algumas das páginas sobre Timor que podem ser vistas na Internet e que no Espaço da Juventude na Festa os visitantes podem consultar

A Juventude Comunista Portuguesa, aproveitando a realização da Festa do «Avante!», criou uma base de dados sobre Timor-Leste que está disponível na rede mundial de computadores ligados à Internet desde o dia 1 de Agosto e que foi apresentada à comunicação social numa conferência de

imprensa realizada na terça-feira na sede nacional do PCP. O endereço a procurar na Internet é este: WWW.TELEPAC.PT/JCP. Esta base de

dados, que estará disponível na Festa através de computadores instalados num pavilhão do Espaço da Juventude, está escrita em Português e

Inglês e permite, aos jovens que a consultem, a obtenção de informação sobre Timor (geografia, passado colonial, invasão da Indonésia,

resistência, violação dos direitos humanos, etc.). Quem quiser prestar o seu acto de solidariedade com o povo de Timor pode, através de envio

automático, subscrever um apelo enviado directamente para as Nações Unidas. A Federação Mundial da Juventude Democrática (FMJD) lançou,

por proposta da JCP e utilizando a Internet, uma campanha mundial de esclarecimento e mobilização para a causa do povo timorense e que inclui o

lançamento de um livro sobre a situação no território e uma campanha de pressão junto das Nações Unidas e da Indonésia. Por outro lado, decidiu a FMJD

coordenar com as suas organizações filiadas a realização de acções de protesto em cada um dos países no dia 7 de Dezembro, 20º aniversário

da invasão indonésia. No mesmo sentido, e por proposta do CNJ (Conselho Nacional da Juventude) e do CJD (Coordenadora da Juventude Democrática), decidiu o Forum, Juvenil da União Europeia realizar uma campanha de informação e mobilização do movimento juvenil na União Europeia.

Um dos locais fundamentais do Espaço da Juventude é o ocupado pela Exposição Política da JCP, onde se faz a afirmação e se divulgam as propostas da organização e da Juventude CDU. Mas outro local importante será o Café-Concerto, onde para além do convívio e dos cocktails vai haver animação, música e debates.

«O Serviço Militar Obrigatório na Defesa Nacional» é o primeiro desses debates, agendado para as 14h30 de Sábado com a moderação de Salvador Arvelos e a presença de Bernardino Soares, candidato jovem da CDU nas listas para as legislativas e membro da Direcção Nacional da JCP,

e Paulo Granjo, da CASMO. As 18h30 desse dia realiza-se ali um encontro com os candidatos jovens da CDU. No Domingo, às 14h30, «Uma Nova Política para o Ambiente» é o tema de um outro debate, desta vez moderado por Filipa Silva, candidata jovem pela CDU, e com Helena Apolónia, também

candidata e da Comissão Executiva da Ecojovem, e Manuel Gouveia do Secretariado da JCP. Quanto à programação de espectáculos e música no Café-Concerto, teremos na Sexta-feira, às 21 horas, o grupo «Palavra Dionra», a que se segue, às 22h30m o «Cápio» e às 24 horas é a vez de Cardoso. No Domingo, às 19h30, o grupo «Cápio» repete a sua presença.

espectáculo de Fernando Ramalho. No Sábado, às 16h45m, é a vez do grupo «Luna», às 18 horas do «Irmãos de Sangue», às 19h32m canta João Queiroz, às 21 horas o grupo «Where is Freddy», às 22h30m o «Cápio» e às 24 horas é a vez de Cardoso. No Domingo, às 19h30, o grupo «Cápio» repete a sua presença.



O grupo «Mercuriocromos», uma presença jovem, na sexta-feira no Palco de Setúbal

Debate e música no café-concerto da juventude

Um dos locais fundamentais do Espaço da Juventude é o ocupado pela Exposição Política da JCP, onde se faz a afirmação e se divulgam as propostas da organização e da Juventude CDU. Mas outro local importante será o Café-Concerto, onde para além do convívio e dos cocktails vai haver animação, música e debates.

«O Serviço Militar Obrigatório na Defesa Nacional» é o primeiro desses debates, agendado para as 14h30 de Sábado com a moderação de Salvador Arvelos e a presença de Bernardino Soares, candidato jovem da CDU nas listas para as legislativas e membro da Direcção Nacional da JCP,

e Paulo Granjo, da CASMO. As 18h30 desse dia realiza-se ali um encontro com os candidatos jovens da CDU. No Domingo, às 14h30, «Uma Nova Política para o Ambiente» é o tema de um outro debate, desta vez moderado por Filipa Silva, candidata jovem pela CDU, e com Helena Apolónia, também

candidata e da Comissão Executiva da Ecojovem, e Manuel Gouveia do Secretariado da JCP. Quanto à programação de espectáculos e música no Café-Concerto, teremos na Sexta-feira, às 21 horas, o grupo «Palavra Dionra», a que se segue, às 22h30m o «Cápio» e às 24 horas é a vez de Cardoso. No Domingo, às 19h30, o grupo «Cápio» repete a sua presença.

espectáculo de Fernando Ramalho. No Sábado, às 16h45m, é a vez do grupo «Luna», às 18 horas do «Irmãos de Sangue», às 19h32m canta João Queiroz, às 21 horas o grupo «Where is Freddy», às 22h30m o «Cápio» e às 24 horas é a vez de Cardoso. No Domingo, às 19h30, o grupo «Cápio» repete a sua presença.

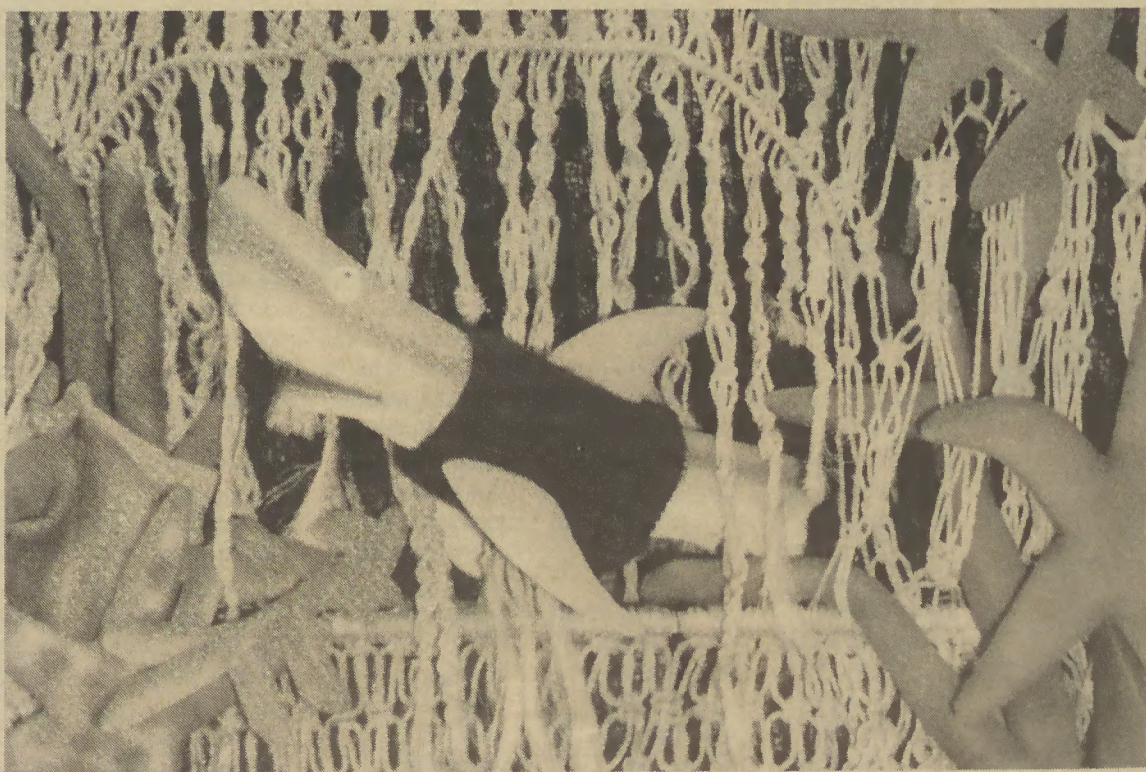


A JCP deu uma conferência de imprensa para divulgar a iniciativa

Teatro plural

O Teatro, desde as primeiras Festas do «Avante!», mereceu sempre atenção especial quer do público quer da organização da iniciativa. Este ano, vão apresentar-se na Atalaia seis grupos teatrais que trazem géneros distintos, que vão desde um clássico de Almeida Garrett até a um teatro assumidamente polémico e de combate, passando por peças para crianças ou pelo chamado «teatro de rua», entre outros. Como tem acontecido nos últimos anos, aproveitando as condições proporcionadas pela sala, vão realizar-se no espaço do Avanteatro momentos de bailado e danças populares.

Avanteatro



As crianças vão ver peças pelo grupo A Carroça

Grupo Intervalo

O **Intervalo**, Grupo de Teatro, vai levar à Festa do «Avante!» uma peça que é simultaneamente uma homenagem a Federico Garcia Lorca, intitulada «Lorca-Espanha-Cumplicidades» e que esteve vários meses em exibição no Palácio Ribamar, em Algés. Um trabalho que, para além do sucesso junto do público, mereceu o louvor generalizado da crítica especializada portuguesa.

A peça é encenada por Armando Caldas e nela se sublinha a actuação de Fernando Tavares Marques e a revelação de vários jovens actores, alguns deles estreado-se nesta peça.

Teatro do Morcego

O **Teatro do Morcego**, sediado em Coimbra, estreou em Abril a peça «O Eremita...», escrita, encenada e apresentada por José Abreu Fonseca. Trata-se de um texto assumidamente polémico, para adultos (a entrada é vedada a menores de 16 anos), na linha de um teatro que o grupo pretende que seja de resistência e combate, o que tem a ver directamente com a vida do próprio grupo, há anos a lutar com inúmeras dificuldades resultantes da falta de apoios vários. Este texto foi entretanto publicado em livro e o espectáculo levaria alguém no jornal «Público» a escrever: «O projecto mais provocatório e mais longe da ordem estabelecida que pode ser visto nos palcos não só de Coimbra, como do país inteiro.»

Teatro Art'Imagem

O **Teatro Art'Imagem** é um grupo do Porto cujo trabalho e actividade é especialmente vocacionado para o público jovem. Para a Festa do «Avante!» o grupo traz duas peças: «O Canário morreu» que resulta de uma montagem de textos que vão de Molière a Sófocles, de Dostoievski a Jean Paul Sartre, de Gil Vicente a Florbela Espanca, passando por Sophia de Mello Breyner, etc. A criação e encenação pertence ao colectivo formado por Cristina Briona, Lina Paula e Tó Maia.

A outra peça do grupo chama-se «Brincadeiras a Retalho» que se baseia numa criação colectiva do grupo, especialmente vocacionado para o ar livre, à maneira dos antigos saltimbancos, mas que também está preparado para ser apresentado em recintos fechados. Neste caso a encenação parte de ideias, textos, canções, romances, brincadeiras e jogos de tradição oral e popular, bem como de adaptações literárias de textos de Mário Castrim, José Leitão e Roberto Merino.



Almeida Garrett é reinterpretado pelo Grupo de Teatro de Vinhais

Para além do teatro para jovens trazido pelo Teatro Art'Imagem, existe esta opção, Sábado e Domingo de manhã, para todos aqueles que quiserem levar as suas crianças a ver a peça «A Feira dos Malandrecos», um divertido texto que o Grupo de Teatro **A Carroça** vai este ano levar ao Avanteatro.

Grupo de Teatro de Vinhais

«O Noivado no Dafundo» é um clássico de Almeida Garrett que serviu de primeiro espectáculo do **Grupo de Teatro de Vinhais**, estreado no passado dia 20 de Maio no Auditório da Casa do Povo da localidade que dá nome ao grupo.

Vindo de Trás-os-Montes para uma apresentação, no domingo, na Festa do «Avante!», o **Grupo de Teatro de Vinhais** é um exemplo, entre outros, de que o amor pelo teatro não se confina aos grandes centros urbanos do litoral e que, para além de público, tem actores e técnicos capazes de garantir presenças de qualidade.

Bailado e folclore

Desde há uns anos a esta parte, aproveitando as boas condições que o espaço do Avanteatro tem para ser utilizado por outras formas de arte, que a dança tem sido apresentada no palco daquela «sala». Este ano isso vai acontecer de novo, com o ponto alto que será protagonizado por **Bruno Schiappa** e **Mónica Lapa** que apresentam uma bela coreografia intitulada «Puzzle». Noutra área de expressão da dança, o **NEFAP-Núcleo de Etnografia e Folclore da Academia do Porto** vai apresentar-se neste palco.

O **NEFAP** foi fundado em 1982 por um grupo de estudantes e licenciados pela Universidade do Porto e tem como principais objectivos a recolha, estudo, compreensão e divulgação do folclore português, apresentando-o sob a forma de espectáculo de danças, cantares e outras manifestações da cultura popular.



«Os Construtores»: espectáculo de rua pelo grupo Zéphiro

Zéphiro

«Quatro operários da construção civil chegam ao local onde foram incumbidos de fazer uma obra. Predispostos à brincadeira, aproveitam todos os instantes durante o trabalho para dar largas à sua imaginação - cada objecto manipulado transforma-se e transforma a situação.»

Assim é apresentada a peça «Os Construtores» pelo grupo de teatro **Zéphiro**. Trata-se de uma peça inserida na tradição do teatro de rua, podendo assim ser apresentada virtualmente em qualquer local, dada a ligeireza e maleabilidade cénica que possui.

A Carroça

O **Grupo de Teatro A Carroça** é uma das alternativas de um género de teatro que sempre marcou presença na Festa do «Avante!»: o teatro infantil.

É fácil ir... e voltar da Festa De barco a opção cómoda

Se vive ou se encontra em Lisboa aproveite e apanhe o barco no Terreiro do Paço ou no Cais do Sodré - 45 minutos depois está na Festa do «Avante!». À ida e à volta é uma opção cómoda. Com partidas frequentes no Terreiro do Paço, as carreiras fluviais para o Seixal oferecem a possibilidade de descobrir um Tejo novo e diferente e após o percurso encontrará a qualquer hora a ligação rodoviária (tipo vai-vem) que o deixará à porta da Festa. Se preferir atravessar o Tejo até Cacilhas pode optar entre Terreiro do Paço e o Cais do Sodré, onde terá ao seu dispor carreiras reforçadas durante os três dias da Festa que o levarão ao terreno da Atalaia.

De automóvel conheça as alternativas

Se optar por ir de automóvel tenha em conta as indicações úteis que a organização da Festa estudou para si:

Se vier do Sul ou sair no nó do Fogueteiro deixe o carro nos parques da Torre da Marinha (P3) ou da Mundet (P2) ou no Seixal (P1). Em todo o caso, não ultrapasse a Ponte da Fraternidade. Evita assim a complexidade do trânsito na Amora, para além de encontrar com facilidade espaços de estacionamento, que são servidos permanentemente por autocarros a funcionar em regime de vai-vem que o levarão

rapidamente ao terreno da Festa. Se vier de Lisboa, como alternativa à auto-estrada do Sul e à Estrada Nacional 10, sugerimos que utilize a nova variante à EN 10, frente ao Pão de Açúcar de Almada.

Ao sair da Festa, existem também algumas alternativas à auto-estrada do Sul e à EN10. Siga, por exemplo, o seguinte percurso: Paivas ou Cruz de Pau, Belverde, Marisol, Charneca da Caparica e via rápida da Costa. Ou então vá por Stª Maria de Corroios, estrada da Sobreda e Feijó/variante à EN10 ou via rápida da Costa. Todos estes percursos são visíveis no mapa que publicamos, bem como se encontram

assinalados com setas da Festa do «Avante!» ao longo das estradas. Estas indicações estão igualmente incluídas num folheto editado pela organização da Festa que ajudará o

visitante a escolher a melhor forma de se deslocar à Festa. Portanto, se não conhece a região não tema aventurar-se. Encontrará sempre o melhor caminho para a Festa.

TRANSPORTES FLUVIAIS

●Via Cacilhas

-Do Terreiro do Paço (até às 21.00) e do C. do Sodré (sempre)
-90\$00/Bilhete ou passe S.
-Partidas de Lisboa de 15 a 20 min.

Partidas de Cacilhas

6ª Feira	Sábado	Domingo
23.00	23.00	21.00
23.15	23.15	21.20
23.30	23.30	21.40
23.45	23.45	22.00
24.00	24.00	22.15
00.20	00.20	22.30
00.40	00.40	23.00
01.00	01.00	23.15
01.20	01.20	23.30
01.40	01.40	24.00
02.00	02.00	00.40
02.20	02.20	01.20
03.00	03.00	02.00
04.00	03.30	

●Via Seixal

-Do Terreiro do Paço
-200\$00/Bilhete
-Descobrimo um Tejo novo e diferente

Via Seixal

6ª Feira	Sábado	Domingo
Lisb. Seixal	Lisb. Seixal	Lisb. Seixal
17.00	07.35	09.25
17.40	08.45	10.35
18.00	09.55	11.45
18.20	11.05	12.55
18.45	12.15	14.05
19.10	13.25	15.15
19.35	14.35	16.25
20.00	15.55	20.30
20.45	16.55	21.40
23.40	18.05	22.50
00.50	19.15	24.00
02.00	01.10	22.50
03.10	02.20	24.00

TRANSPORTES RODOVIÁRIOS

●Cacilhas - Festa (Medideira ou Qª da Princesa)

-250\$00 a bordo;
152\$00 pré-comprado e passe S
-Sexta-feira e Sábado com carreiras até às 02.15 (Qª da Princesa)
-Domingo com carreiras até às 24.00h (Qª da Princesa)

●Amadora (Parque Central) - Festa (Medideira)

-750\$00 ida e volta; 550\$00 por viagem.

Sexta-feira

Ida
Das 17.00 às 22.00
Regresso
Das 18.00 às 01.00

Sábado e Domingo

Ida
Das 08.00 às 22.00
Regresso
Das 9.00 às 01.00

●Seixal - Festa (Medideira)

-150\$00 a bordo;
114\$00 pré-comprado e passe SX
-Vai-vem de ligação com os barcos no Seixal. Paragens nos parques automóveis do Seixal (P1 da Mundet; P2 da Torre da Marinha; P3 da Ponte da Fraternidade)

●Cascais (Alto do Pires) - Festa (Medideira)

-850\$00 ida e volta

Sábado e Domingo

Com partida
Às 8.30
Regresso
às 01.30 (Sábado)
22.30 (Domingo)

●Baixa da Banheira - Festa (Medideira)

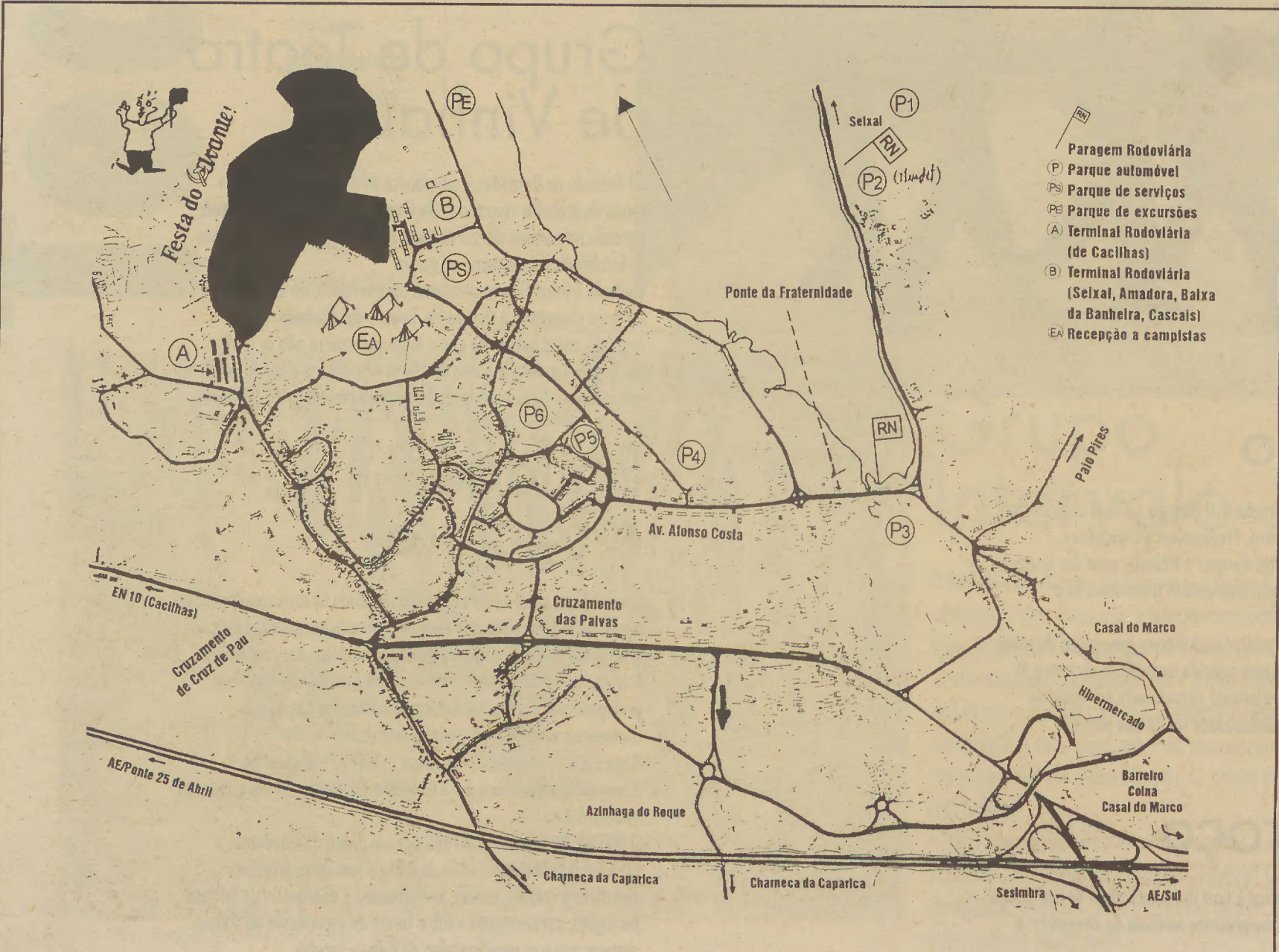
-435\$00 a bordo e 342\$00 pré-comprado - (via Lavradio, Barreiro, Qª da Lomba, Palhais, S.to António da Charneca, Coia, Paio Pires)

Sexta-feira

Ida
18.00
19.00
20.00
21.00
21.30
Regresso
23.00
24.00
00.30
01.00
01.30
02.00

Sábado e Domingo

Ida	Regresso
10.30	18.00
11.30	19.00
12.30	20.00
13.30	21.00
15.00	22.00
16.00	22.30
18.00	23.30
19.30	24.00
20.00	00.30*
21.00	01.00*
só no sábado	01.30
	02.00*





Festa do Livro e do Disco



Ocupando um conjunto de amplas, agradáveis e funcionais tendas, a Festa do Livro e do Disco permite aos visitantes contactarem com uma vasta selecção de livros e discos das mais representativas editoras nacionais. O desconto geral de 25% nas novidades, os saldos (com preços de 300\$00, 600\$00, 800\$00, 1000\$00 e 1200\$00) e as promoções a preços especiais tornam indispensável uma visita à Festa do Livro e do Disco. Refira-se ainda a secção de brinquedos, melhorada em correspondência com o cada vez maior interesse que vem despertando. Espaço de encontro com os livros e os discos e simultaneamente de diálogo com os autores, a Festa do Livro e do Disco é uma significativa manifestação cultural da Festa do Avante!

De **Álvaro Cunhal**
duas obras fundamentais para a compreensão do processo da revolução de Abril



Ação Revolucionária, Capitulação e Aventura
~~1995\$00~~ 1500\$00

A Revolução Portuguesa. O Passado e o Futuro
~~2499\$00~~ 1500\$00

Álvaro Cunhal

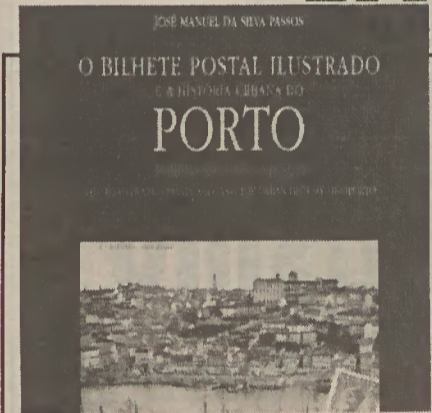
Acção Revolucionária, Capitulação e Aventura

Álvaro Cunhal

A Revolução Portuguesa

O Passado e o Futuro

Livros para ter e oferecer



J. M. da Silva Passos, O Bilhete Postal Ilustrado e a História Urbana do Porto

~~13 950\$00~~ 9000\$00



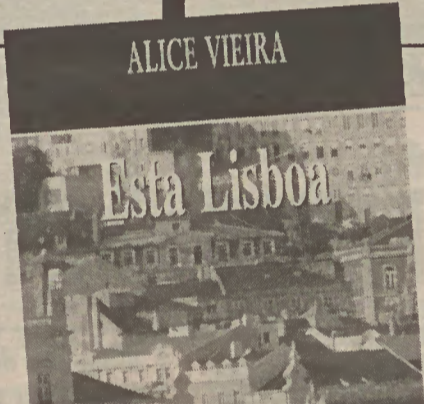
J. M. da Silva Passos, O Bilhete Postal Ilustrado e a História Urbana de Lisboa

~~13 950\$00~~ 9000\$00



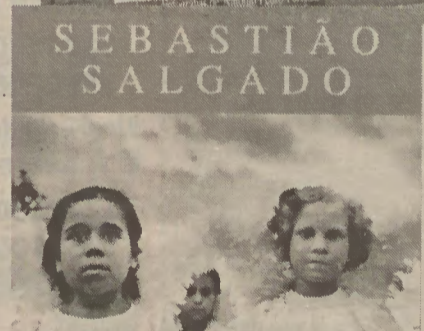
Luís de Albuquerque, Navegadores, Viajantes e Aventureiros Portugueses

~~13 950\$00~~ 9000\$00



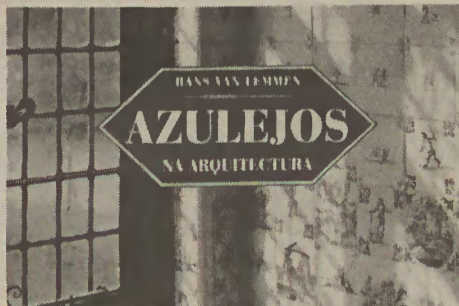
Alice Vieira, Esta Lisboa

~~8 400\$00~~ 5 500\$00



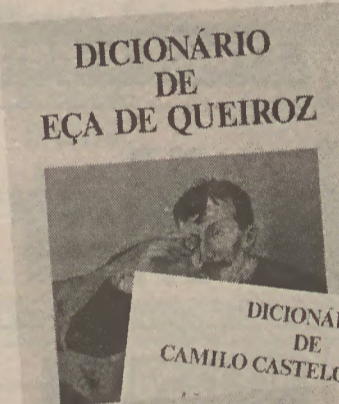
Sebastião Salgado, Um Incerto Estado de Graça

~~12 600\$00~~ 8000\$00



Hans van Lemmen, Azulejos na Arquitectura

~~7 980\$00~~ 4 800\$00



A. Campos Matos, Dicionário de Eça de Queiroz

~~9 975\$00~~ 6 500\$00

Alexandre Cabral, Dicionário de Camilo Castelo Branco

~~5 145\$00~~ 3 200\$00

Jorge Leitão Ramos, Dicionário do Cinema Português (1926-1988)

~~6 090\$00~~ 4 000\$00

G. Tavani e G. Lanciani, Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa

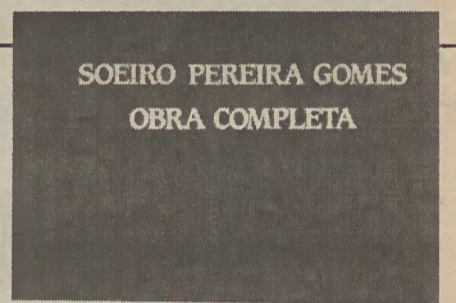
~~9 975\$00~~ 6 500\$00

Luís Albuquerque, Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses - I

~~6 300\$00~~ 4 000\$00

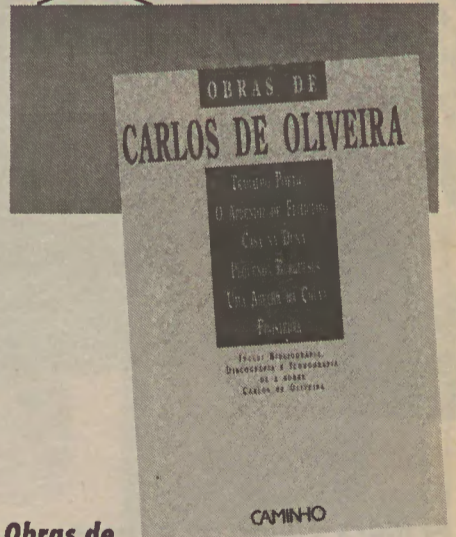
Luís Albuquerque, Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses - II

~~6 300\$00~~ 4 000\$00



Obra Completa de Soeiro Pereira Gomes

~~4 998\$00~~ 3 000\$00



Obras de Carlos de Oliveira

~~5 985\$00~~ 4 000\$00



Obras de Raul de Carvalho

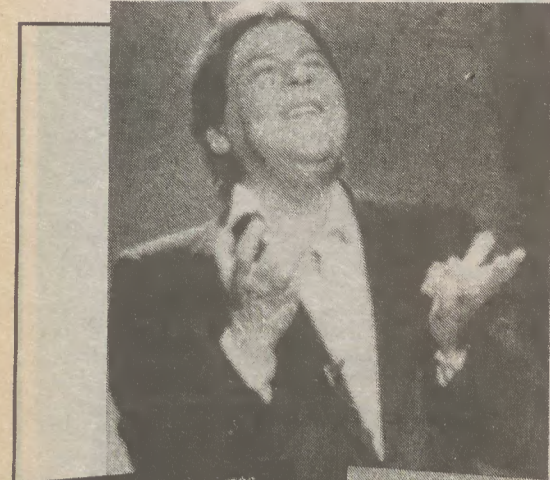
~~8 925\$00~~ 5 000\$00

Promoções especiais com desconto até 40% • Desconto mínimo de 25%

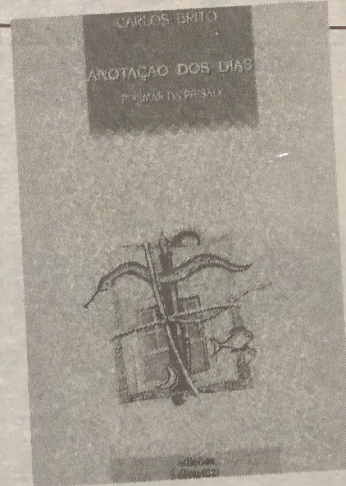
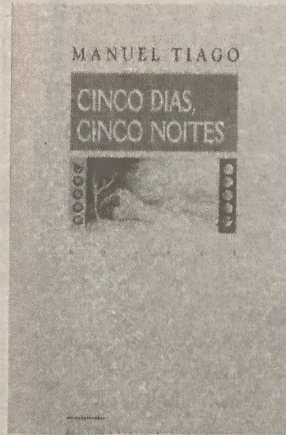
Saldos fins de edição a 300\$00 • 600\$00 • 800\$00 • 1000\$00 E 1200\$00 • LIVROS A PREÇOS DE FESTA!



Festa do Livro e do Disco

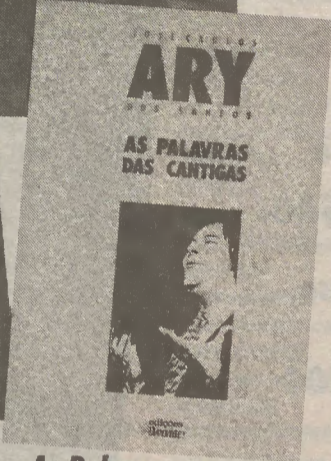
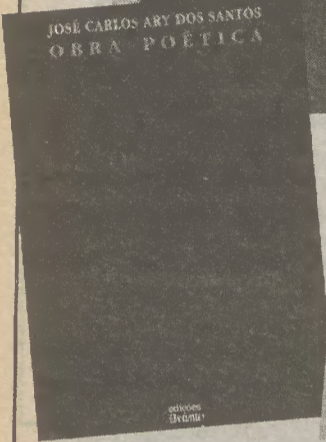


Manuel Tiago
(pseudónimo literário de Álvaro Cunhal)



Carlos de Brito,
Anotação dos Dias - Poemas da Prisão

~~1478\$00~~
1000\$00



Até Amanhã, Camaradas
~~1688\$00~~
1000\$00

Cinco Dias e Cinco Noites
~~1268\$00~~
800\$00

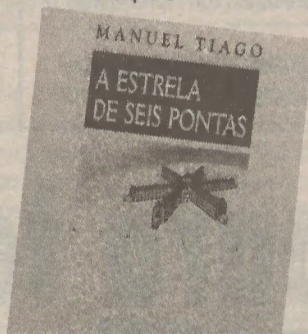
José Ricardo, Romanceiro do Povo Miúdo
~~2318\$00~~ 600\$00

Fernando Miguel Bernardes, Uma Fortaleza da Resistência
~~1898\$00~~ 600\$00

Obra Poética
~~3508\$00~~
2500\$00

As Palavras das Cantigas
~~1995\$00~~
1500\$00

E pela primeira vez na Festa:
A Estrela de Seis Pontas
~~1688\$00~~
1200\$00

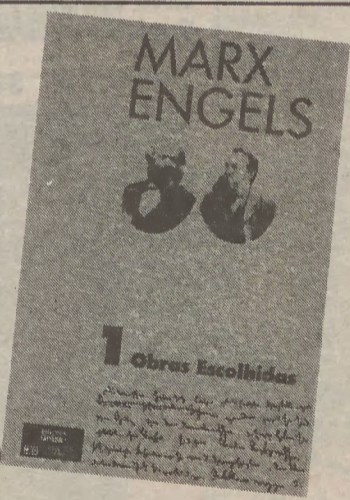


Joaquim Campino, Histórias Clandestinas
~~1478\$00~~
600\$00

«... e ei-lo poeta todo mãos abertas para apanhar tudo o que a vida dá. Porquê esta voracidade? Leiam-no...»
Natália Correia

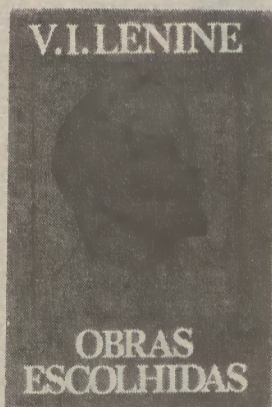
Preços especiais de Festa!

Clássicos do Marxismo-Leninismo



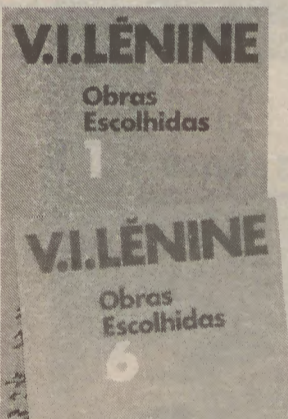
Obras Escolhidas de Marx-Engels em 3 tomos

~~2992\$50~~ 1000\$00
(cada tomo)



Obras Escolhidas de Lénine em 3 tomos
~~2992\$50~~ 1000\$00
(cada tomo)

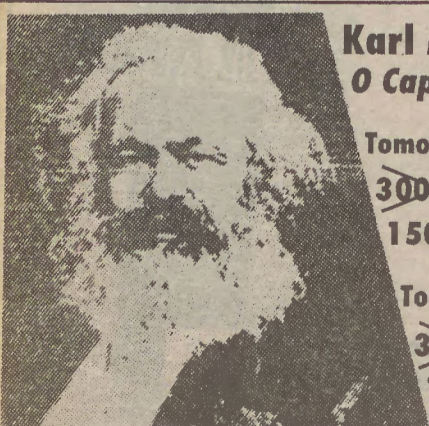
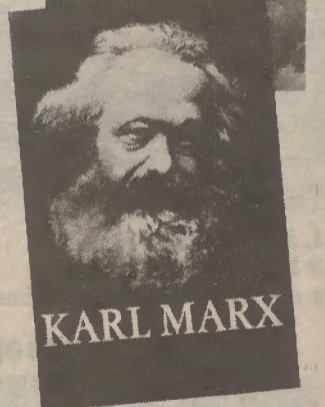
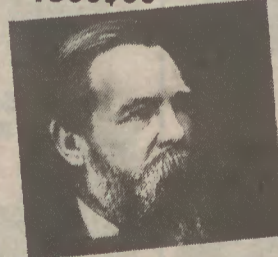
Obras Escolhidas de Lénine em 6 tomos
~~1995\$00~~ 800\$00
(cada tomo)



Biografia de Karl Marx
~~3308\$00~~
1500\$00

Biografia de Friedrich Engels
~~3308\$00~~
1500\$00

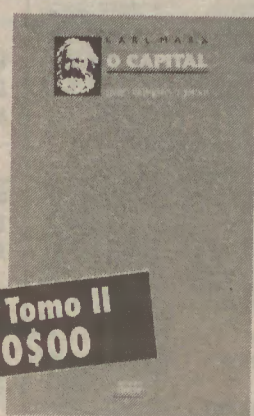
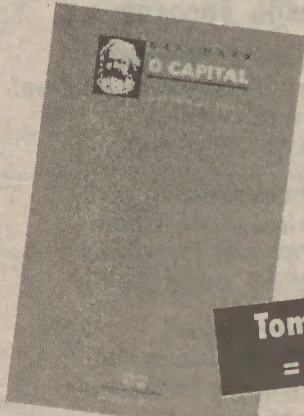
Biografia de V. I. Lénine
~~3308\$00~~
1500\$00



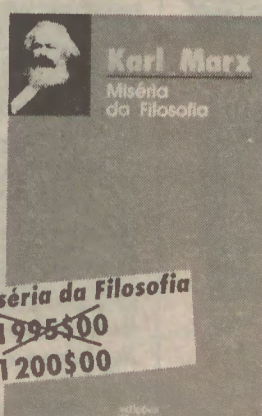
Karl Marx O Capital

Tomo I
~~3008\$00~~
1500\$00

Tomo II
~~3008\$00~~
1500\$00



Tomo I + Tomo II = 2500\$00



Miséria da Filosofia
~~1995\$00~~
1200\$00



Manuscritos Económico-Filosóficos de 1844
~~1995\$00~~
1200\$00

Promoções especiais com desconto até 40% • Desconto mínimo de 25%

Saldos fins de edição a 300\$00 • 600\$00 • 800\$00 • 1000\$00 E 1200\$00 • LIVROS A PREÇOS DE FESTA!

PUBLICIDADE

PARA OS MAIS NOVOS, LIVROS MAIS ACESSÍVEIS



Soeiro Pereira Gomes, *Esteiros*



Alves Redol, *A Vida Mágica da Sementinha*

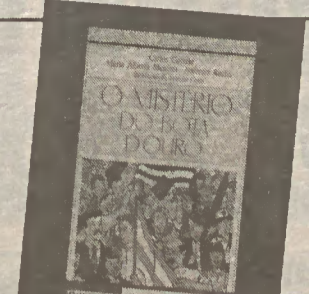


500\$00 cada título
Aproveite os preços da Festa!

Ana Magalhães e Isabel Alçada, *Uma Aventura em Macau*

Carlos Correia, Maria Alberta Menéres e Natércia Rocha, *O Mistério do Bota d'Ouro*

Ana Magalhães e Isabel Alçada, *Mataram o Rei!*



Fernando Bento Gomes, *Viagem pelo Mundo da Folia*

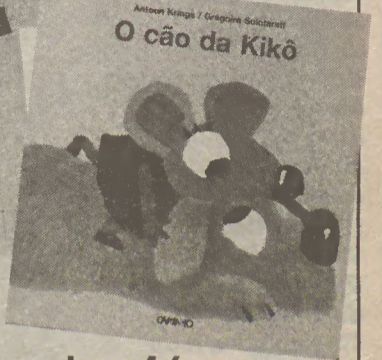
Ana Magalhães e Isabel Alçada, *Os Músicos Mágicos*



Glória Bastos, *A Princesa e o Tambor*

Nico Orengo, *Uma Borboleta para Alice*

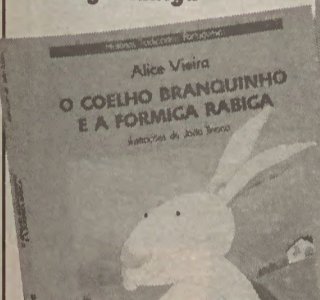
300\$00 cada título
Aproveite os preços da Festa!



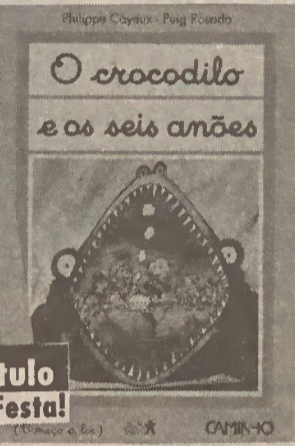
Jogos 4-6 anos

O Cão da Kikô

Cadernos para colorir



500\$00 cada título
Aproveite os preços da Festa!



Brian Moses, *Estou Triste*
Estou Zangado
Tenho Inveja
Tenho Medo



1260\$00 cada título **800\$00** cada título Aproveite os preços da Festa!

Mandy Suhr, *A Vista*
O Ouvido
O Tacto
O Gosto
O Olfacto



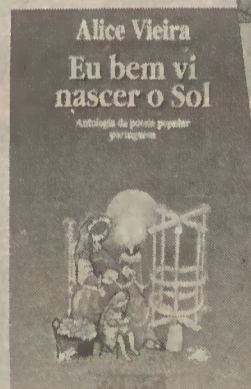
PARA OS MAIS NOVOS, OS LIVROS MAIS BELOS

A História por Dentro

- Andrew Langley, *A Era da Indústria*
- Laverance and Wood, *Grécia Antiga*
- Simon James, *Roma Antiga*
- Judith Crosher, *Egipto Antigo*
- Sarah Howarth, *A Idade Média*



3000\$00 cada título **2000\$00** cada título



Alice Vieira, *Eu Bem Vi Nascer o Sol*
~~2835\$00~~ 2000\$00

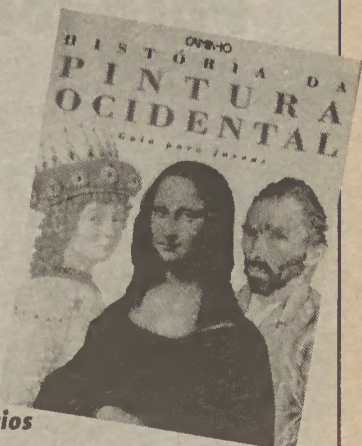


David West e Steve Parker, *53 1/2 Coisas Que Mudaram o Mundo*
~~2499\$00~~ 1800\$00



Ingrid e Dieter Schubert, *Elefantes e Formigas*
~~2499\$00~~ 1800\$00

Juliet Heslewood, *História da Pintura Ocidental (Guia para Jovens)*
~~2940\$00~~ 1800\$00



Tim Gardom e Angela Milner, *O Livro dos Dinossáurios*
~~3497\$00~~ 2400\$00

Brinquedos e livros para os mais pequenos
Grande variedade de discos e CD's

Festa
Avante!

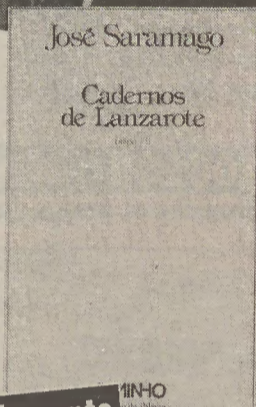
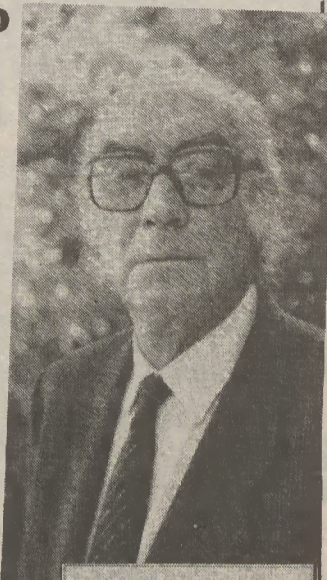
Festa do Livro e do Disco

A PALAVRA AOS AUTORES PORTUGUESES

José Saramago

Do autor:

A Noite Que Farei com Este Livro?
Levantado do Chão
Os Poemas Possíveis
Memorial do Convento
Manual de Pintura e Caligrafia
Objecto Quase
O Ano da Morte de Ricardo Reis
Viagem a Portugal
Provavelmente Alegria
Deste Mundo e do Outro
A Bagagem do Viajante
A Jangada de Pedra
A Segunda Vida de Francisco de Assis
O Ano de 1993
História do Cerco de Lisboa
Os Apontamentos
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
In Nomine Dei
Cadernos de Lanzarote - I
Cadernos de Lanzarote - II

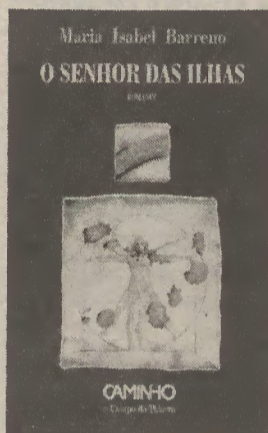


25% de desconto

Maria Isabel Barreno

Da autora:

A Morte da Mãe
Crónica do Tempo
O Enviado
O Chão Salgado
Os Outros Legítimos Superiores
Os Sentos Incomuns
O Senhor das Ilhas



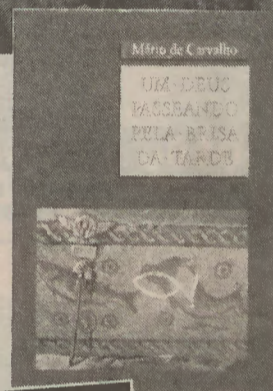
25% de desconto

Mário de Carvalho

Grande prémio da APE, 1995

Do autor:

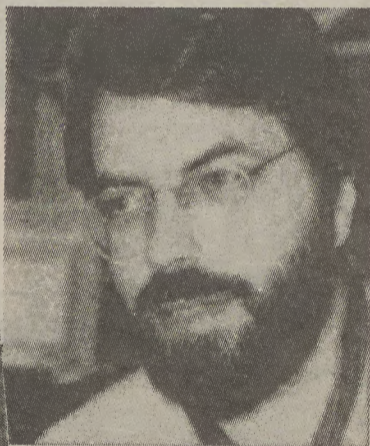
Os Alferes
Contos da Sétima Esfera
Quatrocentos Mil Sestércios, Seguido de O Conde de Jano
Caso do Beco das Sardinheiras
Água em Pena de Pato
A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho
A Paixão do Conde de Fróis



25% de desconto

A MELHOR LITERATURA DE TODO O MUNDO

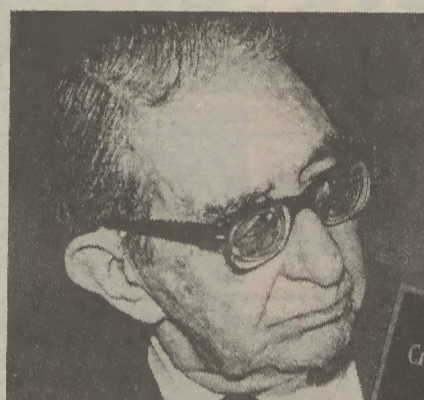
Mia Couto



Do autor:

Vozes Anotecidas
Cada Homem É Uma Raça
Cronicando
Terra Sonâmbula
Estórias Abensonhadas

25% de desconto



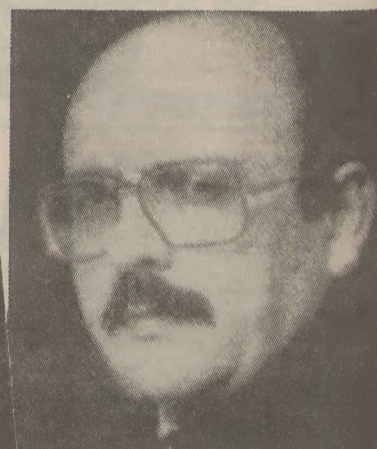
Gonzalo Torrente Ballester

Do autor:

Fragmentos de Apocalipse
Crónica do Rei Pasmado
A Morte do Decano

25% de desconto

Manuel Vázquez Montalbán



Do autor:
O Pianista Galindez

25% de desconto

Para conhecer os problemas do mundo contemporâneo

DANIEL SAMPAIO
INVENTEM-SE NOVOS PAIS

ALBERT MEMMI



Daniel Sampaio, *Inventem-se Novos Pais*

~~2499\$00~~ 1500\$00

Albert Memmi, *O Racismo*

~~2205\$00~~ 1500\$00

Rui Afonso, *Um Homem Bom*

~~3398\$00~~ 2500\$00

Constance Colonna-Cesari, *Urbi et Orbi*

~~3368\$00~~ 2000\$00

Tomás Borge, *Um Grão de Milho*

~~2948\$00~~ 1900\$00

5.ª EDIÇÃO

CAMINHO NOSSO MUNDO

CAMINHO NOSSO MUNDO

RUI AFONSO

UM HOMEM BOM

ARTISTAS DE SÓDRE, MÉDICO G. WALLENTIN, P. D. T. M.



FIGEL CASTRO

UM GRÃO DE MILHO

UMA CONVERSA COM TOMÁS BORGE

CAMINHO NOSSO MUNDO

CONSTANCE COLONNA-CESARI

URBI ET ORBI

A GENEALOGIA DO SACRAMENTO



CAMINHO NOSSO MUNDO

Aproveite os preços da Festa!

Mais de três dezenas de editoras representadas

TUDO A PREÇOS DE FESTA